

== Revista da **SOCIEDADE**
de **GEOGRAFIA** do Rio de Janeiro

T O M O L — 1 9 4 3

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alberto Couto Fernandes — Alexandre Emílio Sommer —
Antônio Santos Oliveira Júnior — Carlos Domingues —
Fernando Antônio Raja Gabaglia.

Redator responsável — Carlos Domingues

S U M Á R I O

1883 — 1943.

Almirante Raul Tavares — Discurso pronunciado por ocasião da abertura da Sessão Magna comemorativa do 60º aniversário da instalação da Sociedade.

Eng. Cristóvão Leite de Castro — Saudação do Conselho Nacional de Geografia à Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro.

Dr. Francisco de Sousa Brasil — Discurso.

Desembargador Carlos Xavier Pais Barreto — Discurso.

Comandante César Feliciano Xavier — 450º aniversário da Descoberta da América.

General José Vieira da Rosa — Serras e Litorais do Brasil Meridional.

Capitão-de-Fragata L. de Oliveira Belo — Algumas verdades acerca do descobrimento do Brasil.

Prof. Luiz Pinto — O Rio Paraíba-do-Norte Fixador Humano. Décimo Congresso Brasileiro de Geografia.

Relatório das Atividades da Sociedade em 1942.

Resumo en Esperanto de ĉiuj artikoloj

PRAÇA DA REPÚBLICA, 54 - 1.º — Rio de Janeiro

B R A S I L



SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO

Fundada em 25 de fevereiro de 1883 e reconhecida de utilidade pública por Decreto n.º 3.440 de 27 de dezembro de 1917.

ADMINISTRAÇÃO DO BIÊNIO 1943-1944

DIRETORIA

Presidente -- Ministro Almirante Raul Tavares.
1.º Vice-Presidente . -- Ministro Bernardino José de Sousa.
2.º " " . -- Doutor Taciano Accioli Monteiro.
3.º " " . -- General Emílio Fernandes de Sousa Doca.
Secretário-Geral . . -- Doutor Carlos Domingues.
1.º Secretário -- Doutor João Ribeiro Mendes.
2.º " -- Doutor Eptácio Monteiro Pessoa.
Tesoureiro -- Doutor Alberto Couto Fernandes.
Orador Oficial -- Desembargador Carlos Xavier Pais Barreto.

CONSELHO DIRETOR

General Artur Pinheiro da Silva.
General Heliodoro de Miranda.
General José Vieira da Rosa.
General Salvador Barbalho Uchoa Cavalcanti.
Coronel Francisco Jaguaribe Gomes de Matos.
Major Frederico Augusto Rondon.
Major Manuel Carlos de Sousa Ferreira.
Comandante César Feliciano Xavier.
Comandante Luiz Alves de Oliveira Belo.
Engenheiro Cristóvão Leite de Castro.
Doutor Francisco José Rodrigues de Oliveira.
Doutor Francisco de Sousa Brasil.
Doutor Herbert Canabarro Reichardt.
Doutor José Matoso Maia Forte.
Doutor José Wanderley de Araújo Pinho.
Doutor Mário Rodrigues de Sousa.
Doutor Murilo de Miranda Basto.
Doutor Paulo José Pires Brandão.

COMISSÃO DE CONTAS

Coronel Luiz Mariano de Barros Fournier.
Doutor José Joaquim da Trindade Filho.
Doutor Leopoldo Feijó Bittencourt.
Doutor Randolpho Fernandes das Chagas.
Doutor Rodrigo Otávio Langgaard Menses Filho.

COMISSÃO DE REDAÇÃO DA REVISTA

Doutor Alberto Couto Fernandes.
Doutor Alexandre Emílio Sommier.
Doutor Antônio Santos Oliveira Júnior.
Doutor Carlos Domingues.
Doutor Fernando Antônio Raja Gabaglia.

Revista da **SOCIEDADE**
de **GEOGRAFIA** do Rio de Janeiro

T O M O L — 1 9 4 3

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alberto Couto Fernandes — Alexandre Emílio Sommier —
Antônio Santos Oliveira Júnior — Carlos Domingues —
Fernando Antônio Raja Gabaglia.
Redator responsável — Carlos Domingues

Í N D I C E

1883 — 1943	3
Almirante Raul Tavares — Discurso pronunciado por ocasião da abertura da Sessão Magna comemorativa do 60º aniversário da instalação da Sociedade	5
Eng.º Cristóvão Leite de Castro — Saudação do Conselho Nacional de Geografia à Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro	7
Dr. Francisco de Sousa Brasil — Discurso	14
Desembargador Carlos Xavier Pais Barreto — Discurso .	21
Comandante César Feliciano Xavier — 450º aniversário da Descoberta da América	25
General José Vieira da Rosa — Serras e Litorais do Brasil Meridional	36
Capitão-de-Fragata L. de Oliveira Belo — Algumas verdades acêrca do descobrimento do Brasil	50
Prof. Luiz Pinto — O Rio Paraíba-do-Norte Fixador Humano	76
Décimo Congresso Brasileiro de Geografia	88
Relatório das Atividades da Sociedade em 1942	91

PRAÇA DA REPÚBLICA, 54 - 1.º — Rio de Janeiro

B R A S I L



Em cima — Sessão em 25 de Fevereiro de 1943, comemorativa da Fundação da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro
Em baixo — Sessão em 16 de Setembro de 1943, comemorativa da Instalação da Sociedade.

1883 - 1943

O corrente ano marca na vida da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro alguma coisa mais que um ano vencido. Assinala seis décadas de existência, durante as quais sempre lutou e continua a pugnar em prol dos seus altos propósitos de bem servir à cultura e à ciência do Brasil.

Em 25 de fevereiro dêste ano, a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro comemorou modesta mas entusiásticamente o 60.º aniversário da sua fundação, ocorrida em igual data do ano de 1883, quando um punhado de cultores da geografia se reuniram para lançar os fundamentos desta instituição que teve o apoio da vontade férrea de homens como o Marquês de Paranaguá, Barão de Tefé, Barão de São-Francisco, General Henrique de Beaurepaire Rohan, Conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, Dr. Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay, Dr. André Gustavo Paulo de Frontin, Dr. Francisco Pereira Passos, Conselheiro Tristão de Alencar Arape e vários outros.

A Sociedade soube depor os seus destinos sucessivamente sob a sábia e previdente direção de personalidades do porte do Marquês de Paranaguá, Barão Homem de Melo, General Taumaturgo de Azevedo, Almirante Gomes Pereira e General Moreira Guimarães que nos legaram um patrimônio intelectual e moral intemerato.

Ainda em 16 de setembro celebrou-se solenemente a efeméride do 60.º aniversário da instalação da Sociedade de Geo-

grafia, e ela recebeu nessa data as mais efusivas manifestações por parte de instituições congêneres, avultando entre tôdas a significativa homenagem prestada pelo Conselho Nacional de Geografia, o brilhante órgão especializado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A "REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO-DE-JANEIRO" tem a honra de apresentar aos seus distintos associados e ao público, no presente volume, o texto dos discursos pronunciados por ocasião das comemorações do 60.º aniversário da instalação, ao mesmo tempo que se sente jubilosa por atingir com esta edição o TOMO L. da sua coleção, a qual encerra tão valiosas obras.

Anunciamos, outrossim, que no próximo número publicaremos o trabalho intitulado "História da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro" de autoria do ilustre historiador e nosso consócio Capitão-de-Fragata Luiz Alves de Oliveira Belo, que relatará os principais eventos e iniciativas da nossa associação.

Dezembro de 1943.

**DISCURSO DO MINISTRO ALMIRANTE RAUL
TAVARES, PRESIDENTE DA SOCIEDADE DE
GEOGRAFIA DO RIO-DE-JANEIRO, PRONUNCIADO
POR OCASIÃO DA ABERTURA DA SESSÃO COME-
MORATIVA DO 60.º ANIVERSÁRIO DA INSTALA-
ÇÃO DA SOCIEDADE EM SUA SÉDE EM 16 DE
SETEMBRO DE 1943.**

Exmos. Srs. ! Meus confrades!
Meus Senhores!

A data de hoje representa para esta Casa de trabalho e de estudo, sessenta anos de existência em prol da Geografia e todos os seus ramos de conhecimentos indispensáveis ao seu cultivo e progresso.

Há, justamente, dois anos que no dia de hoje, comemorando-se o 58.º aniversário desta Sociedade, tive ocasião de dizer: "A data de hoje é para todos nós memorável, porque representa mais de meio século de labor dedicado ao culto da Geografia e significa, ao mesmo tempo, o amor dos brasileiros pelas ciências que concorrem para o progresso e a grandeza do Brasil".

Poderei agora e sempre repetir a mesma coisa sem receio de ser desmentido pelos fatos. Se mais a Sociedade de Geografia não produz, é em virtude da precariedade dos seus recursos financeiros resultantes de suas fracas condições econômicas. Mas todos que aqui labutam não regateiam esforços da vontade nem cultivo do espírito para oferecer a esta Casa, cujo patrimônio científico e social se faz cada vez maior, o fruto zazonado de sessenta anos de existência. Só a realização de Nove Congressos Brasileiros de Geografia e do Décimo que se realizaria este ano se não fosse a guerra, o que quer dizer a média de um Congresso em cada seis anos, além da farta colaboração na sua Revista e da série grande de conferências efetuadas em sua séde, tão pobre e que por isso mesmo mais nos orgulha, são bastante suficientes para provar o quanto se tem feito em prol da Geografia e do Brasil. É verdade que o Nonoo e o Décimo Con-

gresso que se si realizar para o ano, si assim aprouver a Deus, deveu aquele o seu êxito e o último terá certamente maior brilhantismo, pelo auxílio enorme que nos tem prestado o Govêrno do Brasil e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Nós não poderemos esquecer êsses auxílios tão eficazes e tão solícitos que os nossos confrades do Instituto nos prodigalizam, bem como os do seu órgão especializado o Conselho Nacional de Geografia que nos honra com desvanescedora homenagem. E, para terminnar, deponho em seus corações, juntamente com os de todos da Sociedade, os meus mais sinceros e efusivos agradecimentos, também saídos dos nossos corações. Declaro, portanto, aberta a Sessão Magna da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

16-9-43.

RESUMO EN ESPERANTO

Parolado farita de la Prezidanto de la Societo de Geografio, Ministro Admiralo Raul Taxares, okaze de la malfermo de la Solena Kunsido memoriga de la sesdeka datreveno de la Societa fondo, okazinta la 60an de septembro 1883a. La parolinto faris rapidan rerigardon pri la celoj de la fondo, samtempe kiam li dankis la helpon faritan de la Brazila Registaro kaj de la Brazila Instituto de Geografio kaj Statistiko por la organizo de la Brazilaj Kongresoj de Geografio. Li finis sian paroladon per varmaj dankoj al la Konsilataro de Geografio pro la fierigaj homaĝoj tiam farataj kiuj multe honoras la Societon.

SAUDAÇÃO

Feita pelo Eng.º Cristóvão Leite de Castro, Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia, na Sessão Comemorativa do 60.º aniversário da instalação da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro.

INTRODUÇÃO

Cabe-me a missão — e quanta ventura há nisso para mim — de trazer à benemérita Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro as saudações calorosas e amigas do Conselho Nacional de Geografia, nesta solene sessão magna em que, na comemoração de passagem de 60.º aniversário da sua efetiva e fecunda existência, reunimos aplausos, manifestamos regosijos, expressamos entusiasmo e admirações, no louvor à magnífica obra cultural e social que emana dos 60 anos da Sociedade, vividos no esforço sublime, devotado, incessante e patriótico de promover o melhor conhecimento de território do Brasil.

É um florilégio cultural a história desses 60 anos, escrita esplendidamente por dirigentes de grande saber e larga projeção social que, valendo-se do concurso prestimoso de sócios eminentes e cultos, conseguiram realizar reuniões memoráveis, levar a efeito notáveis Congressos, manter substanciosa Revista especializada, e destarte, conduziram a Sociedade aos seus destinos gloriosos.

OS PRESIDENTES

Na galeria fulgurante dos Presidentes, repontam, numa sucessão harmoniosa, altos valores intelectuais, formando constelação cultural de primeira grandeza.

Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Melo, Marechal Taumaturgo de Azevedo, Almirante Gomes Pereira, General Moreira Guimarães, eis um pentálogo glorioso, que, aos pósteros, se apresenta como as contas de um rosário de brilhantes, a se-

rem desfiadas perante o altar da Pátria, em evocações de civismo, como exemplos inegaláveis de amor à ciência e à terra do Brasil.

E, na Presidência da Sociedade, no momento, a personalidade marcante e prestigiosa de Raul Tavares, que, na direção, aplica a clarividência do saber e os ensinamentos duma grande experiência. De fato, a dar-lhe rumos certos, como timoneiro seguro, é ele o Almirante inexcedível, que, desviando a náu dos perigos das procélas, a conduz sempre aos seus destinos; magistrado esclarecido, suas decisões são justas e firmes; e, lhe é fácil a atuação nos negócios e na administração, Ministro experimentado que é.

Tem portanto a Sociedade um grande Presidente, tão característicos lhe são o pulso do Almirante, o tirocinio do Ministro, a sabedoria do Juiz, o saber do Geógrafo.

OS CONGRESSOS

Bastaria a realização dos Congressos Brasileiros de Geografia para glorificar esta benemérita Sociedade.

Em uma primeira série, levou a efeito oito Congressos, nos anos de 1909, 1910, 1911, 1915, 1916, 1919, 1922 e 1926, respectivamente nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Paraíba e Vitória, inaugurados todos eles no dia 7 de Setembro — o Dia da Pátria —, no louvável intuito de firmar uma tradição lógica, pois a Geografia, na sua dituturna missão de aperfeiçoar o conhecimento do território nacional, há-de ser sempre eminentemente patriótica.

Os oitos Congressos, da primeira série, presididos por eminentes figuras da Geografia brasileira, conseguiram ao todo 3.324 adesões e 575 teses, ou seja uma média de 415 adesões e de 72 teses por Congresso.

Em uma segunda série, que se inaugurou com o IX Congresso, realizado em 1940 em Florianópolis, a Sociedade retomou a sequência, agora de maneira ritmada e certa, estabelecendo a reunião trienalmente.

Encontrou a nova série um Brasil mais preparado sob o ponto de vista cultural-geográfico, daí a maior receptividade do meio, que já no IX Congresso se evidenciou no número de adesões efetivadas, 2.137, e das teses oferecidas, 214, números que excederam aos máximos anteriormente obtidos.

E o X, cuja inauguração em Belém do Pará foi adiada para 7 de Setembro do ano vindouro, com as 1936 adesões já obtidas e as 128 teses recolhidas, isso um ano antes da inauguração, certamente levantará mais alto ainda os índices do êxito cultural.

A PRODUÇÃO CULTURAL

Impressionante portanto havia de ser — como de fato o é — a produção cultural da Sociedade.

As Conferências, que, numerosas e brilhantes, tratam de assuntos os mais variados e palpitantes da ciência geográfica, constituem magnífica biblioteca da Geografia do Brasil.

A recepção a professores e geógrafos estrangeiros, em ambiência de pura ressonância científica, reflete o renome da instituição no exterior.

Através de comissões técnicas, que constituiu para o estudo de determinadas questões especializadas, a colaboração da Sociedade com os poderes públicos em compreensivos e proveitosos entendimentos.

E, concentrando a divulgação de toda a sua atividade cultural e social, aí está a coletânea inestimável da Revista da Sociedade, que bem merece um panegírico, em boa hora entregue à competente, esclarecida e elegante lavra literária do apreciado jornalista e conceituado geógrafo, prof. Francisco de Souza Brasil, cuja palavra na sessão de hoje de encantamento nos deliciará.

PERSPECTIVAS

O panorama brasileiro da cultura geográfica de 1943 é bem diferente daquele de 1883, quando se instalou a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, no fim do 2.º Reinado.

Hoje, no Brasil, trabalha-se em Geografia mais e melhor.

Não vai nisso desdouro para a intelectualidade brasileira, do fim do século passado, sabidamente tão pujante e valorosa: é que o desenvolvimento das atividades geográficas, como de tantas outras ciências e técnicas, se rege pelo próprio ritmo do ciclo evolucionista, mórmente em um país novo como o Brasil.

Demais, é do nosso século a grande transformação metodológica de Geografia, hoje pesquisa científica, com características próprias de observação e de interpretação.

E qual o panorama que nos oferece a Geografia no Brasil de hoje? Verdadeiramente empolgante, não só sob o ponto de vista metodológico, como também e sobretudo no seu aspecto ativo.

A moderna atuação geográfica, como método científico, ganhou os Professores e técnicos brasileiros que, nas aulas, nas conferências, nos trabalhos de campo e de gabinete, nas cartas, porfiam em interpretar os fatos de superfície, correlacionando

os fatores de sua ocorrência, sobretudo na explicação da atitude humana em função das características ambientais.

O ensino da Geografia aprimora-se dia a dia, graças sobretudo às nossas Faculdades de Filosofia que ajuntam seus cursos geográficos ao moderno conceito, e desse modo estão diplomando professores, cheios de entusiasmo pela prática e difusão da nova técnica.

Mais ainda, professores brasileiros, em número apreciável, tem ido aos Estados Unidos para fazer nas grandes Universidades americanas cursos de aperfeiçoamento de Geografia, entregues aos maiores geógrafos da atualidade. Em consequência, já se implanta no Brasil, essa orientação moderníssima da escola americana, no sentido de dar à pesquisa geográfica feição prática, de utilidade imediata. A Geografia, assim entendida, passa agora a figurar também na gerência dos grandes bancos, nos gabinetes das organizações econômicas e da administração pública. E os geógrafos, a serviço deles, vão ao campo fazer as "análises regionais", em que se definem as características fisiográficas da região, as linhas mestras da sua paisagem, e sobretudo a sua função na vida humana e econômica, no presente e nas suas perspectivas futuras. Nessas condições, — coisa surpreendente, dos nossos dias —, está se abrindo, com largas possibilidades, a carreira do geógrafo, que doravante passa a ter voz ativa, ao lado dos banqueiros, administradores e economistas, conduzindo a solução dos problemas econômicos, sociais e políticos, que se ofereçam às grandes instituições, e deixa de ser apenas aquele "maníaco", fechado num gabinete descuidado, de pouca luz e muito pó, em debruços sobre livros e mapas, para, ao fim dos seus estudos, ser ouvido por alguns interessados, desses uma parte formada de colegas curiosos e igualmente maníacos, e outra parte constituída de pacientes criaturas, levadas por obrigações ou contingências.

Pois bem, no Brasil já se inicia essa prática, e, em comprovação à afirmativa, posso mencionar dois fatos: um, a aproveitamento em atividades geográficas, sobretudo no meio oficial, de grande número de diplomados em geografia pelas Faculdades de Filosofia; outro, o levantamento da "análise regional" do vale do São Francisco, que acaba de ser feito, por dois geógrafos brasileiros, rigorosamente de acôrdo com os novos métodos americanos, que deram resultados muito animadores, a propiciarem o prosseguimento crescente da sua adoção no nosso país.

Com base nesses estudos geográficos do vale, é que serão examinadas as possibilidades da aplicação de grandes capitais.

Vejamos agora o panorama geográfico brasileiro no seu aspecto ativo. Defrontamos uma visão impressionante, de uma verdadeira e grandiosa oficina, em que são chamados ao trabalho numerosos operadores, uns supervisionando, outro dirigindo; terceiros executando.

Porque, de fato, no trabalho comum do melhor conhecimento da terra brasileira, se aplicam: mestres e Professores, na doutrinação; técnicos e geógrafos, nos levantamentos; e os estudiosos de todas as categorias, na pesquisa local.

Os Mestres e Professores servem-se das cátedras presentemente numerosas, das tribunas agora frequentes, das reuniões ora difundidas e animadas, das publicações periódicas hoje ritmadas e de adequada feição, e além disso, teem onde publicar em volumes os seus trabalhos mais alentados.

Os técnicos e geógrafos são conclamados para executar trabalhos e campanhas, de caráter científico uns, de extensão nacional outros. De fato, para citar apenas cometimentos de maior envergadura, processam-se no país, graças à clarividência do seu govêrno, os seguintes grandes empreendimentos geográficos, de modo sistemático: 1.º) quinquenalmente, nos anos de milésimo 3 e 8, é feita a revisão da divisão territorial brasileira, compreendendo não só a composição do quadro territorial como também a delimitação e a toponímia dos elementos componentes (comarcas, termos, municípios e distritos), que hoje teem obrigatoriamente definidos, em descrições topográficas, os respectivos limites; 2.º) quinquenalmente, ainda, são revistos, aperfeiçoados e atualizados os mapas dos Municípios brasileiros, dentro do ritmo da revisão da divisão municipal e distrital; 3.º) decenalmente, nos anos de milésimo 0, como tarefa compreendida no plano dos Recenseamentos Gerais da República, prepara-se uma nova edição da Carta Geográfica do Brasil, ao milionésimo, composta de 50 alentadas folhas cartográficas; 4.º) anualmente, realiza-se uma expedição científica, de caráter essencialmente geográfico, para o estudo e levantamento, na época apropriada, de determinada região brasileira, desconhecida ou insuficientemente conhecida; 5.º) permanentemente, através das atividades técnicas dos serviços geográficos, federais e estaduais, hoje numerosos e desenvolvidos, efetuam-se campanhas orgânicas, obedientes e planos preestabelecidos, de determinação de coordenadas, de triangulação geodésica, de levantamentos topográficos e de reconhecimentos gerais.

Os estudiosos, finalmente, — e quantos deles existem por esse Brasil imenso, cheios de ardor pela gleba natal! — teem agora oportunidades para oferecer as suas contribuições culturais, que aliás lhes são solicitadas de maneira hábil e periódica.

É que, anualmente, se empreende um Concurso nacional de monografias de aspectos municipais, o qual, mediante propaganda copiosa e apropriada, é difundido, em todos os Municípios Brasileiros, e distribue aos melhores participantes valiosos e abundantes prêmios, em dinheiro e em publicações geográficas. Os munícipes do Brasil, cada ano, têm nas suas escolas, nos edifícios públicos e nos jornais o edital que fixa os prazos e as instruções para o concurso de monografias referentes aos aspectos municipais, ou seja, exatamente aqueles aspectos geográficos que lhes são acessíveis e familiares.

Desperta-se assim, com segurança e generalidade, de maneira objetiva e orgânica, uma verdadeira consciência geográfica no país.

O intelectual do interior, de tal forma solicitado, há-de valorizar valorizando-se: há-de sentir a necessidade do seu esforço individual na grande campanha nacional; há-de orgulhar-se de ver o seu esforço recolhido e aproveitado em certame nacional, e apreciado pelas autoridades máximas no país, nas pesquisas geográficas.

Aos estudiosos do Brasil, ainda, com a realização dos Congressos Nacionais de Geografia, outra oportunidade de larga projeção e alta classe oferece, trienalmente, para apresentarem suas investigações, no grande banquete da cultura nacional.

A atividade geográfica do Brasil apresenta-se pois, hoje em dia, como majestosa oficina de trabalho e de civismo, na qual para todos os brasileiros há lugar e ensejo, afim de colaborarem na obra comum e altamente patriótica do melhor conhecimento do território nacional.

CONCLUSÃO

Depois de um glorioso ciclo sexagenário, inicia neste instante a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro um segundo ciclo, em ambiência de largas perspectivas e possibilidades.

Enormes lhe são as responsabilidades, em correspondência às suas nobres tradições, no movimento admirável da Geografia brasileira de hoje.

Porem, a convicção de todos é de que, acompanhando o ritmo da evolução e nela desempenhando a sua predestinada missão, a Sociedade viverá mais um ciclo de sessentanos, sublimada em dedicação e esplendor; mesmo porque, no anelo do seu grande amor ao Brasil, passará ela a servir outros e mais outros sexagênios, lamentando até que... "para tão grande amor lhe seja tão curta a vida".

Tenho dito!

RESUMO EN ESPERANTO

S-ro Inđ. Cristovam Leite de Castro, ĝenerala sekretario de la Nacia Konsilantaro de Geografio, salutis la Societon de Geografio de Rio de Janeiro honore de la pasado de la sesdeka datreveno de ĝia fondo. Li transigis la varmajn kaj amikajn salutojn de tiu Konsilantaro al la Societo, elmontrante sian ĝojon, entuziasmon kaj admiron kaj laŭdante la bonegajn kulturajn kaj sociajn faritaĵojn dum la sesdek jaroj vivitaj en la belega, sindona, senĉesa kaj patriota klopodo por la plej bona kono de la brazila teritorio. Li priparolis pri la gravaj figuroj, kiuj prezidis la destinojn de la Societo kaj pri ties kultura verko, speciale pri la realigo de la Brazilaj Kongresoj de Geografio. Poste li faris diversajn konsiderojn pri la instruado de Geografio en Brazilo en la pasinteco kaj nune kaj ankaŭ rerigardon pri la notinda klopodo realigitaj lastatempe por la instruado de la Geografio kaj pri la bonegaj laboroj faritaj.

DISCURSO

Proferido pelo Dr. Francisco de Sousa Brasil na Sessão Comemorativa do 60.º aniversário da Sociedade de Geografia.

Efeméride gratíssima, a que hoje comemoramos. Recordar, em plena guerra, sessenta anos de glórias pacíficas, é avento digno de segura meditação. Aversa a publicidade, inimiga do bulício, dedica a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro toda sua existência ao estudo minucioso da realidade pátria, tão descurada e quase sempre mal interpretada. Quem quer que faça um retrospecto na história da Corografia do Brasil há de encontrar, com frequência, endeusamentos descabidos e injustiças flagrantes. Durante muito tempo, era de bom tom cantar-se a beleza da terra e falar-se mal do homem que a afeiava. No Brasil, todos os males provinham do homem, que não sabia aproveitar devidamente a terra que habitava. A Sociedade de Geografia, porém, sempre foi uma voz que procurava apontar a verdade aos que desejassem dela se informar. Para isso, porém, não bastavam suas sempre concorridas sessões. Mister havia que algo de escrito permanecesse a fim de que o futuro pudesse testemunhar o grande esforço dos seus abnegados fundadores e continuadores. A Revista da Sociedade é, assim, um repositório precioso de informações sobre o Brasil e os Brasileiros. Alguem já disse, com visos de verdade, que todas as nossas sociedades científicas e culturais não dispensam o cargo disputado de orador oficial. Isso que dizer que, em tais colegiadas, cuida-se mais da palavra que da ação. Fala-se, de preferência, a estudar. Não esqueçamos, porém, o provérbio latino. Verba volent, escripta manet. Conquanto inimigos do palavório oco, felizmente quase banido dos meios científicos do Brasil, não podemos deixar de salientar a excelência de alguns discursos proferidos neste benemérito cenáculo. Deles nos dá boa prova a coleção da preciosa Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Não pretendemos citar nomes, pois

demasiado escasso é o tempo que dispomos. Basta-nos, tão somente, registrarmos o brilho de alguns preciosos discursos de recepção aqui proferidos pelos vários oradores oficiais da casa, seguindo-se a tais peças, geralmente, bem feitos agradecimentos pelos recepiendários.

Em sessenta anos de glórias, convenhamos, senhores, muito grão deve ter ficado da palha ingrata da inania verba. Para muitos, por conseguinte, a palavra opõe-se à escrita. Achamos que, em lugar de oposição, deve e pode haver aliança amistosa e franca. Tal o caso ora em foco. A utilidade da Revista, como documentário das atividades desta casa, revela-se, ainda, na transcrição dos relatórios anuais que os nossos estatutos, mui ciosamente, exigem dos responsáveis pelos destinos sociais. Ninguém contesta a aridez de certos relatórios, mesmo versando matéria interessante. O estilo seco, peculiar a toda exposição, impede que vicejem as flores de retórica tão do agrado dos nossos conterrâneos. Entretanto, quem pode fazer história sem relatórios escritos? Um lúcido espírito, devotado, com paciência beneditina, ao estudo e a coletânea de elementos para a feitura de uma História da Educação Nacional, confessou, certa feita, que nada poderia ter realizado sem a consulta dos vários relatórios elucidativos da matéria. Nossa Revista, mercê de Deus, é rica em relatórios interessantes e dignos de constante meditação. Um deles, sobretudo, merece especial destaque. Trata-se da concienzosa peça elaborada pelo Almirante José Carlos de Carvalho, que foi encarregado, pelo Governo Imperial, do transporte do meteorito de Bendengó, dos sertões baianos para esta capital maravilhosa. O relatório surpreende por dois aspectos. Um, aquele que se refere ao prestígio incontestado da Sociedade de Geografia. Vale a pena determo-nos sobre este ponto. O transporte do Bendengó foi motivado por um apêlo dirigido ao Imperador Pedro II, pela Academia de Ciências de Paris que, tendo conhecimento da existência do precioso mole, manifestou o desejo que tal raridade fosse devidamente estudada. Concorrendo com o apêlo limitou-se S. M. a determinar que a Sociedade de Geografia se encarregasse do transporte. Mágica ordem. É sugestiva a troca de notas entre o Presidente da Sociedade e os vários Ministros de Estado. Todos olhavam nossa entidade como autêntica representante da cultura técnica geográfica do Brasil. Seus ofícios eram acatados com o mesmo respeito como se provissem da mais alta autoridade governamental da época. Saudosos tempos esses, que tão distante se situam... Outro golpe de vista sobre as páginas descoradas da velha revista, corporifica o trabalho herculeo que foi o transporte do Bendengó para o Rio de Janeiro. O então Comandante

José Carlos de Carvalho, iniciou, em menor escala, as mesmas importantes observações realizadas, posteriormente, pelo imortal Euclides da Cunha nas páginas vividas dos Sertões. Estudo detalhado sobre a região, seus característicos, sua história, tudo isso, em suma, constituiu preparativo para a pequena bandeira científica que, nos fins do século XIX, trouxe para a civilização uma raridade científica que havia tombado nos ínvios sertões baianos em pleno século XVIII. Ainda percorrendo as páginas amareladas de alguns relatórios, curiosos será a constatação de um fato. Ainda recentemente, decidiu o Conselho Nacional de Geografia, preciosa entidade que está reorganizando, com ciência e proficiência, o estudo da geografia Pátria, organizar uma expedição científica à zona do Jalapão. Iniciativa das mais recomendáveis, bem demonstra o carinho com que o citado órgão encara os problemas que lhes estão afetos. Pois bem. Nihil nove sub sole.... Velhos relatórios, transcritos pela Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, dão notícia de que idêntica expedição já esteve no mesmo local, com as mesmas finalidades. Questão magna, também, encontra-se em algumas sugestivas páginas da Revista. Quem desconhece a luta diplomática que o Brasil manteve, felizmente com sucesso, para ter reconhecida quase toda sua vasta fronteira? Folheando nossa Revista, encontramos, bem vivo, o espírito que animava aquelas incruentas pugnas. Não são poucas as memórias, algumas, até, dignas de reedição, que se ocupam com os aspectos fronteiriços da nossa corografia. Ainda neste setor, cuja importância é de tal maneira evidente que ninguém pode desconhecê-la, vale a pena ressaltar a importância que a Revista desempenhou. Houve, mesmo através suas colunas, algumas polêmicas que procuravam refutar opiniões emitidas acerca pontos duvidosos do território litigioso. Passando da órbita internacional para a nacional, inúmeros são os volumes ocupados com a sempre momentosa questão dos limites inter-estaduais. Se houve, como repetidas vezes já o dissemos, artigo feliz na Carta Constitucional de 10 de Novembro, não pode ser esquecido o que determinou a imediata suspensão, mesmo em instância judiciária, de qualquer pendência relativa à limites inter-estaduais. Tais questões seriam resolvidas, posteriormente, através um dossier a ser organizado pelo Serviço Geográfico do Exército. As consequências fecundas dessa decisão estão patentes aos olhos dos que amam o Brasil. Incontestável é que fonte perene de inimizade entre Estados da Federação existia nas questiúnculas surgidas por causa de alguns tratos de terra. Nossa História, infelizmente, possui algumas páginas tintas de sangue em consequência da má compreensão do problema geográfico, histórico

e político, gerada por questões de limites inter-estaduais. Tal problema refletiu-se, também, nas páginas da nossa Revista. Aquí, foram açodados os debates, e várias as sugestões propostas. Mas adiante, bem curioso é o setor dedicado ao ensino da geografia. Aquí, também, impõe-se ligeira parada. O ensino da Geografia, no Brasil, nem sempre foi bem orientado. Problema grave, comportando longas divagações nem por isso deve deixar de ser abordado. Tempo houve, em que, sómente em dois anos, aprendia-se toda Geografia, urbe et orbe. Depois, programou-se a disciplina em cinco anos de curso, com especializações em mais dois anos de algumas seções didáticas. No segundo caso, adotou-se um método cujos resultados poderiam ser os mais benéficos, se, porventura, possuíssemos um corpo docente treinado em sua aplicação. Referimo-nos ao método dos círculos concêntricos. Tal processo consiste, essencialmente, em dar ao aluno uma completa visão de toda a matéria, limitando-a, porem, a certas e determinadas noções superficiais. A profundidade do conhecimento adquire-se em séries superiores, quando a maturidade intelectual dos educandos permitir uma exata compreensão dos complexos fenômenos geográficos. A dificuldade maior do método reside no preparo do professor, afim de que o mesmo possa dozar, cientificamente, as várias noções que deve ministrar aos seus alunos, de acôrdo com o respectivo gráo de adiantamento. Caso contrário, como sucedeu entre nós, os resultados não serão proporcionais ao esfôrço despendido. Além disso, pelo método em causa, ministrava-se a Geografia do Brasil de permeio com o estudo dos outros aspectos geográficos do mundo. A atual Lei Orgânica do Ensino Secundário corrigiu essa deficiência, dando à nossa Corografia o lugar destacado que ela deve possuir. Antes, porem, que o estatuto legal consagrasse como bom o preceito em causa, a Revista da nossa Sociedade dedicara alguns estudos bem feitos acerca desse aspecto da metodologia geográfica. Houve, mesmo, uma comissão especialmente designada para dar parecer sobre uma proposta apresentada à propósito do ensino da geografia, proposição digna de encômios.

Ninguém desconhece, também, os inúmeros problemas sanitários que assoberbaram o velho Rio de Janeiro. Deles dá notícia, em bem feita pesquisa, a nossa Revista, averiguando as causas da mortalidade nesta linda cidade, em anos sucessivos.

Rebuscando, com o espírito investigador, os 65 volumes que constituem o acervo vivo das nossas Revistas, muita coisa curiosa se nos deparou aos olhos. Cuidado tivemos em selecionar o que de melhor havia, afim de que, ao comemorarmos o sexagésimo aniversário da nossa querida sociedade, pudessem ser lembradas

todas as contribuições que concorreram para seu progresso. Estamos conscientes que a Revista saberá continuar as brilhantes tradições que suas amarelecidas páginas encerram. Agora, como jamais, a grandeza da Pátria assim o exige. Estamos sinceramente convencidos que muito deve o país à Sociedade de Geografia. Será necessário lembrarmos os 9 Congressos Brasileiros de Geografia, todos eles promovidos pela egrégia Colegiada, ultimamente auxiliada, de maneira inestimável e nunca assás louvada, pelo Conselho Nacional de Geografia?

Em alguns tomos da nossa Revista, preciosos depoimentos podem ser encontrados, não só em relação aos Congressos Nacionais, mas, igualmente, em se tratando dos estrangeiros.

Parece-nos difícil, se não impossível, em alguns rápidos minutos, produzirmos obra de escorço capaz de sintetizar tudo o que de interessante já publicou a Revista, como órgão registrador da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Seja-nos lícito, porém, recordar uma efeméride geográfica das mais interessantes: a visita do ilustre Professor Eliséé Reclus Nossa Revista engalana suas páginas para assinalar a honrosa deferência do sempre lembrando geógrafo.

Assunto momentoso é a Redivisão Territorial do Brasil. A Lei Territorial do Estado Novo, que estabeleceu normas para uma classificação standardizada das localidades brasileiras, veio resolver o problema da terminologia corográfica. Restava, porém, o magno problema da redivisão territorial brasileira que teve, com a Carta de 1937, um auspicioso princípio de solução. Tal problema de longa data preocupava nossa Sociedade. A Revista, como seu espelho autorizado, transcreve em suas páginas várias e interessantes memórias e conferências. Seja-nos lícito ressaltar uma. Trata-se da "Redivisão Territorial e Localização da Capital Federal", redação final da matéria vencedora na grande comissão nacional, organizada para estudar a questão, em 1934. Não gostamos de citar nomes. Seria injusto, porém, se esquecêce-mos os nossos grandes mortos, então em plena e insubstituível atividade.

Referimo-nos a Raul Correia Bandeira de Melo, Alcides Bezerra e Moreira Guimarães. Recordar é viver, diz o brocardo. Viver, por sua vez é sentir saudades. Filosoficamente considerado, o tempo não admite o presente. Tudo é passado ou futuro. O presente será, quando muito, uma realidade fugidia que mal nos desperta recordações. Felizes, por conseguinte, os que possuem um passado digno de ser recordado. Dele ufana-se a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Sua Revista é a prova viva, e presente, das atividades gloriosas do passado e das perspectivas futuras da nossa entidade. Os exemplos que

nos foram legados nestes sessenta anos de existência, devem e podem ser mantidos. Folheando mais algumas páginas, depara-se-nos um quadro saudosos que não pode ser esquecido neste momento. Referimo-nos à galeria de honra dos nossos grandes mortos. Seria necessária uma conferência especial para lembrá-los. Mister se faz, porém, não deixar de registrar uma ligeira sùmula do muito que a eles devemos. As tradições de um povo repousam nas gloriosas reminiscências dos seus grandes mortos. Augusto Comte, cultuando com especial devoção os mortos, sabia tornar vivos os exemplos pelos mesmos legados. Assim entre nós. Lembrarmo-nos de Moreira Guimarães, nosso infatigavel Presidente, será fazermos bem vivos os seus exemplos de abnegado amor pelo Brasil e pela Sociedade de Geografia. Ele sintetiza todos os nossos grandes mortos. A Revista não o esqueceu. Suas páginas cobrem-se de luto ao noticiar seu desaparecimento. A sessão magna, em sua homenagem, é um documento vivo do muito que lhe devemos e da sensível falha que sua morte abriu em nossas fileiras.

Senhores. O Brasil está em guerra. Devemos, por isso mesmo, colaborar de todas as maneiras possíveis para ajudá-lo a bem desempenhar sua missão. O papel de uma sociedade como esta, no momento presente, é inestimavel. Sua colaboração preciosa e disputada. Por tudo isso, façamos o firme propósito de cerrar fileiras em torno desse ideal que nos arregimenta. Batalhemos, de maneira incruenta, para a completa realização de todos os superiores objetivos da humanidade, dos quais a geografia é dos mais alevantados. Aperfeiçoemos nossos conhecimentos, dando à ciência o exato lugar que lhe compete, na civilização eminentemente técnica que nos cerca. Lembremo-nos da relatividade dos conhecimentos humanos e da transitoriedade da lei científica, sempre mutavel, desde que outras sejam as condições de observação e mais aperfeiçoadas as pesquisas. Folheando a Revista, tivemos ocasião de observar tal evolução. Não se detiveram, nossos maiores em face de tabús científicos. Lembraram-se, certamente, dos bons métodos aconselhados pelo grande Bacon. Nós, hoje, temos esta grande dívida para com o futuro. Não devemos nem podemos deixar o archote da geografia permanecer onde está. Ele deve ir mais adiante, iluminando os povos e o mundo. Tal o papel que o futuro reserva a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Sua Revista foi, sempre, o espelho das suas tradições progressistas. Esperemos que assim continue a ser, para grandeza e prosperidade desta querida Pátria que tanto precisa de Geografia.

RESUMO EN ESPERANTO

D-ro Francisco de Sousa Brasil, membro de la Direktanta Konsilantaro de la Societo, priparolas pri la memorigata dato, rakontante la kulturajn kaj sciencajn iniciatojn de la Societo de Geografio, kiel atestas la paĝoj de ĝiaj revuoj dum ĝia fruktodona kaj patriota ekzistado favore de la kulturo, de la scienco kaj de la edukado en Brazilo.

DISCURSO

Proferido pelo Orador-Oficial da Sociedade Desembargador Carlos Xavier Pais Barreto na Sessão Comemorativa do 60.º aniversário da instalação da Sociedade de Geografia.

Todas as datas representativas do valor brasileiro devem merecer a nossa veneração de povo culto e conciente de seus altos destinos; comemorem acontecimentos em que a espada gloriosa conquistou louros ou celebrem vitórias da inteligência; provoquem em nosso espírito, a repercussão do som do clarim, a conclamar-nos para as pugnas da glória, lembrando, com o 24 de Maio, os que tomharam nos vastos sertões do Paraguai e, com o 27 de Janeiro, o sangue que desceu dos Montes Guararapes, ou imponham-se suavemente, assinalando triunfos no terreno dos conhecimentos humanos e da preservação da cultura nacional.

Nsta última classe se enquadra o gesto paciente, laborioso e fecundo daqueles que desprenderam energias para que fosse fundada esta agremiação, onde servimos à ciência, por intermédio da Geografia, disciplina que, cada vez mais se eleva, não só no encaminhamento do esforço humano que melhor se executará em condições satisfatórias ao solo e ao clima, como também no influxo levado a vários departamento, político-científicos.

A sua importância magnificamente se manifesta na própria geobélica, desde a escolha do ponto estratégico e na localização do campo de batalha que obriga o soldado a contornar posições para vencer obstáculos na abertura de caminhos afim de encontrar a arena própria às fortificações, até à segurança nacional, entregue ao Exército que necessita conhecer as riquezas que deve defender.

E tão justamente tem sido compreendido o valor do conhecimento da Geografia que, em boa hora fundou o Brasil o C.N.G., cuja atuação eficiente, e cívica está consagrada e ao qual deve a S.G.R.J., não pequena soma de serviços, sem esquecer o de poder retomar a série de Congressos em que se re-unem os valores brasileiros, dispersos na imensidade do país.

Não é possível desconhecer a influência do rio Negro, na conquista da América e que, para a obra de unidade nacional, papel importantíssimo está reservado ao São Francisco que liga, de norte a sul, num só abraço, 13 milhões de habitantes, espalhados por 5 Estados e através de mais de meia centena de afluentes.

Demonstrada a necessidade da cultura especializada de Geografia, fácil é reconhecer o quanto devemos aos fundadores desta Casa.

Eles merecem a frase de poeta latino: *nom ominis moriar*.

E é por isso que todos os anos, cobertos pelos louros do aca-
tamento e aquecidos pela saudade, afigura-se-nos passarem pela
tela da nossa memória, em romaria cívica, as figuras invictas de
Paranaguá que não teve, apenas, o relevo do estadista insigne,
do político eminente, do cientista consagrado, mas, acima de tudo,
possuiu no coração a pira do patriotismo que lhe enchia a alma
de brasileiro de raça, do Conselheiro Correa, a infundir-nos pa-
triótico respeito; de Fernandes Pinheiro, grande pesquisador de
nossa história, do Almirante Teffé, espírito de eleição; de Afonso
Celso, cuja atividade literária esteve sempre inspirada no mais
sincero amor à pátria e de tantos outros brasileiros, como se eles
estivessem a receber aqui, por um fenômeno atávico, o culto
das nossas homenagens.

E é essa mesma prece, unvida de amor e de veneração, que
rendemos hoje aos construtores deste edifício moral, colocado
sob alicerce tão sólido que, há 60 anos, resiste às intempéries do
tempo, às comoções político-sociais em que se vem debater o
Brasil.

E louvando a atuação desses pioneiros contra os quais não
pôde a procéla do tempo nem o pó do esquecimento conseguiu
cobrir os nomes, não podemos deixar de proclamar o nosso prei-
to de agradecimento póstumo, também aos que, com a mesma
fé e tenacidade, lhes seguiram e que na direção suprema se
podem representar em Rio Branco, notável, diplomata que tanto
soube elevar o nome do Brasil no estrangeiro; em Thaumaturgo
de Azevedo, a transmitir, sexagenário que era, calor e vida à
mocidade que o acompanhava e no Almirante Pereira, modesto,
intrépido e valoroso.

E, no campo de nossas recordações, ainda não esmaecido pela
ação destruidora do tempo, mas iluminado pela luz suave de
nossos afetos, está o vulto impávido de Moreira Guimarães.

Com a mesma confiança de que a imagem da pátria não
estava com o seu etmplo em ruínas esses abencerrages e seus deci-
didos companheiros, conseguiram conservar esta grande fort-

leza científica que ainda hoje se estadeia forte e firme, enquanto tantas instituições se ergueram e desapareceram.

Aumentando sempre a obra dos antepassados, lutando sem avançar demais para não ter de recuar, soube a S.G.R.J. manter a herança sagrada que recebeu.

Levou seu concurso para derrubar a escravidão e implantar a República.

E, mercê de Deus, não se quebrou o élo e as gerações que vão passando nesta Casa conservam intacto o tesouro que é hoje uma das grandes reservas mentais do pensamento brasileiro.

A maior das homenagens que podemos prestar aos fundadores da S.G.R.J., tragados pela mãos potente do destino e vivos no nosso ser psíquico, é mostrarmo-nos dignos depositários dos princípios que os animaram na defesa da coluna de fogo da ciência e do patriotismo, zelando pela obra e crescendo-a de novos andares.

Temos consciência de que, tolerantes com todos os credos, dando guarida as opiniões mais divergentes, no campo doutrinário, desde que visem o mesmo ideal de perfeição, não fossilizamos a agremiação, com tradições mumificadas, mas procuramos sempre injetar novo sangue vivificador; não descansamos à sombra das glórias mas delas, exatamente, fizemos pedestal para novas conquistas.

Em um trabalho perseverante, sem ornamentações vistosas, vamos concorrendo para o enriquecimento dos elementos formativos do espírito verdadeiramente nacional.

E temos convicção de que, sem solução de continuidade do passado ao presente, podemos entregar a obra magnífica à geração que surge.

Senhores.

Vários são os oradores que me seguirão.

Não quero deixar a tribuna sem manifestar o reconhecimento da Sociedade de que sou orador ao I.B.G.E. Vou terminar.

Prestado o culto cívico de gratidão aos fundadores da S.G.R.J. e aos que serviram de transição até nós, é justo que rendamos, também, o nosso preito de confiança aos dirigentes autais que, sob o sábio e cívico comando da figura, eminentemente admirável, do Almirante Raul Tavares, tem sabido, sem quebra do respeito e tradição, encarar o sol do futuro, com a mesma fé inabalável pela grandeza do Brasil.

RESUMO EN ESPERANTO

La supera juĝisto d-ro Carlos Xavier Pais Barreto, oratoro de la Societo, faris la oficialan paroladon ĉe la Solena Kunsido, per kiu ĝi memorigis la sesdekan datrevenon de sia fondo. La oratoro rememorigis la gravajn figurojn, kiuj ĝin projektis kaj konstruis, nur kun la idealo levi la scian kaj kulturan posedaĵon de Brazilo. Li finis sian paroladon prezentante la dankojn de la Societo pro la honorigo farita de la Nacia Konsilantaro de Geografio por la pasado de tiu grava dato.

450.º ANIVERSÁRIO DA DESCOBERTA DA AMÉRICA

Conferência realizada na Sessão Especial promovida pela
Sociedade de Geografia em homenagem à data de
12 de Outubro de 1942.

Comandante Cesar Feliciano Xavier
Sócio Benemérito

Minhas senhoras.

Exmo. Sr. Almirante Ministro Raul Tavares, Presidente desta Sociedade. Exmo. Sr. representante do embaixador Macedo Soares, Presidente do Instituto Histórico Brasileiro e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ilustres confrades. Meus senhores.

Neste período tristemente fragoroso da civilização, em que povos moral e intelectualmente retardatários inda que se presumindo ultra-civilizados impõe-nos evidente retrocesso nas práticas internacionais, tanto na guerra como na paz;

neste instante histórico, em que as Marinhas das Nações Unidas enfrentam a pirataria dos mares, orgulhamo-nos de ver, entre elas a nossa *grande pequena armada* — como diria o sempre lembrado *Moreira Guimarães*;

neste instante em que hábeis marinheiros ao serviço daquele celerado Matador da cervejaria de *Munique*, o abjeto assassino da sua própria pátria, aquela *Áustria* da nossa virtuosa *Imperatriz Leopoldina*, sim agora, quando tais marinheiros unem-se aos do Assassino de *Matteoti*, do coveiro dessa *Itália*, inditosa pátria da sempre amada *D. Teresa Cristina*; sim, agora quando tais marinheiros procuram vã, mas tragicamente o domínio do Mundo, agora, minhas senhoras e meus senhores, nesta triste quadra que atravessamos, em meio dos silenciosos dispa-

ros dos torpedos entre as águas e o tonitruar dos obuses sobre terras e mares; nestes tempos que correm, diante duma situação de fato e dum futuro que inexoravelmente aguarda-nos, em situação que tal, uma mobilização moral é tão necessária a esse futuro quanto a mobilização material, e mesmo inda mais necessárias se torna para que os bons dias de amanhã venham mais céleres...

Esta cerimônia mui simples da *Casa de Paranaguá* é antes e acima de tudo um elemento da indispensável *preparação moral*, capaz de assentar solidamente as bases da defesa pátria. É alicerce tão insubstituível quanto a geografia na *preparação material e orgânica* nacional, e com esta, elemento da firme e continuada ação que é mister desenvolvermos para a grandeza e segurança do nosso *Brasil*.

A guerra é ganha ou perdida na paz. Não basta o heroísmo individual nos mares, terras ou ares quando já em armas a Nação. Nunca! É preciso desenvolvê-lo moral, intelectual e materialmente nos largos tempos de paz. É, assim, necessário, antes de mais nada, termos consciência do valor moral desta Pátria, criada pelos proficientes marinheiros dos tempos modernos, nas mais incríveis cruzadas de fé e audácia, das quais episódio grandemente marcante é este hoje completando noventa lustros! É um Filho de Pátria desconhecida, mas filho seguramente da *marinharia portuguesa*, e navegando ao serviço de *Castela*, — melhor diríamos, da grande *Isabel de Castela* — até achar este Novo Mundo que para glória nossa, glória de seus Filhos é um Mundo Novo para todos os necessitados! Mundo onde as Pátrias amam-se e respeitam-se travando suas disputas desportivamente em prol da ordem e do progresso geral, comum.

Aliás, o simples raciocínio, mesmo que egoisticamente utilizado, patenteia que as guerras nada aproveitam materialmente nem mesmo aos vencedores. É contudo a guerra, não um mal necessário mas uma imperiosa necessidade, no caso único de pugnar pelo mais sagrado dos nossos deveres de homens: a liberdade humana, nacional e individual.

Sem liberdade não é possível ordem e sem ordem não se logra progresso.

Senhoras e senhores!

Certo aquí não estamos fazendo história, determinando o que realmente ocorreu e como. Não. Estamos antes cívica que cientificamente rememorando o descobrimento da América, e o seu nome: Colombo!

Nestas breves palavras não há lugar para investigação científica, antes para consagração cívica. E para esta ser bem sucedida basta a narração ou mesmo a simples indicação das dificuldades que teve de vencer *Colombo!* Para realizar seu arrojado propósito de atingir a *Índia*, não pelo périplo africano, mas sim pelo Oeste, tinha que contrariar *Santo Agostinho!* Realmente; o fulgurante filho de *Santa Monica* apesar de já morto havia milênio, ainda imperava... E não negara êle a existência de antípodas?

Mas, como bem observa *Washington Irving* — autor de uma das mais extensas biografias de *Colombo* — já *Aristóteles*, *Sêneca* e *Plínio* opinavam ser de apenas alguns dias de navegação a distância separando as *Índias* de *Cádiz*.

Senhoras e Senhores.

Convém relembrar certas idéias antigas para melhor realçar o feito hoje cultuado e já muito conhecido.

O mais velho livro da Antiguidade contendo algumas indicações geográficas: o *Gênesis*, nada diz sobre a extensão da terra. *Moisés* refere-se ao Monte Ararat, fala de grandes rios... e nada mais.

Enquanto até 2.200 anos antes da era cristã os *Egípcios* cingiram-se ainda a só navegarem a bacia do *Nilo*, os *Fenícios* estabelecidos nas margens do *Mediterrâneo Oriental*, por essa época utilizando-se das florestas do *Libano* (hoje inexistentes) para construir suas embarcações, fazem-se marinheiros e atraídos pelo mar, navegam todo o *Mediterrâneo*, fundando algumas cidades que lhe continuaram as glórias de navegadores.

Atravessando as *Colunas de Melkart*, a nossa *Gibraltar*, descobrem o Atlântico, esse *Mar Oceano* cujo primeiro *Almirantado* exerceu-o êsse homem grande, robusto, dum porte nobre e elevado, e que discutia com os Reis como de igual para igual: *Cristovão Colombo*.

Sidônia, depois *Tiro*, são portos donde saíam incessantemente marinheiros a navegarem ao longo das costas. Estabeleceram colônias. Funda-se *Cartago*, novo viveiro de mariantes. As *Ilhas Afortunadas*, as *Canárias* de hoje, são encontradas, e o périplo do chefe *Hanon*, indica-nos que contornando *Marrocos* atingiram eles a *Serra Leoa*. E para o Norte, o menos renomado *Himilcon*, penetra no *Mar do Norte* à vista sempre da costa ocidental da *Europa*.

Olhemos apenas para esta ação atlântica, mas não sem recordar a primeira idéia do mundo formada dez séculos antes da era vulgar.

A poesia precede a prosa e na *Grécia* imortal surge o poeta supremo: *Homero*. Ele sistematiza a teologia, glorifica a vida, dá-lhe o ideal de heroísmo, esse heroísmo que os séculos, confirmam em seus compatriotas, e dá-nos aquela primeira idéia do mundo circular. O rio oceano forma todos os seus bordos exteriores. Duas grandes porções de terra: uma em cima a *Trácia*, outra em baixo a *Líbia* são separadas pelos *Pontus Pélagus* ligando-se com o *Oceano*.

E as idéias de *Anaximandro* e *Hecateu de Mileto* no VI século, de *Herôdoto*, 440 anos antes de *Cristo*, de *Demócrito* no III século, não imprimem modificações sensíveis no *Orbis Terrarum* — um disco circular.

Tais alterações só aparecem 200 anos antes da era cristã com *Eratóstenes de Cirene*, um dos mais notáveis discípulos da *Escola de Alexandria* e fundador da astronomia científica, no douto julgar de *Delambre*, o grande historiador das ciências ao par de cientista emérito ele próprio.

A *Geografia*, como tantos outros conhecimentos, nasceu na *Grécia* como bem é assinalado por *Lespagnol*, o distinto professor de *Lyon* ao referir-se a descrição da Terra. Mas também foram os gregos ilustres geógrafos militantes, do que prova por muitos séculos foi a expressão — *Ultima Thulee* — como derradeiro ponto conhecido do nosso Planeta.

Na realidade. Fôra uma ilha de posição indeterminada que *Pitheo de Massília* (hoje Marselha) encontrou há muitos dias de navegação das atuais *Ilhas Britânicas*. Tomando-a como significando o extremo da terra conhecida.

Sêneca, o filósofo, já no primeiro século previa com segurança: “Virá um tempo em que ficará aberta aos nossos olhos a imensa terra, em que os navegantes descobrirão novos países e *Thule* não será a região mais longínqua.”

Todavia, porque êsse tempo custava a chegar? Era o desconhecimento que tinham os ocidentais (pelo menos) da linha Norte-Sul dos polos, do magnetismo terrestre. Então porque o Sol nasce a leste ou *oriente*, era a êste *rumo* que davam a primordial importância — observa com justeza *Fontoura da Costa* — o ilustrado autor da já célebre *A Marinharia dos Descobrimentos* — acrescentando — daqui vem naturalmente o verbo *orientar-se* que depois foi estendido a signnificação que todos os povos lhe dão.

Os Gregos usaram *rosas dos ventos* de 2, 4, 8 e 12 *rumos*; ou *ventos*. Contudo os marinheiros portugueses os mais adiantados do século XV, “encontraram em uso a bússola já aperfeiçoada da que parece ter sido modificada por *Flávio Gioia*, cêrca de 1302 — inda no opinar do *Almirante Fontoura da Costa*.

Recordemos que muito antes, já o nobre *Tales de Mileto*, célebre fundador da *Escola Jônica*, o iniciador do pensamento abstrato, científico e filosófico, o grande *Tales* já podia com seus conhecimentos astronômicos ensinar a *esfericidade da Terra*, cuja demonstração científica era dada dois séculos depois, no IV século pelo formidável *Aristóteles*, com a apreciação dos eclipses.

Qual *Sêneca* em suas *Questiones naturales*, *Plínio o Antigo* seu contemporâneo na *História Naturalis* publicada em 77, quando já vencedor dos germanos, ele num pasmoso esforço material ao serviço de notável inteligência descreve o céu, o ecumeno e o homem.

Convém recordar que *Dicearco*, discípulo de *Aristóteles* foi quem primeiro confeccionou uma carta orientada. Uma linha o *Diafragma* corria de Este para Oeste, das *Colunas de Hércules*, ou de *Melkart à Índia*. E, pela Ilha de *Rhodes* era o diafragma cortado por uma perpendicular. Séculos depois *Eratóstenes* introduziria novas linhas.

Enfim nos séculos I antes e depois do nascimento de *Cristo* floresce o maior geógrafo da antiguidade, *Estrabão*, cuja monumental obra conhecemos por uma tradução nova de *Amédée Tardieu*, pertencente à biblioteca *Agliberto Xavier*, como a maior parte das obras consultadas. Com todas as imperfeições inevitáveis, a geografia de *Estrabão* constituiu um marco na história da ciência, como a primeira tentativa séria — escreve *Frederic Harrison* — de criar uma ciência concreta e completa de nosso planeta.

Assim, portanto temos já no começo do século I, a idéia do *oceano universal* vinda desde a concepção da Terra de acordo com *Homero*. A água circundava as terras, um disco circular: era o *Rio Oceano*.

No IV século antes de *Cristo* surge *Heródoto* com a sua Terra a feição de um crânio circundado de água. O *Mar Atlântico* banhando *Europa* e *Líbia* e o *Mar Eritreu* a *Ásia*.

No século seguinte o já referido *Eratóstenes* (276-196 A.C.) apresenta uma carta com meridianos e paralelos. O mais ao Norte é o de *Tule* o mais ao Sul o do *Equador*. O *Velho Mundo* já está esboçado. A *Europa* e a *Ásia* banhada ao Norte pelo *Oceano Setentrional*. *Europa* e *Líbia*, o continente *Africano* de então banhadas pelo *Oceano Atlântico*. Ao Sul: o *Oceano Etiópico* banhando a *Líbia* e depois o *Mar Eritreu* banhando o sul da *Ásia*: *Arábia* e *Índia*, e ao Sul desta vemos a *Taprobana* que não temos dúvida em afirmar ser a *Austrália*. A Oeste, em situação análoga ao *Atlântico* a Leste,

banhando a *Ásia*, a *Índia* e a *Taprobana* está o *Oceano Orientali* ou *Índico*. E, *Estrabão* que viveu antes e depois da era vulgar, cuja colossal obra é magnificamente estudada por *Humboldt*, nada realmente adianta no terreno da geografia matemática, propriamente dita. Suas concepções baseiam-se nas do grande *Hiparco*, o maior astrônomo da antiguidade, e em *Eratóstenes*, ambos do II.º século antes de Cristo.

Grande avanço nos conhecimentos geográficos e cartográficos é patenteado no II século D.C. por *Cláudio Ptolomeu*. O conjunto do mundo conhecido pelos antigos aparece na sua notável *Geografia*, acompanhada de 27 cartas uma das quais prolongava o *Mediterrâneo* a mais de 20º ocasionando um maior alargamento das terras para Este, o que convém fixar. Os meridianos, e a linha do Equador e seus Paralelos já se acham traçados e o Hemisfério Norte vê-se em grande parte já indicado com certa aparência real.

A idade média tão favorável a elaboração do pensamento, foi no entanto pouco fértil ao alargamento do horizonte geográfico. Por outro lado as invasões dos povos bárbaros germânicos anarquizaram a geografia política, a toponímia e impediram a exploração do Planeta.

Apenas as cruzadas e outros poucos mais eventos melhoraram os conhecimentos da Terra pelo homem.

“É uma idéia corrente solidamente apoiada pelo termo gramatical “Renascimento” que a cultura da Antiguidade clássica, esse vasto conjunto do poder humano e da humana sabedoria, foi completamente perdida para o Ocidente com as emigrações dos povos bárbaros que pelo espaço de muitas gerações manteve-se alheio à evolução dos povos europeus, e unicamente nos séculos XIV e XV apareceu novamente como por virtude de um surto mágico — assinala *Robert F. Arnold* no seu estudo sobre a *Cultura do Renascimento* inda que reconhecendo ser tal doutrina verdadeira apenas parcialmente.

Pensamos ao contrário, vendo em o “Renascimento”, a continuação do pensamento antigo evoluindo durante os séculos da grande Idade Média. Diremos de um modo geral pelas palavras de *Menendez Pelayo* referentes à Espanha: “Eu entendo o renascimento de um modo mais amplo: para mim o que ocorreu no século XIV não foi mais que o remate, o feliz complemento da obra de reação contra a barbaria que se seguiu as invasões dos povos do Norte; para mim a história da Idade Média não é mais que a grande batalha entre a luz cristã e latina e as trevas germânicas.”

É preciso contudo não esquecer que também o Mundo romano fôra prejudicial a essa geografia que fenícios, gregos e cartagineses tanto desenvolveram.

Senhoras e Senhores.

Jean Berthaut, laureado membro da Academia Francesa considera que o mar é o espelho do Infinito, e êste encanta-nos com a sedução do mistério. Daí resulta ser o Mar talvez dentre todos os espetáculos da natureza aquele que mais atuação exerce sobre o homem. Isso só, explica talvez bastante a situação nossa. Inda que afastados das lides marinheiros sentimo-nos atraídos por tudo que se liga aos mares, à navegação.

Atraído por êsse imã vem flutuando nosso pensamento, em prejuízo deste esforço em prol de uma orientação mais precisa. E o tempo urge, é mistér concluir.

Estamos no século XV. Não importa que a dinastia chinesa de *Tsai* haja até reinado no *México*, como pretende *Frederico Moster* ou que segundo *Guignes* os Chins houvessem descoberto a América 458 anos depois de *Cristo*. Não importa a glória de *Colombo*, os interessantes e mesmo preciosos estudos publicados na *Révue Archéologique* de 1864 e 1865. "*Des origines asiatiques, bouddhiques de la civilisation americaine*". Tampouco interfere na aura do feito Colombino, o *Mapa do Planisfério* de *André Biancho* em 1486 onde, segundo *Gonçalo Fernandez Oviedo*, figuram as *Ilhas Antília* e a *Nova Espanha* o que também ocorre no planisfério de *Martim Behaim*. Aliás, tais ilhas foram mencionadas por *Paulo Toscanelli* em carta sua de 25 de Julho de 1474 enviada a *Colombo*.

Recordemos que obediente ao espírito de forte suspeita quanto a existência de terras no *Atlântico Ocidental*, *D. Afonso V*, o Africano fizera concessões ao *Infante D. Fernando* em 1457 e a *Fernão Teles* em 1475, quando já havia introduzido o maravilhoso invento de *Guttenberg* em Portugal.

Seu filho, o *Príncipe Perfeito* vai-lhe nas gloriosas pegadas novas concessões fazendo a *João do Estreito* e *Fernão Dulmo* como não há muito assinalava o *Almirante Gago Coutinho*, em brilhante comunicação lida na sessão comemorativa dos *Côrte-Real* em Julho de 1933, um dos quais *Gaspar*, ainda antes de *Cabral* tentara também a navegação em busca de terras no Ocidente.

Agora, já tudo está mais organizado. Há um plano metódico, magnífico. O *Infante D. Henrique* na sua célebre Escola cria e mantém um núcleo de homens que estudam, projetam e realizam navegações em busca de novas terras.

A astronomia dos árabes e judeus era estudada pelos que criaram a Náutica dos Descobrimentos. O *bispo de Ceuta D. Diogo Ortiz*, castelhano, um dos maiores responsáveis em não ser glória de *Portugal* o feito de *Colombo*, o *mestre José Vizinho*, que o *Dr. Bensaúde* nos diz ser um judeu de *Viseu*, e o *mestre Rodrigo*, formam a primeira *Junta de Matemáticos* de *D. João II*. A estes nomes ilustres é mister acrescentar o do grande judeu salamanquino *Abraão Zacuto*, mestre de *José Vizinho* autor da parte náutica do *Regimento de Munique*, segundo *Valentim Fernandes* e tradutor em latim do *Almanach Perpetuum* de *Zacuto*, conforme foi brilhantemente provado pelo *Dr. Antônio Barbosa de Lacerda*, almanaque êsse base das *Tables Solaires Portugaises*, mais tarde reproduzidas na *Suma Geográfica* de *Fernandes Enciso*.

Nesse centro magnífico que foi a *Escola do Infante em Lagos*, desenvolveu-se o estudo das observações astronômicas, para que os nautas portugueses — até então limitados, como todos os demais à *Estrêla do Norte*, a *lusa Buzina*; ao *Sol* e algumas outras estrêlas mais — pudessem deduzir *as alturas do polo*.

A altura angular do astro observado era fornecida pelo astrolábio ou pelo quadrante, diretamente ou pela relação de dois elementos lineares, tais quais a balestilha e a tavoletas ou tábuas da *Índia*.

O astrolábio que vem da mais remota antiguidade foi primeiro esférico armilar, de difícil transporte. Depois surgiu o astrolábio planisférico que já era conhecido seguramente de *Apolônio de Perga*, do III ao II século A. C. ou talvez mesmo, como supõe *Bensaúde*, de *Eudóxia* de *Cnido*, que vivera largo tempo no *Egito*, na primeira metade daquele III século.

A gentileza de *Gastão Penabva*, ora encarregado de reorganizar o nosso Museu Naval, uma das mais meritórias providências do *Almirante Aristides Guilhem*, podemos mostrar êsse instrumento que permitiu a navegação transoceânica.

Êste modelo é uma reprodução do Astrolábio náutico do Observatório Astronômico da Universidade de *Coimbra*, cuja fotografia encontra-se no já mencionado trabalho do *Almirante Fontoura da Costa*, o qual com *La Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, de *Joaquim Bensaúde* tem ao par das obras de *Humboldt* orientado fundamentalmente nossos estudos no assunto.

Num auditório como o que se costuma reunir nesta Casa, não é mister discorrer sobre o astrolábrio, tal qual não o fizemos sobre a bússola as cartas... Inda assim não deixaremos de

salientar a importância capital do astrolábio, quando tratamos do descobrimento da América.

A aplicação do astrolábio à navegação foi um dos acontecimentos tão a propósito que — o abalizado entusiasta de *Colombo*, *Washington Irving*, autor de dois grandes estudos sobre sua vida e obra, e nesse aspecto digno émulo de *Henry Harrisse* — *Irving* julga tal emprêgo a certo ponto obra da Providência Divina. No entanto, inda que nela crente, não chegaria a uma tal conclusão se tivesse alguns conhecimentos da marinharia. Era a única coisa que faltava para facilitar as expedições marítimas, arrancando ao cometimento Colombino um pretendido carácter aventureiro tão ao sabor dos seus detratores.

Era então possível buscar o levante pelo poente, navegando de longo.

Em 1434 *Gil Eanes* dobrara o *Cabo do Bojador*, limite então de tóda a navegação possível e segura. Era o primeiro passo, aquele que mais custa como observa o professor *Edgard Prestage*, do *Kings College* na magnífica lição: *The Portuguese Voyages of Discovery*. No fim desse mesmo século, com o emprêgo do Astrolábio, bem como dos quadrantes, da balestilha e instrumentos similares abre-se a navegação puramente oceânica, colhendo os seus maiores louros *Cristovão Colombo*, por isso cognominado *Almirante do Mar Oceano*.

Só a perseverança concede a glória mesmo aos talentosos, engrinaldando-lhes as virtudes. O sucesso está reservado não aos que apenas começam, inda que genialmente, mas sim aos que dessa arte agindo perseveram até o fim.

Colombo é um magnífico exemplo da perseverança. É um marinheiro. É pior que seus inimigos, pior que a fúria dos homens é a fúria dos elementos. Quem se habitua a estes não teme aqueles, por mais façanhudos que pareçam. Os que se habituam a ter apenas entre si e o abismo talássico algumas pranchas de madeira, a manter confiança em sí próprios, esses não temem medo...

Se alguma valia possa ter este trabalho ela o será devido essencialmente a idéia de fazer justiça.

Não importa a sua glória como fator do progresso humano que *Colombo* buscasse atingir o *Catai* ou *Cipango* e não descobrir um novo continente. Não importa que porções dêstes, que se ligaram anteriormente e ora aproximam-se muito do *Velho Mundo*, já houvessem sido visitadas. Não importa. Eram prolongamentos das terras próximas do *Continente Ártico* e não um Novo Mundo!

O problema era outro. Era o *Levante pelo Poente* baseado na idéia da esfericidade da Terra admitida pelos doutos, mas não crida pela imensa maioria e não verificada ainda pela prática. Tal verificação dependia da proporção existindo entre as porções do Globo ocupadas pelos continentes e pelos mares. Baseava-se ainda *Colombo* nos ensinamentos hauridos dos antigos, especialmente Gregos e Árabes quanto a indícios de terras situando-se ao Oeste das *Ilhas da Madeira*, das dos arquipélagos de *Cabo Verde*, dos *Açôres*, crenças essas transmitidas pelos mareantes em diversas épocas e, talvez, fixada para aquela estátua na mais noroeste dos *Açôres*, a *Ilha do Corvo*, estátua equëstre de que nos fala a lenda apontando na direção Oeste. E não devemos silênciar quanto a aquele *Pôrto-Santo*, no arquipélago da *Madeira* "sítio predestinado nome venturoso.

Alí processou-se a incubação dos planos que levaram ao descobrimento da América — como assinala *Carlos Pereira* que indaga, se aquela Ilha seria por acaso uma das mencionadas pelo geógrafo *Edrizi* ou *Aledris*, *El Edrizi*, xerife nascido em *Ceuta* nos fins do século XI, êste escritor mouro asseverava limitar aquele mar as últimas margens da terra habitada. Tudo alem era desconhecido.

Lebraremos ainda que em 1462 *Pero de Sintra* dobra a costa da *Serra Leoa* e antes de 1470 chegavam os Portugueses ao *Congo*. Em 1487 *Bartolomeu Dias* dobra o *Cabo Tormentoso* para ele, e da *Boa Esperança* para *D. João II*. E convém recordar mais ainda haver passado *Colombo* mais de 20 anos entre os marinheiros portugueses, casando-se até com uma nobre e bela lusa, *D. Felipa Muniz de Perestrelo*, filha de um dos governadores de *Pôrto-Santo*, onde nasceu o seu filho *Diego* e onde ele *Colombo* estudou bastante, inclusive no que possuira de seu sogro.

Sennhoras e Senhores! O *Regimento do Estrolábio e do Quadrante e o Tractado da Spera do mundo tyrada de latim em linguagem com há certa que huñ grande doutor aleman mandou ao rey de portugall dom Joham el segudo*, hoje conhecido sucintamente como *Regimento de Munique*, pertença da Biblioteca do Estado em *Munique* e divulgada pelo já citado historiógrafo *Joaquim Bensaúde*, e ultimamente interpretada magnificante nos seus pontos obscuros pelo *Almirante Foutoura da Costa*, recordamos sim que tais trabalhos e tais estudos posteriores seus, bem patenteiam o muito que aos portugueses deve a Marinharia dos Descobrimentos e não ser só o motivo afetivo aquele que nos impulsiona nesta filiação. Ela é rigorosamente histórica, verídica.

Nada disso diminui porem a glória desse atrevido Nauta que tudo teve contra si, e a favor tão somente uma fé inabalável, uma sublime persistência, e um grave erro nas longitudes das costas asiáticas. Note-se que até mesmo muito depois de *Cristóvão Colombo*, a questão do Paraíso Terrestre, e outras fábulas que tais, a Províncias das Trevas, por exemplo, enchem a mente de muitos investigadores.

Glória pois a êle, *Colombo*, à grande *Isabel* e a *Santangel*, seu tesoureiro, finno político e esclarecido espírito, à linda marquesa de *Moya* e a *Alonzo Quintanilla*, o arcebispo de *Toledo*, que apoiavam contra o *Rei e Talavera* "o inspirado *Colombo*, luz da idade que *Gama* e *Guttenberg* sublimaram".

Façamos justiça a *Colombo*; isso basta à sua glória e recordemos que a justiça é a verdadeira fonte comum de todas as virtudes sociais, sagrado laço das sociedades humanas. Haja *Colombo* achado ou não o *Novo Mundo*, como *Goethe* a sua esposa *Cristina* celebrada no *Cefundem* sua glória é enorme, impar!...

A capacidade de manter um ideal superior na vida garantiria de qualquer forma a *Colombo* elevar-se por sôbre a mediocridade. Mas sua vontade férrea, sua tenacidade admirável asseguraram-lhe glória sem igual: Ser um *Presenteador de Mundos* na poética imagem de *Castro Alves*.

RESUMO EN ESPERANTO

Dum la Speciala Kunsido de la 450a datreveno de la malkovro de Ameriko, okazinta ĉe la Societo de Geografio je la 12a de oktobro 1942a, Sipkapitano Cesar Feliciano Xavier, bonfarinta ano, faris paroladon, en kiu li enfokusigis la figuron de la granda navigaciisto Kristoforo Kolombo kaj la historiajn farojn, kiuj antaŭigis la malkovron de la Nova Mondo, reliefigante la influon de la Navigaciaj Lernejoj ĉe la Iberia Duoninsulo sur la plilarĝigon de la geografiaj horizontoj.

SERRAS E LITORAIS DO BRASIL MERIDIONAL

Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 5 de Novembro de 1942.

General José Vieira da Rosa
Sócio Efetivo

Aceito, para o Sul do Brasil, dois litorais num passado longínquo; um litoral na nossa atualidade, e outro num futuro muito afastado. O primeiro, julgamos ter sido uma linha de escarpas abruptas, granignéisica, que, pelas atuais ilhas mais amaradas, estendia-se de Cabo Frio ao Maldonado; e creio que, apesar de seus milhões de anos, oferecesse ainda uma superfície lisa, polida, brilhante, uma itaberá, como lhe chamaria o tupí. Não quero nem tenho autoridade científica para afirmá-lo, mas quer me parecer, parecer somente, que a massa azóica ou arqueana, seria uma só, de um extremo a outro, de Maldonado às Guianas. Suponho não haver nesse tempo, solução de continuidade nessa extensão de 9 mil quilômetros, de escarpa ou taludo cristalino. A bacia do Amazonas não existiria ainda.

E o granito, num planalto que talvez ocupasse uma superfície de 6 milhões de quilômetros quadrados, julgando-se indestrutível, dormia o sono de um plutocrático. Não pensava que algum mal lhe sobreviesse, e não tomou precauções.

Um dia, não sabemos se pelo aniversário natalício de um deus da mitologia greco-romana, houve um banquete formidável. Plutão encheu o estômago de um magma limburgito e, zangado com a pseudo eternidade de granito, meteu o dedo na garganta, e despejou sobre o sul do Brasil os seus vômitos ferrosos, tão negros que até agora ainda o tupí dá-lhe o nome de itaúna.

Mas, quem vomita contorce-se, ronca, e quem se torce assim, quebra tudo que alcança; é por isso que White e Braner encontraram evidência de submersão na costa brasileira.

Tôda a linha da costa marítima apresenta evidência de submersão nas ilhas, nas baías e embocadura de rios; especialmente do Espírito-Santo para o Sul, sinais que, no dizer de White, são notados nos mesmos acidentes geográficos de Nova-Escócia, Cabo-Bretão e Terra-Nova. Este afundamento ou submersão, é indicado tanto pela profundidade e que se encontra o granito na embocadura dos rios, como pela ausência de depósitos litorâneos de notavel relevo acima do nível do mar. Há, e eu os conheço muito bem, na Ilha de Santa-Catarina, ocupando o espaço entre Sul da Lagoa da Conceição e a linha dos preamares, uma sucessão de dunas bem altas, e completamente despida de verdes. Cochilhas, chamemô-las assim, verdadeiras cochilhas, brancas e finíssimos grãos de silica pura, com declives tão suaves nos desafiam ou convidam a rolar por elas, como se deixam rolar os gurís nas rampas gramadas da Quinta de Boa-Vista. Entretanto, essas areias que mudam a cada momento de posição, voam em direção ao Sul nos meses de Setembro e Outubro, que são das nortadas e nordestias desafortadas; invertem o rumo com o soprar do vento sul e assim, como um judeu errante da Bíblia, não descansam um momento. E note-se que a sua posição expõe-na ao minuano que as impele para nordeste, ao sueste que as conduz para noroeste. Triste sina para coisa tão bonita. Sua higiene ou limpeza parece ser um resultado de sua mobilidade, porque as dunas que as cercam, mais altas, imóveis, cobriram-se de vegetação arborescente e não podem apresentar a limpidez de suas prisioneiras.

Mais ao Sul, porém ainda dentro da baía, a parte setentrional do Campo de Araçatuba é formada por altas dunas, que se cobriram também de mato, mas aí, já meio consolidadas, querendo bancar arenito, oferecem escarpa a pique, de côr meio sépio, que talvez provenha do humus diluído pelas chuvas. A parte oriental dêste campo, é defendida por dunas menores, que o separam da extensa praia, como a praia resguarda-o do insulto das lestadas, e o nhu-ju, das areias já produtoras. É todo ele coberto de mirtáceas e gramíneas, palmeiras e ericácias, tem a superfície dividida em tabuleiros arenosos e rachas alagadas que lhe são paralelas. O seu perímetro é de 40 quilômetros.

Muito mais ao sul, entre Igara-paba e Imbetuba, cerca de um quilômetro do histórico local em que Anita e Garibaldi combateram contra a esquadra legal, as dunas ainda mais se elevam, a trinta metros mais ou menos, velhas, bem velhas, e cobertas de vegetação dicotiledone; onde impera o gênero ficus, com colosais indivíduos, que se vestem dessa grista brome-

liácea a que o povo com toda justiça batizou de barba de velho, véu alvacento, que serve para mostrar um longevidade, e para encobrir egoisticamente o brilho das orquídeas, e seu aroma incomparável. Logo ao oeste dessas dunas barreiras vem o Campo de Botiatuba ou Butiatiba (muito butiá), em nível quase da lagoa, horizontal, areias movediças protegidas pelos inumeráveis butieiros que o cobriam.

Eu chamo as dunas de Caeté ou preferivelmente pindocaeté, porque ali vemos as palmeiras entrelaçadas com os dicotiledôneos; e sou forçado a dar o nome de nhu-oby-pindorama (campo verde das palmeiras), por que ele era de fato um pindoretama. A unidade para contá-las seria mil. Quando passei ali pela primeira vez em 1895, surpreendeu-me o seu número, admirou-me o seu aroma, deixaram-me boquiaberto os seus matizes. Era Janeiro, precisamente a época da maturação dos coquinhos e esplandescência das catleias, das lílias, dos ôncidios, das bromélias e de um sem-número de mimosas florezinhas campestres.

A Natureza sempre surpreendeu-me, sempre me entusiasmou, sempre me impressionou, e sem ter tido, naqueles tempos da minha mocidade, uma idéia sequer do que escrevera Goethe, em tudo pensava como Ele. Vós todos sabeis como ele definiu a Natureza, sim, vós todos, porque eu que sou dos mais apoucados, sei. E... embora demore um pouco, vou lê-la: — “A Natureza cerca-nos e coleia-nos por tôda a parte; e nós somos igualmente impotentes, quer para fugir ao seu abraço, quer para conhecer a intimidade do seu seio. Sem nos consultar, sem aviso prévio, arrasta-nos na sua ronda eterna, seguindo o seu curso e abandonando-nos quando desfalecidos pela fadiga.

Cria incessantemente formas novas; o que existe não existia; o que foi nunca mais será; tudo é novo sem deixar de ser velho. Parece haver disposto tudo para o individualismo; mas não cuida do indivíduo; constrói sempre; destrói incessantemente, e ninguém lhe conhece oficina. Exteriorisa-se pelos filhos; mas onde está a mãe? Artista, sem rivais, vai da matéria mais simples, até os mais variáveis contrastes; atinge sem esforço a perfeição suprema; com um trabalho suave, produz o finito mais bem acabado; cada obra sua tem um carácter próprio; cada fenômeno exprime uma idéia original, mas em tôdas as suas criações se acentua a Unidade. Há nela vida, fim e movimento eterno; mas não avarça, metamorfoseia-se incessantemente; não pára; não tem idéias. É inabalável; o seu andar compassado; raras as suas exceções, imutáveis as suas leis. Deixa a cada filho o encargo de a remodelar, a cada

estulto criticá-la, ou passar por ele sem a ver. Tudo a satisfaz e em tôda a parte rehave seu salário. Mesmo resistindo-se-lhe, obedece-se as suas leis, ajudando-a até quando se a contraria. Tudo que faz é pelo melhor, porque é necessário cada um dos seus atos; faz-se esperar para ser desejada; foge para não se sentir o fastio da saciedade. Ignora as línguas e as palavras; mas cria línguas e corações pelos quais fala e sente. O amor é a sua coroa; só pelo amor nos chegamos a ela. Conjuga tudo, mesmo deixando lacunas entre os seres. Isolou para reunir. Aos seus olhos, alguns goles bebidos na taça do amor, compensam suficientemente uma vida inteira de trabalho. É tudo. Recompensa-se e castiga-se a si mesmo; satisfaz sua alegria e sua dor; é severa, indulgente, amavel e terrível; impotente e onipotente ao mesmo tempo. Abrange tudo. Não tem passado nem futuro. O presente para ela é eterno. É boa; louvo-a em todas as suas obras; é prudente e tranquila. Esclarece e presenteia de melhor grado, é astuciosa com bons fins, mas não vale a pena cuidar da sua astúcia. E sempre incompleta, embora seja tudo. O que faz, pôde sempre fazê-lo; tem para cada um uma forma especial. Disfarça-se com mil nomes, mil denominações, e é sempre a mesma. Foi ela que me pôs no mundo; é ela que me fará sair dele. Fio-me nela; pode dispor de mim, porque nunca odiará a sua obra. Não fui eu que falei dela; ela fez a verdade e a mentira. Sobre ela recaem as faltas e as virtudes.”

Isto foi escrito em 1780, há já 162 anos, e parece que não podia ter saído de um cérebro bárbaro, como sóe ser o de qualquer germano. Aqueles croquis que V.V. Exas. vêem em primeiro lugar, uma mancha de tinta vermelha que parece nada significar, foi traçado pelas ilhas mais amadas, considerando-o o nosso primeiro litoral. Ele já tinha vivido alguns milhões de anos, quando Plutão teve a indigestão. O movimento orogênio, provocado pela indigestão do Deus dos Infernos, fracionou o granito invencível, criou golfos, recôncavos, baías, enseadas; mudou cursos de rios e delineou formas de montanhas. Seria o mesmo movimento orogênico que faz desaparecer o continente de Gondwana dos geólogos ingleses? Contemporâneo ou não do derrame diabásico que obliterou mais ou menos quinhentos mil quilômetros quadrados do Triássico Sul Brasileiro, resultou disso o segundo litoral, que eu aponto no segundo mapa vermelho.

Mas, fica-se na dúvida, se essa submersão foi obra violenta de vulcões ou erupções, ou se se processou demoradamente, durante milhões de anos. Agora vejamos o terceiro litoral, o atual. Como ter-se-há formado? Pela isostasia, essa

teoria devida a Dutton, pela qual, segundo no-la ensina Everardo Bacheuser, a terra tendo a tomar uma forma de equilíbrio isostático. Pela erosão, a altura dos continentes é continuamente diminuída e portanto ficam estes mais leves; esses detritos são carregados para o fundo dos mares que devem, portanto, ficar cada vez mais pesados. Sucederá, pois, que para se manter o equilíbrio isostático, os continentes tendam a subir, e as partes de litosfera formando a concha oceânica, tendam a descer. Haverá assim, continuamente uma tendência de emersão dos continentes. Este equilíbrio isostático se dá por que se imagina que os continentes e o fundo dos mares estejam flutuando em um magma subjacente. Não creio que a formação do terceiro litoral, devida somente a sedimentos, seja obra da isostática. Desde que o segundo litoral se formou, apresentando muitas arestas vivas na dura rocha granítica, o sol, os agentes químicos e mecânicos, atacaram-nas e a desintegração das rochas foi entulhando os recôncavos até chegar ao estado atual, que não ficará eternamente assim. As erosões continuam e as chuvas e os ventos, por intermédio dos rios continuam no seu transporte. Isso continuará por milhões de anos, até que, como obra completa, resurja o primeiro litoral, não como escarpa granítica única, mas como o atual, cabos, promontórios e praias, por que ele será um resultado de sedimentação como é o atual. Nós vemos naquele mapa, o amarelo representando o quaternário e o holocênio. Mas, voltemos às elevações a que nos referíamos.

Afirmam os geólogos que essas elevações de cômoros, por mais velhas que sejam, não significam elevação da crusta por efeito da isostasia mas que são de formação eólicas atuais, holocênicas.

Podemos dar mais de um exemplo. Aconselho um passeio por uma dessas praias que ficam ao Sul de Santa-Marta, de centenas de quilômetros, praias de decliveis inapreciáveis, quase horizontais. Bem sabeis, senhores, que o baixa mar deixa sempre depositados nas praias, buzios, equinodermes, pinguins e outros, e não ignorais que a água salgada é uma espécie de gluken que liga os grãosinhos de areia. Logo que a maré desce, essa areia tem côr ocre muito fraca, mas apenas começa a ventar, seca e clareia rapidamente, e em secando, fica livre do grude fraco que os ligava. Ora, sem a proteção desse grude, fica entregue à ventania que a levará, em vôo rasteiro e paralelo à praia, até esbarrar num corpo duro qualquer. Impedida a sua passagem, avoluma-se e chega a obliterar o seu opositor, mas quando se ufana por tê-lo dominado, o vento que já está mais fresco, a tira de alí, e a vai tocando para

frente, até ficar num velho cômodo onde, se o vento continua não terá o prazer de ficar. Este exemplo se nota bem na praia de 120 quilômetros, que vai do Cabo de Santa-Marta a Tôrres, praia que, fugindo da linha Norte Sul em Santa Marta já está em Tôrres mais de um grau para oeste. Ali, nos dias de nordestia, que sabe ser braba naque'a latitude, aprecia-se bem a formação dos cômodos, porque fugindo a costa para sudoeste, fica enfiada pelo nordeste. Quando por ocasião da revolta federalista de 1893, passei pela Praia do Campo-Bom, vi um cargueiro alemão de 8 mil toneladas que ali naufragara em 1890. E passei entre o navio e a arrebentação sem molhar os pés, o que quer dizer que três anos formara um pontal.

Caminhando sempre para Sudoeste até Arroio Xuí, apreciamos o mesmo trabalho de construção.

Quando em 1893 a Divisão do Centro, de dois mil homens, deu combate ao pequeno paquete Itapemirim, tripulado por 19 marinheiros sob o comando do bravo e probo Felinto Perry, não escapou à minha curiosidade um cômodo que surgia dentre a catanduba, encostado à escarpa triássica do histórico Morro dos Conventos, na sua face Norte. Media 10 metros se tanto, e o fato de surgir tão pura e tão branca no meio de verdes tão carregados, não podia deixar de surpreender-me. Decorridos 17 anos voltei àquela região com o meu serviço topográfico, e fiquei abismado, por encontrar o guri que eu deixara, já homem feito, com 80 metros de altura, e começando a cobrir a pequena peneplanície que forma o cimo do velho arenito.

Permitis, senhores, que eu abra um parênteses para falar de uma coisa que muito me impressionou? Estou vendo nas vossas fisionomias que sim, porque na vossa qualidade de brasileiros jamais deixareis de ser gentis.

Nós havíamos marchado de Tôrres para Ararangua, tendo de percorrer 60 quilômetros de praias duras, em mês de Janeiro. Nessa extensão toda não havia uma gota de água potável, porque a estiagem vinha já de tempo. Em lagoinha, no nosso primeiro grande alto, achamos o precioso líquido e nos desalteramos. No dia seguinte atingimos o Morro dos Conventos, onde nos diziam os esculcas, se achava amarrado o paquete Itapemirim. Antigamente, ao passar pela tropa o comandante, o corneteiro de cada unidade dava o sinal de comando, e isso sucedeu justamente quando, ao entrar a vanguarda na estreita picada que leva ao rio, os corneteiros deram sinal de terceira brigada, sob o comando do bravo, probo e generoso Firmino Lopes Rêgo.

Está claro que o paquete não ia esperar o nosso ataque, amarrado como estava na barranca, por isso já não avistámos senão os seus mastros sobressaindo da enfezada mata marginal do Ararangua, a mais ou menos um quilômetro. Tomámos tôdas as providências que o regulamento de campanha daquele tempo ordenava, e já caíra a noite. Fome e sêde. Dirigimo-nos a uma casinha de pescadores, e só encontramos mulheres. Com muito custo pudemos arranjar uma caldeirada de cabeça de bagre aromatizada desagradavelmente.

Já sentíamos o cheiro, e já se tratava de estender uma esteira, quando naquela escuridão terrível, ouvimos um toque de sentido do corneteiro da minha companhia e, imediatamente o popocar das *comblains*. Só depois soubemos o que acontecera. A escuridão nada deixava ver, e o rio Ararangua alí tem mais de cem metros de largura: os soldados, de tocaias como se achavam, nada viram, mas ouviram: um carneiro que berrava e, inteligente como é nossa gente, de pronto compreendeu que o paquete deixava-se levar pela correnteza, para tentar a saída da barra, que demora dois quilômetros do morro.

Na manhã seguinte avistámos o Itapemirim amarrado à barranca, no lugar chamado Canjica, donde nos metralhou a valer. A nossa artilharia nada fez, embora o grande alvo estivesse a seu alcance. Alí pelas sete horas nós tínhamos ouvido um disparo de artilharia e o fogo de armas portáteis lá pela altura do Rio Negro. O Itapemirim durante a noite subira até Campinas, onde dormira, e foi na sua passagem, às sete horas da manhã, pela barra do Rio Negro, que as forças alí destacadas hostilizaram-no.

Sua passagem pela nossa frente foi verdadeiramente heróica, porque fazia-a a cem metros no máximo das nossas 800 carabinas, que atiravam do alto do morro ou barranca sobre o tombadilho. Atravessado por uma bala, o bravo comandante nem assim deixou de ser comandante e, caído, segundo me afirmou o comandante José Viégas, gritava suas ordens. Honremos a bravura daquele oficial da nossa armada.

A valentia de Perry impressionou bem os bravos da nossa divisão, e se afirmou naquela ocasião que, perguntando o general ao heróico Firmino Rêgo porque não elogiara sua brigada, S.S. respondeu: "Só merece elogio o comandante Perry."

Está visto, senhores, que uma palestra sobre geologia nada tem que ver com lutas armadas, mas o caso foi excepcional, não se registou oficialmente, e é bom que os brasileiros não o desconheçam.

Voltemos ao verdadeiro tema.

Em São-Domingos-das-Tôrres, já no Rio-Grande-do-Sul à margem direita do Mambituba, as areias sopradas pelo Nordeste, vem entulhando tudo desde a barra, e imobilizam-se um pouco ao encontrarem a Torre do Norte, onde se localizou a Vila de São-Domingos. Cobri-la-á sem dúvida em futuro próximo; pelo lado do Sul também há o movimento eólico colossal. Precisamente onde elas se encostam nas três tôrres, passeando pelo areal um dia, descobrí o mais belo fulgorito que jamais vira, de cinquenta centímetros de comprimento, com um diâmetro na base do cone de cinco centímetros, e de um verde garrafa lindíssimo.

Nessa extensão de mais ou menos 600 quilômetros de areias sem coesão, o movimento eólico se repete a cada passo ou, melhor, é único de Tôrres ao Xuí, nos dias de nordestia, mas onde mais se mostra é na barra do Rio-Grande, em São-José-do-Norte.

O Cataclismo cósmico que dizem haver afundado a costa brasileira, reduzindo as altitudes da rocha cristalina que não foi afundada, data, segundo a opinião dos geólogos, do fim do Triássico, relacionado com o enorme derrame de rochas basálticas e diabase que cobriram aproximadamente 600 mil quilômetros quadrados dos Estados de Rio-Grande, Santa-Catarina, Paraná, São-Paulo, Mato-Grosso e Minas.

Agora, para dar uma notícia mais exata e ao mesmo tempo prestar uma homenagem aos geólogos brasileiros na pessoa de seu companheiro o Dr. Paulino Franco de Carvalho, vou transcrever parte do relatório que ele apresentou ao govêrno: "A depressão assinalada da parte oriental do Brasil, em possível correlação com os derrames de basalto post-triássicos, criou, para o Estado de Santa-Catarina, um litoral complexo debruado de serras, salpicado de ilhas, retalhado por estuários, recôncavos e baías. Esta depressão veio se agravando do Rio-de-Janeiro para o Sul, como se se processasse um movimento de rotação de todo êsse maciço em tórno de um eixo horizontal e normal à direção da costa. Neste lento e contínuo afundamento, as águas do oceano invadiram os vales e foram construir os recôncavos. Os contrafortes se transformaram em cabos e os cabeços mais altos e distantes são hoje as ilhas que enxameiam as costas do Estado, como enxameiam desde Cabo-Frio o litoral do Rio-de-Janeiro, São-Paulo e Paraná. As mais importantes, porem, dessas ilhas são fragmentos destacados do continente (para mim são tôdas elas). Revelam sua origem a estrutura e orientação de seus relevos paralelos à direção geral da Serra do Mar. Dentre estas se destacam as Ilhas de São-Francisco e Santa-Catarina, São-Sebastião e Ilha Grande.

A Serra do Mar que se apresenta nos estados de São-Paulo e Paraná num relevo quase único, neste Estado ela se desfaz numa série de elevações paralelas, abrangendo uma larga faixa do litoral catarinense. O Cabo de Santa-Marta representa ao Sul o último relevo deste sistema de serras. Daí por diante, os acidentes mais orientais se acham submersos nas águas do Atlântico. Precisamente no Cabo de Santa-Marta a linha da costa, desamparada, abandona seu rumo geral Sul, para se infletir para Sudoeste, indo se apoiar no relêvo de Tôrres. Segue de aí para diante a costa baixa e impenetrável do Rio-Grande-do-Sul, até a barra do Rio-Grande. Sem o arcabouço da Serra do Mar, as costas dêste último Estado foram apenas modeladas pela ação conjugada das correntes do mar e fluxo dos rios. Formaram, então, essas planícies paludosas, fixadas, de certo, sobre as últimas saliências dos contrafortes que se submergiram. Em Laguna é sugestiva esta formação. Se nos collocarmos sôbre a colina dos sinais semafóricos, junto à cidade, observa-se que ela está separada do continente por um braço que se intromete pelos serros graníticos paralelamente à costa. Ligando êsses serros graníticos corre uma faixa de dunas com areias movediças. Estes serros eram primitivas ilhas, ligadas hoje, pelos sedimentos arenosos. As correntes fluviais e marinhas, encontrando nessas ilhas um obstáculo ao prosseguimento de sua marcha, se infletiram, formando zonas de remanso na direção abandonada, onde se depositam os sedimentos. Estes albardões se estendem de ilha a ilha, encerrando entre êles e a costa, fragmentos de mar — *as lagunas*. O processo de sedimentação continua com maior ou menor intensidade, transformando essas lagunas em extensas planícies. As lagoas de Sombrio, Caverá, Serra, Mãe-Luzia, Fachinal, Estêvão, Uruçanga e tôdas as outras que não estejam em comunicação direta com o mar, recebendo a influência das marés, figuram como verdadeiras bacias de decantação das águas pluviais que para elas se dirigem através de pequenos arroios. São lagunas condenadas a um rápido desaparecimento. Vastas planícies semelhantes às que separam a Lagoa dos Patos da Lagoa Mirim, substituirão essas lagunas, dando a ilusão de um movimento positivo de isostasia. Para o interior se desdobra a região ocupada pelas serranias de rocha cristalina, conhecida pelo denominação geral de Serra do Mar. Ela é realmente, constituída por uma sequência de serras sensivelmente paralelas, com direção NNE, desde o Norte do Estado até o paralelo de Florianópolis, e em direção ao Sul daí para diante. Cada uma dessas serras trás um nome regional: Serra do Boi, Serra Jaraguá, Serra Mirador, Serra Itajaí, Serra Tijucas, Serra Pi-

nheiral Serra Sorocaba e Serra do Cubatão, que é a mais importante. As altitudes destas serras oscilam entre 400 a 1270 metros sobre o nível do mar, e aumentam do litoral para o interior. Mostrei de início o resultado da interferência da linha do mar, acidentada, produzindo essa sucessão de recôncavos e baías, que tornam Santa Catarina, neste ponto de vista, um dos mais bem aquinhoados da União.

A área ocupada pela Serra do Mar, é larga ao Norte e vai-se estreitando para o Sul, à feição de um grande triângulo. Esta área de rochas cristalinas do Complexo Brasileiro, encerra sedimentos metamórficos... Os rios que drenam esta região são tributários diretos do Oceano. Eles são assim designados do norte para o sul: Cubatão, de São-Francisco, Palmital, Piraberaba, Itapucú, Itajuí, Camburiu, Tijucas, Biguaçu, Imaruí, Cubatão-da-Palhoça, Maçambú, Maçambu, Embaú, Una, Aratinguá, Taquaquicetuba, Tubarão, Uruçanga, Araranguá e Mambituba. A fragmentação da Serra do Mar em Santa-Catarina, deu origem a essas bacias fluviais, em cujos vales as colônias alemães e italianas criaram uma agricultura florescente e que hoje serve de base econômica a importantes centros industriais, tais como Joinville, Jaraguá, Blumenau, Indaial, Timbó, Hansa, Rio-do-Sul, Salto-Grande, Taió, Brusque, Uruçanga, Creciuma, Azambuja, Armazém, Braço-do-Norte, Capibari, Orleans-do-Sul, Treviso, Beluno, Nova-Veneza.

O mais volumoso desses rios é o Itajaí-Açu em cuja bacia fizemos a maior parte dos reconhecimentos geológicos. A rede hidrográfica da Região deve ter surgido com o abaixamento desta parte do continente, responsável pelas fraturas e altas escarpas que constituem a Serra Geral. Desde então, os rios que tinham suas cabeceiras próximas à atual linha da costa, inverteram suas correntes, e começaram a derivar para suas novas bacias de leste. A escarpa do Planalto passou a representar o divisor das águas das duas bacias-Atlântica e Platina. O trabalho de erosão dos rios pertencentes à bacia de leste tem feito recuar o divisor de água para oeste e captado outros cursos que corriam para o interior.

Isto significa uma redução constante da Bacia Platina em proveito da Bacia Atlântica. Os detritos provenientes da erosão de sedimentos nos altos rios desta bacia, vão formar os terraços ao longo da costa, de sorte que a área que descrevemos, cresce não só para o interior, como para o mar. Agora S. S. vai dar uma notícia da Serra Geral.

“Corre transversalmente ao Estado desde as proximidades da costa de Tôrres, até Porto-União, nos limites do Estado do Paraná, uma serra alcantilada, que representa a talude oriental

do Planalto Central Brasileiro. Este talude, pela sua grande extensão, pois atravessa inteiramente os quatro Estados do sul, recebeu o nome de Serra Geral. No Estado de Santa-Catarina, esta serra é mais conhecida pelos seus nomes locais: Serra da Pedra-Branca, no extremo Sul, Serra do Cavalinho, Serra do Fachinal, Serra da Pedra, Serra do Pingador, Serra do Tubarão, Serra São Bento, Serra do Oratório, Serra Imaruí, Serra de Anitápolis, Serra do Trombudo, Serra do Frade, Serra do Tanque, Picadão do Reuter, Serra da Miséria, e Serra do Ilhéu, e depois de infletir para Oeste, ainda recebe a Serra do Campe-Alto, Santa-Maria, Esperança, Perdizinhas, Perdizes, Mirim, Pardos, Taquara-Verde, Carão Doce, Fartura e até Dionísio Cerqueira, no Barracão argentino.

Nos Estados do Rio-Grande-do-Sul, do Paraná e São-Paulo, nenhuma confusão se pode estabelecer quanto à identificação geográfica da Serra Geral. Ela se destaca num relêvo único, formada pela borda do planalto Triássico, representado pela Série de São-Bento: arenitos recobertos pelo lençol de basalto.

Em Santa-Catarina êsse talude se sobrepõe ao Permo-Triássico, ao Sul da Serra de São-Paulo, ao passo que mais ao Norte, no Campo do Padre, ele se inflete bruscamente para Oeste, formando gigantesco anfiteatro em tórno do altiplano de Lajes até Morro do Funil ao Nordeste. Esta discordante orientação da escarpa da Série São-Bento os geógrafos passaram a denominar de Serra Geral, a escarpa permo-triássica do terraço de Lajes, que de certo modo, conserva a orientação anterior. Se prevalecer a denominação de Serra Geral, o critério geológico (escarpa do planalto constituído pela Série São-Bento), então ela forma esse grande recôncavo claramente discriminado pelo geólogo Clycon de Paiva no seu trabalho *Geologia do Município de Lajes*—.

Até aquí o saudoso Dr. Paulino Franco de Carvalho.

Muito pouca coisa me resta dizer sôbre as serras.

O engano de certos autores didáticos, confundindo numa cordilheira única das duas denominadas serras, que não são serras mas escarpas de planaltos, foi que me obrigou a pedir ao Exmo. Presidente, permissão para palestrar convosco, não por cabotinismo, não para bancar magister, mas para fazer um pouco de luz, onde uma penumbra já permitia que os vagalumes brilhassem. A idéia não foi minha, foi do nosso ilustre consócia, Dr. Alexandre Emílio Sommier que, conversando comigo sobre certos disparates, me disse que já era tempo de evitar que estrangeiros conhecessem do nosso país questões geográficas que ignoramos. Teria alcançado a meta?

Sem dúvida alguma a explicação dada pelo Dr. Paulino basta para fazer luz bem clara a respeito, mas... haverá prejuízo em mostrar-vos a de White?

Este sábio geólogo assim se expressa: "A topografia geral do Sul do Brasil pode ser resumidamente esboçada nas curtas palavras que se seguem: a Serra do Mar, alta cadeia de montanhas, compostas na maior parte de granito e rochas gneissóides, frequentemente cortadas por diques de rochas eruptivas antigas e muitas vezes envolvendo velhas camadas sedimentares da idade cambriana, ou precambriana, ergue-se abruptamente do mar, na região do Rio-de-Janeiro, estendendo-se para o sul paralela à linha da costa, apenas poucas milhas distantes desta, formando a borda externa da grande região do planalto.

Este maciço de montanhas, cuja altitude geral é de cerca de mil metros, estende-se para o Sul por São-Paulo, Paraná, Santa-Catarina, morrendo rapidamente ao Sul de Florianópolis e praticamente desaparecendo sob o mar antes de alcançar o Rio-Grande-do-Sul. De fato, a orientação da massa granítica parece levá-la na direção do Mar, onde desaparece gradualmente, ou pelo abaixamento geral para sudoeste, ou falhas, enquanto que o mar quase completou a remoção dos picos, excetuando os mais altos como a Cochilha das Lombas, etc. que ficaram como postos avançados de uma antiga linha de costa.

Alguns remanescentes desta cadeia reaparecem perto de Pôrto-Alegre e é provavelmente o mesmo sistema que se curva para oeste com o nome Serra do Erval, e vai até o ponto extremo do Sul do Brasil.

A oeste desta cadeia de granito e gneis, contendo algumas faixas de velhos sedimentos metamórficos, temos um largo planalto ao Norte, que se estende para a base da Serra Geral, cujos picos se elevam a uma altura de 1500 metros ou mais. A escarpa anterior da Serra Geral é formada pelos afloramentos dos conglomeratos maciços, cor de creme e grês vermelho do Trias, cobertos por grandes derrames de rochas eruptivas antigas, principalmente diabase, muita da qual de caráter amigdalóide. A Serra Geral é a divisora das águas que correm para oeste para o Uruguai e Paraná, das que vertem para Este ou Atlântico.

O Rio Iguaçu, tributário do Paraná ao Norte do Rio Uruguai, cavou seu leito através da parte setentrional da Serra Geral do Estado de Santa-Catarina para o Paraná, e nasce na fralda ocidental da Serra do Mar, não obstante os altos cimos de ambas as margens do Iguaçu em Pôrto-União coroados de penedias de grês triássico e grandes derrames de dia básico,

marcam a verdadeira linha da Serra Geral, que continua para o Norte através do Paraná com o nome de Serra da Esperança, para ser cortada de novo pelo Rio Ivaí, nas grandes cachoeiras abaixo de Teresina, e também pelo Rio Tibaí e pelas águas do Paranapanema, além das quais estas altas escarpas passam para o Estado de São-Paulo, em direção a Botucatu. Ainda mais além para nordeste a escarpa trisássica é de novo cortada pelos Rio Tieté, Mogiguaçu e Pardo, cujas nascentes como as do Paranapanema, estão em velho complexo cristalino, a este distantes das rochas carboníferas, e cortando estas, se dirigem para oeste para as águas do Paraná.

O curso não comum do Rio Paraíba, cujas nascentes estão em face do Atlântico a 150 quilômetros ao Sudoeste do Rio-de-Janeiro, e depois de correr para sudoeste aproximadamente para o Tieté, curva-se bruscamente para trás em um arco de 180°, e passando paralelamente ao seu curso anterior, distante apenas alguns quilômetros, se dirige para Nordeste, e deságua no Atlântico a 200 quilômetros do Rio-de-Janeiro. É um dos muitos problemas da geografia física brasileira. É possível que o curioso curso do rio, bem como a origem dos depósitos em questão, sejam devidos às grandes erupções do trap e material basáltico que cobriu tão grande região do Brasil, posteriormente ao período Triássico desviando outros cursos para novos canais e modificando muito a antiga topografia. (White).

Vamos insistir sobre este caso de submersão, e para não irmos muito longe, mostramos-vos ali os mapas do Rio-de-Janeiro e Distrito Federal em escala muito reduzida para o Estado e suficientemente grande a do Distrito. Podeis ver o Estado como bloco quase único de granito, de gneis e rochas foiaíticas nas cabeceiras do Rio-Preto junta a um pequeno terreno pliocênico. Também entre Itabapoana e Macaé, há uma superfície de 8.400 que quilômetros quadrados de terreno quaternário, pliocênico e holocênico. Com a submersão, este Estado foi tão fragmentado, como podeis apreciar do mapa, que resultou um verdadeiro labirinto. Aparecem quarenta e uma ilhas, grandes e pequenas, onde antes do grande cataclismo estavam na superfície de mil quilômetros quadrados. Estes terrenos quaternários da lagoa Ipanema, Jacarepaguá, Tijuca, Marapendí; todas essas várzeas de Santa-Cruz, Paciência, Campo-Grande, Santíssimo, Bangú, Realengo, Vila-Militar, Madureira e suas ramificações, imediatamente depois da submersão, eram fiordes profundos onde os peixes e cetáceos daquela época viviam alegremente. Hoje são terrenos fertilíssimos e já

explorados pela agricultura, terrenos que eram todos arenosos, hoje mistura de areias, argila e humus.

Um dos autores didáticos, aliás de muito valor intelectual, chegou a incluir na Serra Geral a Serra de Paranapiacaba que é, como sabeis, uma das denominações da Serra do Mar, como o é Cubatão. Esta Paranapiacaba, que se traduz por — *Pontò donde se avista o Mar*, fica longe da escarpa triássica da Serra Geral, 180 quilômetros, em Botucatu. Nos dois últimos Estados do Sul sim, há um trecho da escarpa geral que bem podia ter sido denominada Paranapiacaba, porque, de fato, entre Serra da Pedra e Rincão-do-Tigre, que é quase que um único itaibé, em qualquer ponto tem-se a visão do Oceano, num arco de horizonte muito abatido e confundindo-se a perspectiva aérea com êsses nimbos e estratos que nunca faltam na linha do horizonte marítimo.

Penso que se fêz um pouco de luz agora sôbre a questão das serras ou escarpas, pois que serras verdadeiramente não são.

Agora que levantei a cabeça de sôbre estas tiras de papel, e posso olhar para vossas fisionomias, vejo nelas estampado o mal-estar, o cansaço que um palrear muito comprido produz sempre e, desejando que vossa condescendência em ouvir-me não se transforme em ódio, dou por terminada a minha palestra.

RESUMO EN ESPERANTO

Generalo José Vieira da Rosa, societano, faris paroladon titolitan "Sudbrazilaj Montaroj kaj Marbordoj", en kiu li faras rapidan studon pri la diskutado rilata al la lokalizo de la sudbrazilaj montaroj, kiujn oni konsideras, foje kiel apartenantaj al la Ĝenerala Montaro, foje al la Mara Montaro. Li faras kelkajn konsiderojn bazitajn sur la observoj de diversaj fremdaj kaj naciaj jeologoj, nome: White, Braner kaj Paulino Franco de Carvalho.

ALGUMAS VERDADES ACÊRCA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Conferência realizada no Gabinete Português de Leitura do Rio-de-Janeiro em 28 de Abril de 1943, e, esclarecida em dez mapas e cartas, na sede da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro em 28 de Maio do mesmo ano.

Capitão de Fragata L. DE OLIVEIRA BELO.

Em História quando claudicamos da verdade, as pessoas sofrem na sua personalidade e os fatos na sua realidade.

A verdade na História é um objetivo difícil de ser integralmente atingido porque depende principalmente dos historiadores que, em geral, por não haverem tomado parte ou testemunhado os fatos ou acontecimentos que relatam, referem ou criticam, não podem ser totalmente verdadeiros. Demais a História, sendo obra humana, nunca poderá ser perfeita.

Nela há duas verdades a focalizar em qualquer acontecimento, a histórica e a real, raramente ajustáveis. O seu ajustamento cabe a cultos, idôneos, pertinazes e desapaixonados historiadores, que nem sempre logram realizá-lo sem omissões, discrepâncias e contestações.

A verdade histórica, geralmente mais simples, rápida e conhecida, é ligeira e atraente, porém pouco sólida e conclusiva porque se baseia em apressadas narrativas, verossímeis tradições, imaginadas versões, insinuantes fantasias, hipóteses aceitáveis e, às vezes mesmo, em parcimoniosos documentos, tudo superficialmente relanceado. Mas esse complexo de elementos raramente conduz os historiadores a argumentos consistentes e conclusões exatas.

A verdade real, laboriosa e difícil, demanda estudo aprofundado desses elementos, porém colhendo-os nas melhores fontes,

ERRATA

		onde se lê	leia-se
pág. 58	linha 14	o este	loeste
pág. 65	" última	balsas	bôlsas
pág. 68	linha 16	raro	raso
pág. 70	" 30	ponto	pôrto
pág. 72	" 13	Mutaí	Mutari

MCD 2018

pesquisas e análises de autênticos documentos e fiel interpretação de seus textos, repúdio às hipóteses, idôneos testemunhos pessoais, estudos psicológicos da época e dos ambientes em que se desenvolveram os fatos ou acontecimentos e psicanalíticos das personagens que nêles tomaram parte, se bem que tudo isso raramente seja possível se conseguir. Dessa caudal de bons e repassados elementos, sincera, paciente e imparcialmente penetrados é que pode promanar uma verdade mais próxima da realidade e, portanto, construtiva.

E foi exatamente a leitura de autênticos e explícitos documentos que faltou aos cronistas do século XVI, que primeiro escreveram sobre o descobrimento do Brasil. Naturalmente êles se louvaram nas imprecisas informações dos mareantes da frota de Cabral e dos tripulantes do navio de Gaspar de Lemos e, posteriormente, em algumas tradições dos primitivos colonos que retornaram ao Reino. Todavia, não devemos censurá-los acrememente, porque eles foram mais vítimas das contingências políticas da época em que escreveram, que propriamente da impureza das fontes em que se abeberaram.

É bem sabido que reinava rigoroso sigilo, compulsório e cominado em penas, a respeito do preparo e resultado de quaisquer viagens, isoladas ou em expedição, para fazer descobrimentos, conquistas ou resgates. E mesmo que, clandestinamente, se lograsse obter leais informes não se os podiam publicar, nem a êles se referir. Mas os cronistas, por profissão, mister ou prazer, tinham que escrever, e na falta de autênticos ou verossímeis elementos, procurando verdades que não encontravam, acabaram formulando hipótese, sugerindo razões e causas ou imaginando versões, que julgavam possíveis e que não poderiam desagradar aos reis, que censuravam as crônicas e as mutilavam nos trechos julgados inconvenientes ou perigosos à astuciosa política das navegações. Por isso, não é fora de propósito atribuir a êles a especiosa versão de que a frota de Cabral descobriu o Brasil por "obra do acaso" e não pelo esforço, audácia, experiência e prática dos seus capitães e pilotos.

Naturalmente houve documentos, relações, portulanos e cartas relativos às viagens realizadas para o sul pelo gôlfão do Atlântico, quer para o Oriente em demanda de um caminho para a Índia, quer para o sudoeste à procura de uma costa que já em 1448 figurava, apenas entrevista, no mapa de Andrea Bianco, como orla de terra firme, e que provavelmente era a mesma que alguns tripulantes de caravelas, procedentes da Mina e que faziam a volta dos Açôres, diziam ver todo o ano, alta e enevoadada, naquela direção. Também das viagens por terra em busca do reino do preste João, da expedição de 1498 à "Quarta Parte",

de que falou Duarte Pacheco em seu "Esmeraldo de Situ Orbis" e, talvez mesmo, da que fez Antônio Leme em 1481 para o Ocidente e na qual disse ter visto três ilhas, devia ter havido alguma narrativa ou referência escrita. Mas todo êsse precioso acervo de informações, com a carta de Cabral e as dos Capitães da frota, dirigidas a D. Manuel e transportadas por Gaspar de Lemos, desapareceram de um modo até hoje inexplicável.

Dêsse tufão, que destruiu verdadeiros incunábulo, que tanta falta fazem à verdade real de uma das mais fulgentes páginas da História de Portugal, qual seja a que trata da Epopéia dos Descobrimentos, salvaram-se três cartas integrais, que são as do escrivão Caminha, mestre João e D. Manuel, e uma incompleta relação de viagem, escrita ou narrada por um piloto anônimo, as quais se referem, muito imprecisamente, sobre a viagem da frota cabralina e, assim mesmo, constituem os documentos clássicos nesse assunto.

Mesmo depois que em 1817, pela primeira vez, apareceu publicada na "Corografia Brasílica", do padre Aires do Casal, a pitoresca carta de Caminha, pouco melhorou a nebulosa explicação dessa viagem, pois raros foram os historiadores, quer em Portugal, quer no Brasil, que se animaram a contestar a versão do acaso, já geralmente radicada. E em face da confusão que se percebeu existir entre as referências dêsses escritores e o texto daqueles documentos, a história da referida viagem e o achamento da nova terra passaram a constituir um intrincado problema, tão nebuloso quanto a fantástica vida de Colombo, e que até hoje continua a ser estudado e talvez ainda esteja longe da sua definitiva solução.

Se bem que nos últimos cinqüenta anos os escrupulosos historiadores Duarte Leite, Jaime Cortesão, Faustino da Fonseca, Luciano Pereira, Capistrano de Abreu e Solidonio Leite, debruçados sobre vetustos textos e mapas, tenham procurado clarear o nebuloso horizonte que vinha envolvendo êsse problema, ainda restam nuvens que precisam ser completamente dissipadas, porém que, ao meu ver, o critério histórico, por si só, com suas imperfeitas luzes, não logrará fazê-lo. Felizmente, os esclarecidos estudos técnicos, de caráter náutico, iniciados pelo ilustre Comandante Baldaque da Silva, continuados pelo abalizado Comandante Fontoura da Costa e, em continuo período de ultimateção, pelo eminente almirante Gago Coutinho, luso de berço e brasileiro de coração, veterano veleiro dos mares por onde o Gama passeou a sua glória e Cabral a sua audácia, e pioneiro do ar, feriram de flanco a insubsistente versão do acaso e ela está prestes a ruir por completo, sepultando em seus escombros o labéu

de incompetência que durante quatro séculos, cronistas e historiadores vêm conferindo aos Capitães e pilotos de Cabral.

I — DA PROVAVEL ORIGEM E INSUBSISTÊNCIA DA VERSÃO DO ACASO

É sabido que o homem evolue do incognoscível para o incompreensível e seu espírito gira entre o relativo e o aproximado na insaciável e quimérica busca do absoluto, do belo e do perfeito e, em geral, pelo lei do menor esforço, acaba se contentando com a verdade histórica dos fatos, mesmo incompleta e imperfeita, porém mais rápida e atraente. Esquece-se ele que, em História, quando claudicamos da verdade, sofrem as pessoas na sua personalidade e os fatos na sua realidade. Olvida também que o bom navegante é o que procura guiar-se pelos astros para chegar certo ao seu porto de destino. E isso deveria ser suficiente para advertí-lo que, desenvolvendo as próprios luzes para melhor se orientar, poderá com mais possibilidade, sem um fetichista culto aos "deuses", humanos como nós e que também cochilam, e exagerado respeito aos "tabus", que também se desfazem, conhecer a verdade real dos fatos, que é a mais conclusiva e convincente.

Será que os obstinados adeptos da versão do acaso ainda estão esperando que D. Manuel e Cabral lhes venham dizer porque nunca quiseram ou puderam falar a verdade real sobre a expedição de 1500 e a deixaram envolta em incertezas e fantasias?

Parece que não há necessidade de perturbar a edenica paz em que secularmente repousam êsses dois grandes patriotas, a quem todos os brasileiros devem render sinceras e elevadas homenagens porque foram êles que descerraram a cortina que escondia ao Velho Mundo, já no século XV fatigado de estéreis lutas entre desvairados interesses e crenças, esta maravilhosa terra que o Mundo atual começa a enxergar nesta margem do malsinado Mar Tenebroso, cujas lendas e superstições, com gênio e audácia, os portugueses sepultaram no seu gôlfão.

A Cabral nenhuma culpa cabe no mistério que D. Manuel, por alta conveniência política, julgou prudente criar quando, dissimuladamente, em sua carta de 29 de Agosto de 1501, dirigida aos reis de Castela, em vez de lhes explicar como e porque Cabral se apossara de uma nova terra ao sudoeste do Atlântico, preferiu escrever astuciosamente que essa terra "Deus colocou milagrosamente no caminho para a Índia" para os navios nela refrescarem.

Quem sabe se não foi essa ardilosa expressão que originou aquela versão, aceita pelos cronistas e veiculada pelos his-

toriadores que neles se louvaram? Ora, nem D. Manuel, nem Cabral, durante os primeiros anos da vigência do Tratado de Tordesilas, poderiam declarar que aquela expedição, tendo partido oficialmente para demonstrar ao Samorim, naires e povo da Índia o valor, a fôrça e os desejos do Reino de Portugal, havia se desviado intencionalmente de sua rota, para o sudoeste, afim de procurar uma suspeitada "terra nova" ou aportar a uma já visitada ou conhecida, de que devia se apossar antes que algum aventureiro, ao serviço de Castela, o fizesse.

D. Manuel ignorava a verdadeira posição, as dimensões e os limites da terra que Cabral acabava de achar e, por sua vez, os reis de Castela ignoravam os mesmos característicos da terra firme que Colombo descobrira em 1497 na costa de Paria, e quem sabe se ambas não constituiriam uma única, ligada no ocidente ou no sul? Também nenhum deles sabia se elas constituíam as costas orientais da Índia, tão ansiosamente procuradas por Colombo.

Demais, D. João II, signatário do Tratado de Tordesilas, e D. Manuel, que o sucedera, não haviam se conformado com o item da Bula de Alexandre VI, de 26 Setembro de 1493, que tinha revogado o direito conferido aos reis de Portugal, seus contemporâneos, e aos seus sucessores, pelos Papas Nicolau V em 1454, Calisto III em 1456 e Xisto VI em 1481, sôbre as terras já descobertas pelos seus súditos e as que eles viessem a descobrir e todas ficassem ao sul da Guiné até "os Indos", o que não queria dizer que seria somente para o oriente. E como a terra, novamente achada, estava ao sul da Guiné e no caminho da Índia, mesmo para o ocidente, pensava D. Manuel que ela lhe pertencia mas, não sabendo se estaria parcial ou totalmente situada na sua zona de posse, fixada pelo Tratado de Tordesilas, convinha agir com astúcia, dissimulação e sigilo até poder posteriormente mandar explorá-la.

Com um calculado alheamento a tal achado êle quis afastar de si e de Cabral toda a responsabilidade direta na posse da dita terra e insinuar aos Reis de Castela o seu carater fortuito, mais pela vontade do Senhor do que pela astúcia dos navegantes, maxime, quando dela, Gaspar de Lemos só levou pau de tinta e dois homens estranhos que colheu num dos portos do norte, onde provavelmente o navio refrescou.

Devemos considerar que no Reino há muito se suspeitava da existência de uma terra para o sudoeste das ilhas de Cabo Verde e é bem provavel que D. João II disso tivesse alguma prova concreta ou talvez conhecesse o mapa de Andrea Bianco de 1448 ou o do Bisagudo, referido por mestre João em sua carta dirigida a D. Manuel, porque não se pode compreender

que êle, astuto como era, propusesse a transferência da linha de marcação de Alexandre VI, tantas léguas para o ocidente, e se esforçasse para conseguí-la, até com uma dissimulada ameaça pelas armas, se não estivesse convicto da posição daquela terra, mesmo errada.

Mas nem os cronistas, nem os historiadores que os sucederam, na imperfeita narração do achamento dessa terra, poderiam saber dos intrincados meandros da real política das navegações e, então, para poderem explicar ou justificar a imaginária versão do acaso, já em começo de erradicação, eles tiveram que imaginar e veicular várias causas, que bem podem ser sintetizadas nas seguintes: desorientação da frota porque os navios perderam dois dias à procura da extraviada ou desaparecida nau de Vasco de Ataíde; perda da rota por êrro de rumo em mares desconhecidos; forte tormenta que tresmalhou os navios e os empurrou demasiadamente para o oeste; intencional afastamento para a frota fugir das tempestades e calmarias da costa da Guiné; enfim, arrastamento dos navios pelas correntes oceânicas. Concluíram eles que alguma dessas causas deveria ter produzido o demasiado caimento que levou os navios para o oeste e "por acaso" os conduziu a uma nova terra completamente desconhecida.

Todavia, relanceando-se todas elas, mesmo sumariamente, facilmente se concluirá a insubsistência de cada uma e, portanto, das imaginárias provas da frágil versão do acaso.

Para a frota esperar a nau desgarrada de Vasco de Ataíde, caso no momento não reinasse alguma tormenta, bastava ela pairar ou bordejar algumas horas, pois aquela não devia andar muito afastada e, se não lhe conviesse perder tempo, poderia também destacar as naus de Bartolomeu Dias e Nicolau Coelho para procurá-la porque ambos já conheciam o Cabo sul africano e facilmente poderiam se dirigir com ela diretamente para a angra de S. Brás, que era o ponto de reunião geral da frota, em caso de desgarramento dos navios, designado nas Instruções de Cabral. Não se justifica, portanto, que a frota, por tão singelo e comum acidente, se desorientasse quando ainda se achava em águas tão próximas de Cabo Verde e que lhes eram bem conhecidas.

A perda da rota preestabelecida, por haver a frota errado o rumo, é uma causa inadmissível e até pejorativa dos conhecimentos, experiência e prática dos Capitães e pilotos de Cabral. Se bem que ele não fosse um navegador e tão somente um Capitão-Mor, achavam-se embarcados na frota os ases da navegação ultramarina: Bartolomeu Dias, que havia primeiro transposto o temido Cabo das Tormentas; Nicolau Coelho, que ti-

nha ido à Índia com o Gama; os pilotos Pero Escobar e Afonso Lopes, veteranos das navegações às costas africanas; mestre João que observava os astros e talvez Duarte Pacheco que parecia conhecer a "Quarta Parte" além da equinocial para o norte e para o sul. É óbvio admitir que, com seus conhecimentos e patriotismo, eles não haviam de deixar que a frota andasse à matroca no pego do Oceano.

Os quatro documentos, considerados clássicos acerca da viagem de Cabral, apesar de pouco explícitos, mas por serem os únicos que restaram da viagem que aniquilou os demais, não fazem referência a nenhuma tormenta que houvesse colhido a frota nas duas singraduras que fez até chegar, no dia 22 de Abril, à vista do monte Pascoal. Gandavo, circunspecto cronista que escreveu, ainda no século XVI, disse que o tempo havia sido "próspero", o que provavelmente foi verdade porque todos os navios chegaram àquele ponto "unidos e incólumes" e nenhum reparo fizeram, nem nos cascos, nem nos aparelhos, durante a sua permanência nas águas da nova terra, pois do contrário, Caminha teria dito isso em sua carta. É quase certo que houvessem apanhado alguns fortes aguaceiros, frequentes nas proximidades da equinocial, acompanhados de rápidos golpes de ventos, nem sempre perigosos. Mas eles absolutamente não constituem tormenta.

Para a frota se resguardar das temidas tempestades e calmarias peculiares ao golfo e costa da Guiné não havia necessidade de descair mais de duzentas léguas para oeste, porque os mareantes portugueses bem sabiam que elas eram perturbadoras somente nas navegações ao longo das costas africanas e que pouco se faziam sentir na região das ilhas de Cabo Verde ou na volta para os Açores. Então porque haviam de receá-las no golfo a ponto de se afastarem delas mais de quatrocentas léguas e ficarem desorientados por mares "nunca dantes navegados" e que no entretanto já haviam sido sulcadas pelos navios do Gama?

Eles não poderiam escapar de calmarias porque, quando cortassem a equinocial, teriam que "dansar" dentro delas proximamente uma semana na estreita faixa que, partindo da costa de Senegambia e passando ao sul de Cabo Verde e pelo norte daquela linha, estende-se sempre na direção do oeste, até às costas do Amapá. Mas na época em que a frota a atravessou, essa faixa deve ter sido muito delgada porque os gerais do nordeste descem até quatro ou três graus ao norte da equinocial e os gerais de sueste sobem até beirá-la e, às vezes, a ultrapassam dois ou três graus. Se bem que tudo isso suceda de um modo irregular, equivale a dizer que a ausência

completa de vento não dura muito dias e, portanto, não podia ter ação assaz perturbadora na derrota da frota. O que provavelmente atemorizava os mareantes, filhos de climas frios, eram o bochorno e o demasiado calor reinantes nessa região que os obrigava a beber muita água e facilitava o escorbuto devido à alimentação salgada e de conserva.

A chamada corrente oceânica da Guiné parte do golfo dêsse nome, passa pelo sul das ilhas de Cabo Verde e, correndo para o oeste, e paralelamente à equinocial com velocidade variável até cinco milhas horárias, ao chegar a cerca de cem léguas do costão nordeste do Brasil, divide-se em duas sub-correntes. Uma, ascendente e forte, que continua a correr naquela direção passando pelo norte da costa brasileira e, sempre se infletindo ligeiramente para o noroeste, vai penetrar no Golfo do México. A outra, fraca e descendente, que se dirige para o sul e paralelamente à costa até às proximidades dos dez graus, isto é, logo abaixo do Cabo Santo-Agostinho, e depois vai pouco a pouco se afastando dela até passar próximo dos Abrolhos, entre êles e a Ilha da Trindade.

Ora, ao que parece, a frota não foi colhida por nenhuma dessas sub-correntes, cortou o equador entre 25 e 30 graus e, se houvesse sido afastada pela corrente equinocial, naturalmente teria ido ver terras da costa norte para o oeste do Cabo S. Roque, como aconteceu com Colombo em 1497 e posteriormente com Hojeda, Pinzon, de Lepe, Bastida, Niño e os irmãos Guerra, a quem o bispo D. João Fonseca concedeu permissão especial para navegar para o sudoeste depois que o genovês descobriu terra firme na costa de Pária.

Também não deve ter entrado no ramo descendente porque então teria se ensacado na costa entre os Cabos S. Roque e S. Agostinho e, não podendo enfrentar os ventos gerais de sueste, que lhe seriam ponteiros, perderia a volta para o Cabo da Boa Esperança. Mas, se isso houvesse ocorrido, a primeira terra vista por Cabral deveria ter sido na altura da Paraíba ou de Pernambuco e não, ao sul, o monte Pascoal, longe de cuja costa passa essa corrente.

Então qual foi das três a corrente que arrastou os navios mais de quatrocentas léguas para o oeste, afastando-os tanto da derrota do Gama, quando pelas Instruções escritas eles deviam se dirigir para a Índia pelo caminho do Oriente? Nenhuma. Não foi por direto efeito delas, nem por erro de rumos que a frota surgiu na tarde de 22 de Abril à vista daquele monte; nem tampouco porque os navios "feitos piorras" andassem girando no pego do Oceano. Tudo isso são fantasias escritas para despistar uma verdade, que não convinha que fosse

desvendada e que foi sepultada com os seus autores, ou por ignorância sôbre assuntos náuticos.

O que trouxe a frota de Cabral à costa da terra, que “novamente achou”, foram os conhecimentos, a experiência e prática dos seus Capitães e pilotos e, talvez, também a observação particular de alguém que já houvesse atravessado os mares para o sudoeste ou avistado a mesma terra. Devem também ter cooperado para isso as advertências e conselhos dados em Lisboa a Cabral, quando a frota ainda estava em preparo, por Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e talvez Duarte Pacheco, os quais bem poderiam ter lhe insinuado qual a derrota a seguir por sudoeste, a fim de cumprir a missão reservada que “na concha da orelha” lhe teria dado D. Manuel, isto é, cair com os navios para o este “quantum satis” para avistar a terra que lá existia e que devia lhe pertencer e dela se apossar, se não estivesse habitada por castelhanos. E, no caso de o estar, os expulsar de lá pois a frota bem equipada, armada, guarnecida e dirigida, como estava, serviria para coadjuvá-lo no êxito dessa missão. E depois lhe mandar aviso do resultado.

Eis aí as principais considerações que, dentro do critério histórico e à luz dos quatro documentos clássicos, das três bulas já citadas e dos textos do Esmeraldo e do Tratado de Tordesillas, sumariamente em uma palestra, podem ser apontadas para evidenciar a fragilidade da versão do acaso, e também as considerações de caráter náutico, colhidas na prática da navegação que fiz em duas viagens a vela por onde Colombo no ocidente andou e várias a vapor pela rota de Cabral, e que me permitiram convencer-me da intencionalidade da viagem da frota em 1500.

Essa intencionalidade não consiste em provar, com um exato traçado, a derrota dessa viagem porque isto parece-me impossível por falta de elementos reais, mais sim pressupor como ela poderia ter sido feita para lograr o resultado que Cabral alcançou sem que a frota fosse colhida pelos obstáculos que os adeptos da versão do acaso alinharam para justificar a sua fantasia. Infelizmente Caminha em sua carta não fornece nenhum elemento essencial para indicar qualquer das singraduras da frota por não lhe competir fazer isso, conforme nela escreveu e também muito principalmente porque rigoroso sigilo não lhe permitia.

A suposta derrota de Cabral pode ser admitida como tendo sido a seguinte: depois que perdeu de vista a ilha de S. Nicolau, aproveitando o geral do nordeste, rumou para o sudoeste e nele procurou se manter, não se desviando além de meia quarta para o sul até se aproximar da equinocial, onde aquele vento

enfraquece e torna-se variavel. Assim navegando, e cortando essa linha entre 25 e 30 graus, ele poderia passar na altura do costão nordeste sem vê-lo e sem entrar em nenhum dos ramos da corrente equinocial, satisfazendo-se então com o razoavel avanço que ela, com sua velocidade normal de duas para três milhas horárias, já havia proporcionado aos navios; e, daí para o sul, se a sua única intenção era seguir diretamente para a Índia, contornar o rijo sueste e entrar na volta do vento de loeste que deveria levá-los ao Cabo sul-africano numa única bordada. Se o não fez, sem que a frota houvesse se ensacado, foi porque isso não lhe conveio e preferiu persistir naquele rumo que o acabou trazendo, a 22 de Abril, à vista do monte Pascoal.

Claro é que praticamente a singradura teve alguns pequenos caimentos para fora dos rumos, devido às calmarias e aos aguaceiros, provocados por ventos variaveis, quer próximo da equinocial, quer mesmo defronte da costa brasileira, distúrbios êstes que não podem ser considerados como tormentas e muito menos tempestades da Guiné e que pouca influência devem ter exercido sôbre ela. Com uma intencional derrota dêsse molde, ao meu ver, a frota de Cabral bem poderia ter avistado aquele monte sem a generosa proteção da Divina Providência ou a enigmática "obra do acaso".

II — O DERRADEIRO FUNDEADOURO DA FROTA FOI NA BAÍA DE SANTA CRUZ

Durante os dez dias em que a frota esteve ancorada nas águas da terra que descobrira, teve ela três fundeadouros diversos, cuja fixação, procurada sòmente dentro do critério histórico, acabou constituindo um problema de confusa e retardada solução.

Há mais de quatro séculos ele vem adormecido, conquanto em 1877, com a opinião oscilante do Visconde de Porto Seguro, fosse motivo de fugaz controversia que nada decidiu e, posteriormente em 1899, ressurgisse com os "Estudos sôbre Cabralia e Vera Cruz", publicados pelo engenheiro Major Salvador Pires, que o tratou com sinceridade, mas não logrou interessar aos meios históricos, despreocupados com o problema, a que nunca deram a devida importância.

No entretanto, a sua solução, pelo menos quanto ao último fundeadouro, há muito já podia ter sido assentada fora daquele critério; bastava um desapaixionado estudo local no sítio onde a frota esteve fundeada de 25 de Abril a 2 de Maio e outro no lagamar de Porto Seguro e respectivas proximidades, concretizados por levantamentos hidrográficos e fotografias para per-

mitir uma sincera comparação entre ambos afim de poder fixar o verdadeiro. E isso, em pequeno estilo, só foi feito ultimamente no ano de 1940.

Se bem que o ilustre cronista João de Barros escrevesse na sua Década I que Cabral vira a nova terra aos dez graus sul, isto é, nas costas de Pernambuco, tal afirmativa nunca foi confirmada e entrou no rol dos seus erros. E sem dúvida, o primeiro ponto dela avistado foi "um monte alto e redondo, a que o Capitão-Mor pôs o nome Pascoal". E na noite do dia que o viu a frota ancorou, com ele à vista, em fundo limpo de dezanove braças a "umas seis léguas" da costa.

Foi êsse o seu primeiro fundeadouro, até hoje irreconhecível porque nenhuma marcação azimutal de qualquer ponto da terra, linha de sondagens ou cálculo astronômico foram feitos no momento ou na manhã seguinte para determinar a sua posição. Contudo, é de pressupor que a frota não tivesse ancorado para o sul do monte Pascoal e muito menos no paralelo de 17.º porque, nesse caso, além das serras baixas que estavam sendo vistas, se deveria ver o pico "João Leão", mais alto que o monte e distante dêle cerca de quatro léguas para o sueste.

Na manhã de 23, naturalmente à primeira hora do sol, a frota fez-se de vela direto à costa e, depois de sucessivas sondagens, quando encontrou um sítio limpo e de bom fundo em nove braças, nele fundeou, ficando a meia légua da terra e de frente da boca de um rio, que o piloto anônimo escreveu "ser pequeno".

A totalidade dos cronistas e a generalidade dos historiadores de ambas as pátrias, em tôdas as épocas, têm escrito que êsse rio era o do Frade e um escasso grupo, com o General Beaurepaire Rohan à frente, opinou pelo Ribeiro Caí, generosamente promovido a rio. Todavia, respeitando os "deuses e tabús" da História Nacional, persuadí-me que não teria sido nenhum dos dois.

A curta singradura da frota naquela manhã, bafejada pela brisa, vencida em cerca de cinco horas, vagarosa porque os navios menores iam na vanguarda sondando sucessivamente, não foi ortogonal e sim em ligeira curva voltada para a costa e com pequeno caimento para o norte. Isso permitiu aos vigias nos cestos da gávea, com tempo, verem a arrebentação das águas no vasto parcel dos Itacolomís, que jaz próximo da costa, espraiado sete milhas para norte-sul e quatro para leste, e advertirem aos pilotos de que deveriam deixá-lo para o sul, se não se quisessem emaranhar com recifes e pedras.

E naturalmente eles fizeram isso e procuraram ancorar ao norte dêle e assim não podiam ter visto a boca do Caí, que

desagua na praia três e meia milhas ao sul, e é cortado pelo paralelo de 16° e 58 min., que passa pelo pico João Leão. Demais, exatamente a meia légua e defronte da sua boca, perfilam-se, que nem vigilantes sentinelas, dois rochedos que indicam a sua entrada. Ora, se o pico e os rochedos, que atualmente se chamam "os Patachos" e vêm assinalados nas cartas, houvessem sido vistos, é lógico admitir que Caminha, que tanto apreciava o pitoresco, não os teria olvidado em sua carta.

Parece-me que os poucos adeptos dêsse rio o escolheram em virtude do lamentavel equívoco de haverem transportado para as cartas modernas a errada latitude de 17.º, calculada por mestre João e baseada na altura que tomou em terra no dia 27 de Abril quando a frota já estava fundeada, desde 25, dentro da baía de Santa Cruz. Esqueceram-se que a latitude, sendo uma coordenada local, não podia ser empregada para determinar outro sítio. E assim fica o pequeno ribeiro abandonado e sem direitos a pleitear a honra de ter sido o primeiro rincão da "nova terra", que viu de perto a destemida frota cabralina.

O rio do Frade, situado em 16.º e 41 min., dista oito milhas da orla norte do parcel dos Itacolomís e 15 da boca do Serinhaem, hoje Buranhem, que lhe fica ao norte e em cuja margem esquerda Pero Tourinho fundou em 1536 a vila de Porto Seguro. É pouco extenso e profundo e desagua entre barrancos na costa, que é alta e de barreiras escavadas e brancas e já vem correndo de sudoeste para nordeste desde a ponta de Joacema. Não há nenhuma praia ali, junto à sua boca e sim um pequeno recife sobreaguado.

Realmente, defronte desta costa o mar é limpo e fundo, mas ambos são completamente desabrigados contra os ventos, desde sul até lesnordeste, frequentemente aí reinantes.

Como os navios demandavam cautelosamente a costa, sondando sucessivamente, não deviam fazer mais de uma légua por hora porque as cinco léguas e meia da singradura foram feitas em cinco, tempo suficiente para levá-los ao norte do parcel, porem muito escasso para surgí-los defronte do rio do Frade, duas léguas e meia alem dele. Por tudo isso parece-me que este rio também pode fazer boa companhia ao Caí na sua desventura.

Onde então teria sido o segundo fundeadouro? Provavelmente defronte da boca do Caraívamimuum, atualmente conhecido por Cramimuum.

Com a advertência da arrebentação sôbre os Itacolomis os navios se fizeram mais para o norte e logo que se livraram deles, depararam com uma pequena enseada em forma de crescente, correndo por oeste, de sueste para o nordeste, extensa

de sete milhas e larga de milha e meia; dentro da qual descarregam dois rios, um na costa ao sul, próximo da ponta de Corumbau e que fica por trás do parcel, e o outra na praia, ao meio dela e perfeitamente visível do largo. Este chama-se Cramimuam e, na posição em que os navios fundearam, ficou-lhes defronte e aquele, Corumbau, que não foi visto porque aquela ponta o encobre do mar.

Pois bem, em frente, à parte mediana dessa enseada, hoje chamada de Joacema, há um remanso de fundo limpo, bom, alto e exatamente a meia légua da boca do Cramimuam e com seis braças atuais, que correspondem a nove da época cabralina. A arrebentação na costa, que Nicolau Coelho avistou quando se dirigia em um batel para entrar no rio e devassar a terra, provavelmente era contra o parcel ou a ponta de Corumbau, que ficava próxima e por trás dele. Exatamente junto à boca daquele rio há uma praia branca, que deve ser a em que viu os naturais da terra, rijos e armados com seus arcos, em posição de ataque.

Se nesse sítio, em que se presume que a frota esteve fundeada calmamente durante o dia 23, ela foi surpreendida à noite por forte golpe de sueste, que desgarrou alguns navios, isso veio a bom tempo advertir-lhe que ele não devia ter sido aí escolhido defronte de uma costa desabrigada dos ventos, onde o fundo do mar é de lama, areia e cascalho mole. Mas os Capitães e pilotos não podiam conhecer as condições meteorológicas da região em que se achavam apenas há um dia e, por isso, o seu êrro carece de importância, mesmo porque é facil compreender que eles estivessem apressados em tomar contato com a terra, para explorá-la, e com o seu povo, para conhecê-lo.

Na manhã de 24, concertado o Capitão-Mor com os pilotos, às oito horas a frota suspendeu e fez-se ao norte à procura de "uma abrigada e bom pouso", impelida por aquele vento, que já soprava menos rijo. Em duas filas, os navios por dentro e as naus por fora e observando os seus movimentos, seguiu ela na sua missão. Provavelmente os navios, com seus bateis e esquifes amarrados à popa, navegaram entre duas a três milhas da costa para poderem vê-la bem e examinarem o mar. A singradura deve ter sido cautelosamente feita com sondagens e talvez reconhecimentos de sítios, rios e acidentes hidrográficos. Consumiu "obra de dez léguas" vencidas em cerca de dez horas, o que significa que foi vagarosa e rebuscada, pois o vento lhe era favoravel.

Assim então não devia ter passado despercebido aos capitães e pilotos dos navios nenhum detalhe do variado panorama que a costa ia lhes oferecendo, com suas barreiras bran-

cas ou vermelhas, baixas e altas, escalvadas e vivas, a várzea junto à margem direita do Serinhaem, as bocas de uma dúzia de rios e ribeiros, uns desaguando no mar e outros em praias, terras chãs e arborizadas e até alagadiços. Deviam também ter visto no mar o banco de areia que fica defronte das vermelhas barreiras de Porto Seguro, os dois cordões de minúsculos recifes coralígenos que logo em seguida se prolongam paralelos e cosidos à costa e passam fronteiros à boca daquele rio, tapando-a como se aí formassem um quebra-mar, impedindo assim a sua entrada direta e depois continuando para o norte mais uma milha.

Teriam visto ainda, afastado duas léguas e meia da costa, o grande recife do coral, denominado "de Fora", extenso de 2 e meia milhas e largo de 1 e meia e vários de diferentes dimensões que jazem entre ele e a costa e separados por estreitos canais, alguns navegáveis. Não poderiam deixar de ver, logo depois da boca do rio do Frade até a boca do Buranhem, a costa correr norte e sul e daí em diante encurvar-se ligeiramente para o nordeste até à ponta Grossa, também conhecida por Gorda, e depois rumar novamente naquela direção até à ponta do recife da Coroa Vermelha, sem apresentar nenhuma baía ou enseada ou qualquer outro sítio que pudesse servir de abrigada à frota. E no mar, veriam ainda entre essas duas pontas, três recifes coralígenos, bem espraiados, cosidos à costa e separados por estreitos boqueirões inavegáveis.

Deveriam ter visto nitidamente tãda essa extensa costa e aqueles recifes, bancos e baixios, cuja maior parte é sobreaçuada e todos descobrem nas baixas marés desvendando sua natureza, forma e dimensões, porque o tempo estava bom, era dia alto e a visibilidade devia ser regular. E como a frota navegou seguidamente cêrca de dez horas, provavelmente pôde vê-los também descobertos, até mesmo os recifes que defrontam a boca do Buranhem e outros pequenos, que lhes ficam próximos e sôbre os quais as águas frequentemente arrufam com os ventos do leste, os ultrapassando e entrando no rio.

É fora de dúvida que a frota de Cabral foi especialmente preparada e guarnecida com os melhores Capitães, pilotos e mareantes que no momento se achavam no Reino e que mereciam a honra de executar duas importantes missões. Tais marinheiros habituados a navegar nas costas africanas, nas voltas dos Açores e pelo mar de Baga, há muito conheciam pelo "cheiro do mar e da terra" todos aqueles acidentes, mesmo quando eles não jaziam "à flor das águas" e, por isso eram cautelosos nas suas aterragens, principalmente em costas novamente achadas. E assim, tendo diante de si, ainda cêrca de

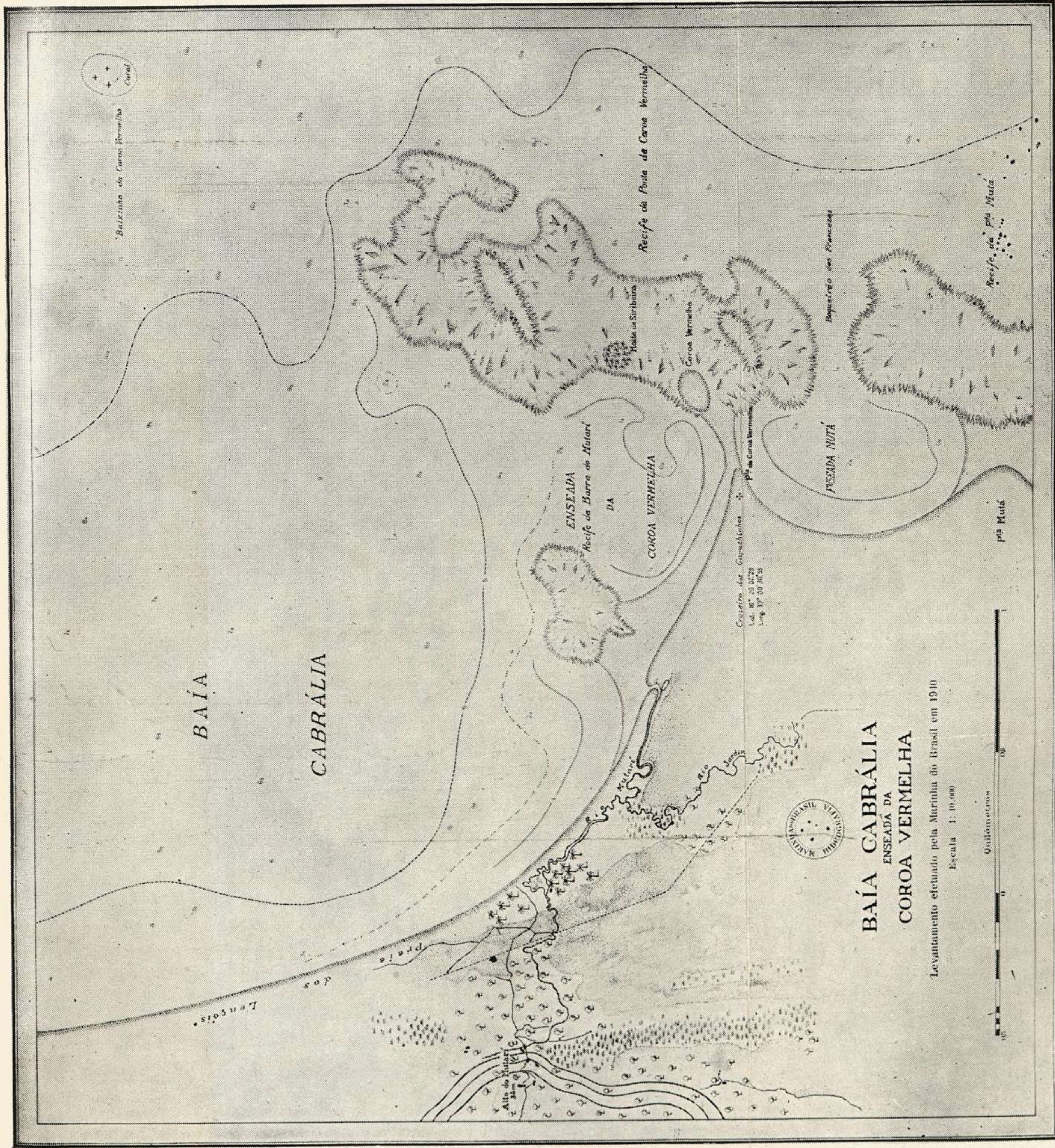
duas horas para continuarem a procura de uma boa abrigada, não iriam desperdiçar tempo a atravessar estreitos e perigosos canais entre a costa e os vários recifes, que lhes ficam próximos no trecho entre a boca do Buranhem e a Ponta Grossa, para tentarem penetrar em um rio que desconheciam e cuja boca dificilmente teriam visto do mar, se é que a viram, porque ela é encoberta pelos dois cordões de recifes, já descritos.

Tambem não me parece lógica, nem marinheira, a hipótese de que a frota pudesse ter estado fundeada por irás do sobreaguado recife "de Fora" para ficar aí desabrigada dos ventos de nordeste e de sueste, quando ela fugia de um sítio castigado por êstes ventos.

Os navios devem ter atravessado essa embaraçada região e recifes provavelmente entre três e quatro horas da tarde e, até então, não tendo encontrado a abrigada que procuravam, continuaram para o norte para tentar achá-la antes do pôr do sol, quando pouco depois, entre quatro e cinco horas, defrontaram com um recife espraiado para norte-sul, e dentro do qual, na forçada expressão de Caminha, "havia um porto", que lhes pareceu conveniente e abrigado e cuja entrada "era alta e mui larga". Então, dando graças ao Senhor, amainaram, entraram e fundearam bem próximos à terra. Pouco tempo depois as naus arribaram sôbre êles e ancoraram em onze braças, por fora do recife e a uma légua dele. Na manhã seguinte, já conhecidos a natureza, altura e qualidade do fundo onde os navios jaziam, as naus entraram e fundearam por fora dêles em seis braças e a meia légua da praia.

Foi êsse o terceiro e último fundeadouro da frota, no qual ela permaneceu calma e segura até a manhã de 2 de Maio, quando enfunou as velas e partiu definitivamente para a Índia. Mas onde foi êsse sítio? Apesar de alguns expressivos detalhes referidos na carta de Caminha e que permitem caracterizá-lo, ainda paira aquela dúvida que martelou o cérebro do grande historiador Varnhagen, que em 1840 públicamente se manifestou pela baía Cabrália, que nunca conhecera, estranhando até que ainda não houvessem erguido nela um farol, alto e belo como o primitivo de Alexandria. E em 1877, já enobrecido, após sumária visita de seis horas a Porto Seguro, entre festas e discursos, mudou de opinião proclamando que fôra no seu lagamar, ou mesmo em um desabrigado trecho da costa, entre ele e a ponta Gorda, que a frota cabralina passou fundeada os seus últimos dias nas águas da Terra de Vera Cruz.

Mas equivocaram-se o Visconde de Porto Seguro e todos os que nele se louvaram e o têm repetido, tão sòmente porque



Carta da Baía Cabrália onde esteve fundeada de 25 de Abril a 2 de Maio a frota de Cabral, levantada pelos oficiais e guarnição do N. Hidr. "Rio-Branco" da M. de G. do Brasil, em Julho-Agosto de 1940.

se aferraram ao fascinante critério histórico e nunca visitaram a enseada Cabrália na baía de Santa Cruz aos 16° e 20 min. Se houvessem feito isso e visto com os olhos, a História e simples conhecimentos náuticos, o verdadeiro sítio e o indigitado, rápida e facilmente, sem nenhuma influência estranha, teriam se convencido de que o verdadeiro sítio foi naquela baía.

Para se provar isso historicamente é a carta de Caminha que nos fornece os elementos e tecnicamente são os exames locais na terra e no mar, que hoje podem ser realizados na carta geográfica levantada da região que compreende toda a baía de Santa Cruz, pois nela vamos encontrar todos aqueles elementos, que o trabalho de quatro séculos pouco desgastou. O que nela não existe mais, o índio, a mata junto da praia e o "pau de tinta", foi o homem quem aniquilou. Hoje o panorama já não apresenta mais aquela beleza feraz e o sabor de poesia, que tanto encantavam Caminha. Ao contrário, a desolação da terra e a pobreza da cidade confrangem um coração patriota e causam tristezas.

Caminha referiu-se aos caracteres fisiográficos do sítio em que a frota esteve fundeada, de um modo tão fiel, claro e inconfundível, que merece a consideração de sintetizar-se aqui alguns deles: Uma baía com uma praia, ao longo da qual e ao seu "carão" corria um rio de água doce que, antes de chegar a ela, descia do sertão por entre a mata, onde desaparecia para surgir em outros lugares, parecendo ser o mesmo, e com uma ribeira que corria dele; para o interior, um alto, donde os naturais da terra desciam para vir à praia tendo que atravessar a mata; na baía, um ilhéu de cascalho e areia, todo cercado de água, ao qual só se ia de batel, e onde frei Henrique Soares rezou a primeira missa, ouvida aí por sessenta pessoas, e que, quando descobria, nele podia se encontrar moluscos e caranguejos; um recife, dentro de cujo porto a frota fundeou, e outros detalhes de somenos importância.

Percorrendo-se com tóda a atenção a baía, na costa, na praia e no mar, principalmente durante as marés baixas, tudo vendo e examinando, é que se pode reconhecer a fidelidade e a precisão dessas referências e servir-se delas para confirmar o sítio em que a frota realmente esteve fundeada. Examinemos sumariamente algumas, julgadas necessárias para comprovar isso.

A baía tem a forma de um crescente correndo de leste para nordeste e é contornada por uma praia de areia branca, que ocupa mais da sua metade. Junto à sua ponta sul, prolongada para leste, jaz um recife espraiado para norte-sul, coralígeno e de forma irregular, com duas pequenas balsas d'água do mar,

uma moita de seribeiras que nunca ficam completamente imersas e, na parte voltada para dentro da baía e próxima da praia, uma coroa ovalada, de cascalho, areia e detritos coralíneos, amalgamados e endurecidos, e nele encrostada, formando a Coroa Vermelha, que lhe deu esse nome. É completamente cercado de água e, nas marés altas, pequenas embarcações podem passar entre ele e a praia, mas nas baixas, quando fica completamente descoberto e a Coroa também, vê-se uma lingueta de areia ligando-o à costa. Se ela já não existia no tempo de Caminha, foi depois se formando pelo assoreamento das terras e areias nestes últimos séculos. Nada autoriza a crer que a Coroa Vermelha, nesse tempo, constituísse um ilhéu independente, uma vez que ele não salientou a particularidade dela ser encravada no recife; talvez já fosse conhecido esse fato, em outras baías, de recifes com coroas e isso não lhe despertasse a atenção,

Mesmo na baía de Santa Cruz, ao norte e nas proximidades da ponta Santo-Antônio, jazem os recifes de Sequaratiba e da Coroa Alta, onde, em cada um, existe uma coroa semelhante à Vermelha e que também descobre toda.

O rio de água doce, que corre ao carão da praia, ainda existe correndo do mesmo modo como foi descrito. Nasce por trás do Alto do Mutarí, distante alguns quilômetros da praia, e depois de contorná-lo, desce de noroeste e, passando por dentro da mata, onde se oculta em alguns sítios, chega à praia e aí forma uma pequeno bolsa de água. Em seguida se encurva e corre uns oitocentos e trinta metros, de norte para o sul, ao longo da praia e a uns trinta metros da sua orla e, retomando a precedente direção, já próximo da barra, desagua na baía.

Seu curso é pequeno e pouco profundo; atualmente sua largura média varia entre quatro e cinco metros e na barra se avizinha de seis. Sua boca está situada acima do nível do mar e, por isso, a água salgada não a invade e nas marés altas não alcança além da sua primeira curva, a cerca de cem metros dela. Na praia pode ser atravessado com água "pelas bragas", pois aí é muito raso; e na boca desce a menos de meio metro. Esse rio, chamado Doce pelos portugueses, era conhecido entre os naturais por Itacumirim e hoje é denominado Mutarí; dele parte o Jardim que é a ribeira de que falou Caminha. Foi para o seu norte e a uns trezentos metros de sua boca, que Cabral chantou a cruz de madeira, cortada na mata próxima e que teve a dupla missão de assinalar o domínio do Rei e a religião dos seus descobridores, o que, no seu tempo, representava uma garantia desse domínio, reconhecido pelos Papas.

Defronte da baía, para o norte e afastados da praia uns quatro quilômetros, existem outros recifes e, entre o que fica

mais ao sul, que é o das Alagadas, e o recife da Coroa Vermelha, há uma entrada larga de seis quilômetros, alta e limpa, por onde toda a frota entrou.

O recife da Coroa Vermelha, com 1700 x 550 metros, e essa Coroa, com 128 x 100, ficam totalmente descobertos nas baixamares e podem ser percorridos a pé. Nessa ocasião constata-se como tanto diferem na forma, constituição e cor. Por vezes, sobre ambos, são vistos caranguejos e moluscos vivos. Junto à barra do Mutarí, à sua esquerda jaz um recife coralíneo e em forma de coração, ligado à praia por delgada lingueta de areia que também descobre nas marés baixas. Com aquele recife ele forma uma pequena enseada, que pode abrigar embarcações de pequeno porte.

Da ponta sul da baía até à barra do sangradouro Acacarái, no seu meio, o mar fronteiro é limpo, alto, de boa tença e com fundo de areia, lama e cascalho. Foi exatamente aí nesse sítio, em cinco para seis braças e à meia légua da praia, que as naus de Cabral, mais tarde chamadas da Índia, ancoraram com toda a segurança. A esse trecho da baía, em honra do Capitão-Mór da valorosa frota, os brasileiros deram o glorioso nome de Cabrália, pelo qual é conhecido.

Relanceemos também o lagamar de Porto-Seguro dentro do rio Buranhem, desde Paquetá à sua boca, situada aos 16° 27'5 para evidenciar o "ledo engano" que, por quatro séculos e meio, vem baralhando cronistas e historiadores obstinados em afirmar que foi nele onde a frota esteve fundeada de 25 de Abril a 2 de Maio.

O Buranhem, nascendo para as bandas da serra dos Aimorés e correndo de oeste para leste, depois de sucessivas voltas, quando passa defronte de Paquetá, vira para sueste e, pouco antes de desaguar no mar, torce para o nordeste. Bancos de arenito guarnecem a sua margem direita nessas proximidades e junto à ponta da Regueira. Existem também dentro do rio ilhotas de mangue e próximo à praia, entre Paquetá e Porto Seguro, um banco de arenito e cascalho, em forma oval, que os habitantes dessa cidade querem, à *outrance*, que seja a Coroa Vermelha onde frei Henrique Soares disse a primeira missa. Na verdade esse banco descobre totalmente nas vazantes, sobre êle cabem sessenta pessoas ou mais e é cercado de água completamente, não sendo ligado por nenhuma lingueta à terra. É esse o único acidente hidrográfico que, ao meu ver, pode ser aparentemente invocado pelos adeptos do fundeadouro em Porto Seguro como fazendo parte do local em que eles admitem que a frota esteve fundeada.

Todavia, se esquecem que esse banco não é um ilhéu, porque é de areia, não jaz numa baía nem defronte de uma praia na qual, "ao seu carão", corre um rio de água doce, que antes forma uma lagoa e do qual, a quatrocentos metros da sua boca, parte uma ribeira. Não há recifes coralíneos no estuário do Buranhem e seu fundo é raso e descobre em vários pontos nas baixamares. A água salgada, que passa por cima dos recifes que, à semelhança de um contínuo quebramar, lhe tapam a boca, invade-o até junto da cidade e aí a água ainda não é totalmente doce. O seu estuário, apesar de largo, não oferece entrada direta e os navios para penetrarem nele precisam fazer-se ao norte e atravessar o estreito e embaraçado canal, existente entre a costa e os cordões de recifes externos, que continuam naquela direção para além dele. Não se pode cruzar o rio com a água "pelas bragas", como se faz no Mutarí.

O rio é raro e no lagamar de Porto Seguro só podem fundear navios de pequeno porte ou embarcações e não há lazeira segura para cinquenta naus cabralinas poderem manobrar quanto mais para cêrca de duzentos como Caminha, com algum exagero, imaginou que o pudessem fazer na baía de Santa Cruz. Dentro dele e próximo de sua boca, existem algumas pedras que descobrem com as marés.

Já em 1587 o cronista Gabriel Soares, que residira na Capitania de Porto Seguro, escrevia que no rio Serinhaem, hoje Buranhem, não podiam entrar navios de sessenta toneladas carregados, os quais tinham que fundear fora para esperarem maré e completarem o carregamento em Santa Cruz, onde podiam subir o rio que a banha, entrando antes folgadoamente na baía desse nome, por uma de suas duas entradas.

Hoje tão drásticas condições estão pouco melhoradas mas, assim mesmo, ainda os veleiros, que vêm impelidos pelo sueste, não podem entrar no canal entre a costa e os recifes porque esse vento não lhes permite fazer cabeça. E isso teria também sucedido aos navios de Cabral, se eles tivessem tentado atravessá-lo, pelo que se pode concluir que nunca lá estiveram. Há ainda outros detalhes de menor importância para condenarem o estuário do Buranhem e o lagamar de Porto Seguro como tendo abrigado a frota de Cabral, porem abstenho-me de citá-los para não alongar o assunto.

Assim pois, deste confronto dos característicos hidrográficos dos dois sítios litigantes e candidatos à honra de haverem sido o verdadeiro fundeadouro dessa frota, feito em exame local e através de estudo nas cartas geográficas que os assinalam, especialmente as levantadas por ordem do Ministério da Marinha, pode-se concluir, sem discrepância e com máxima since-

ridade, que, se os adeptos de Porto Seguro, os indiferentes ao problema e os duvidosos sobre o verdadeiro sítio, houvessem feito uma turística viagem àquela cidade e, em seguida, à baía de Santa Cruz, espontaneamente se convenceriam dos seus equívocos, desfariam as suas dúvidas e não controverteriam mais o problema.

E como prova final de que o segundo fundeadouro da frota foi provavelmente defronte do Cramimuum e o último realmente na baía Cabrália em Santa Cruz, resta mostrar isso por um simples jogo de latitudes. Ora, em sua carta, Caminha diz que a singradura no dia 24 foi "obra de dez léguas", o que nos conduz a pressupor que tenha variado entre dez e oito e meia, o que equivale a dizer que, na medida da milha de 1850 metros, já usada pelos portugueses desde 1475, quando aumentaram-na de dois atadios, dez léguas correspondiam a 32,2 milhas, nove a 28,8 e oito e meia a 27,2. Se subtrairmos sucessivamente essas distâncias das latitudes 16°-59'; 16°-48'; e 16°-41', que são respectivamente as das bocas dos rios Cai, Cramimuum e do Frade, obteremos as seguintes latitudes: 16°-26',8; 16°-30',2 e 16°-31',8, que não conferem com ponto algum do lagamar de Porto Seguro, nem da baía de Santa Cruz; 16°-15',8; 16°-19',2; e 16°-20',8 QUE COINCIDEM COM TRÊS PONTOS EXISTENTES NESSA BAÍA; finalmente 16°-08',8; 16°-12',2; e 16°-13',8 que conferem com pontos já ao norte da ponta de Santo-Antônio e, portanto, além da referida baía. Comparando-se estas nove latitudes assim obtidas, constata-se que somente as que partiram da latitude 16°-48', da boca do Cramimuum, foram as únicas que conferiram com três pontos situados dentro da baía de Santa Cruz, o que vem demonstrar que foi defronte desse rio o segundo fundeadouro da frota no dia 23; e, mais ainda, que ao fim de uma singradura de "obra de dez léguas", que bem poderiam ter sido 10; 9; ou 8 e meia, os navios só poderiam ter ancorado em um dos três sítios de latitudes 16°-15',8; 16°-19',2; ou 16°-20',8 dentro daquela baía. Ora, examinando-se a costa da baía de Santa Cruz, constata-se que dessas três latitudes, as possíveis são 16°-15,8 e 16°-19,2 ou mais provavelmente um local situado entre ambas.

E, penso, ter assim provado, com clareza e algum aspecto de precisão, a tese a que me propus, que é a seguinte: "A FROTA DE CABRAL NA MANHÃ DE 23 FUNDEOU DEFRENTE DA BOCA DO RIO CRAMIMUAM E NA MANHÃ DE 25 DENTRO DA BAÍA DE SANTA CRUZ, NO TRECHO ATUALMENTE DENOMINADO CABRÁLIA, ISTO É, ENTRE 16°-16' E 16°-19' SUL".

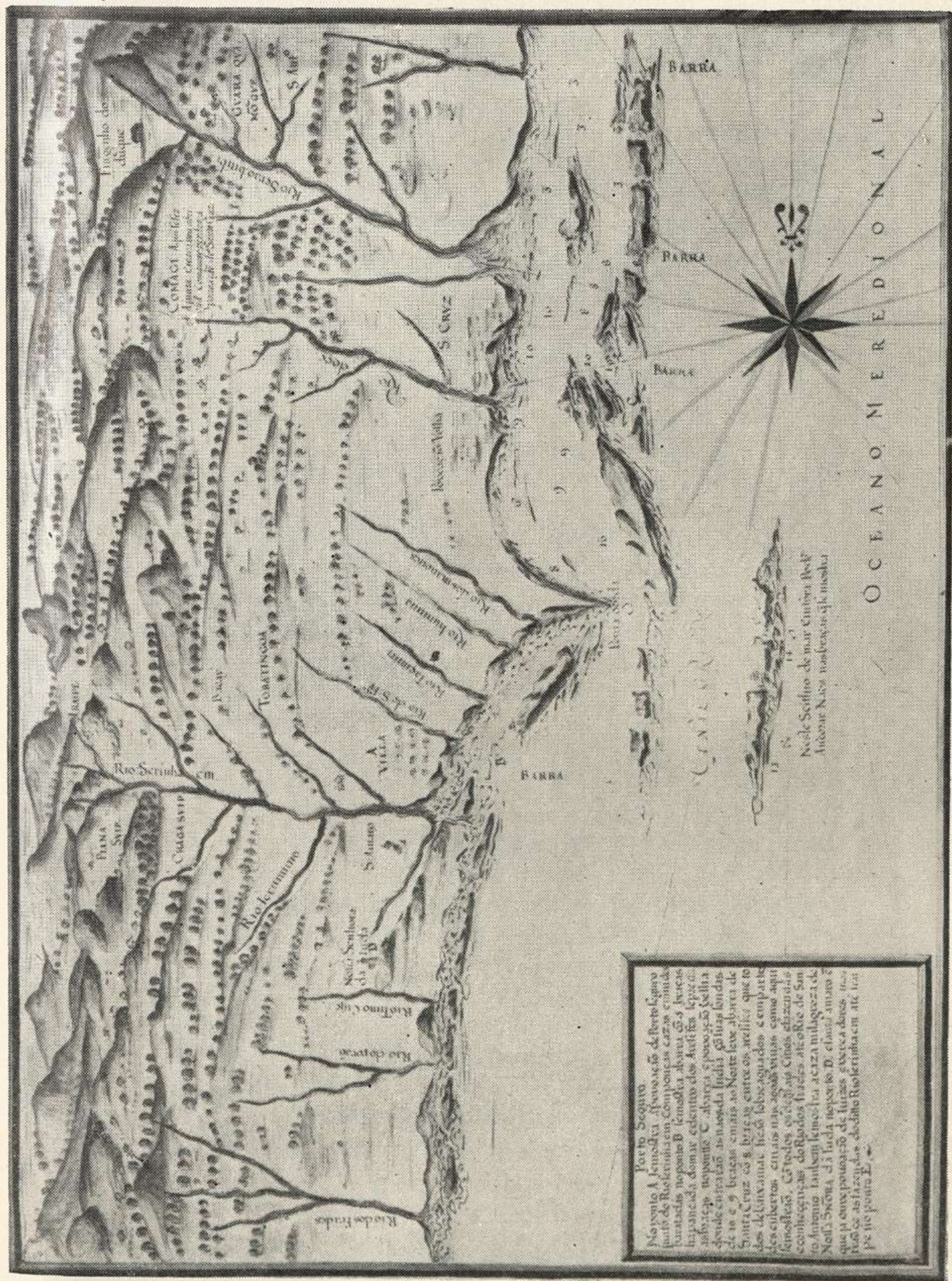
III — O NOME PORTO SEGURO E SUA ORIGEM

O domínio português no Extremo Oriente foi bastante perturbado desde o seu início e longe de só prodigalizar ao Reino riquezas e proventos políticos que compensassem os seus esforços, tornou-se um insaciável devorador de energias, vidas, navios e dinheiros, que ameaçava levá-lo à ruína financeira.

O Brasil, situado bem mais próximo, porém ainda mal devassado, não tinha despertado grandes interesses porque nele, apenas ligeiramente conhecido na orla do seu litoral, não tinham sido encontrados riquezas e produtos que, em espécie e qualidade, pudessem rivalizar com os que abarrotavam as naus procedentes da Índia. Só havia o "pau de tinta", há muito conhecido na Europa e que era inferior ao do Oriente introduzido pelos italianos no Mediterrâneo. Todavia, aos franceses intrusos, que clandestinamente o exploravam no Brasil, ele rendia mais que aos legítimos donos da terra.

Em 1534 D. João III, querendo criar novas rendas para o seu debilitado Erário afim de aliviar os gastos com as sucessivas expedições ao Ultramar, resolveu dividir o Brasil em capitânias e doá-las, mediante determinadas obrigações e garantias de colonização e desenvolvimento agrícola, a cavaleiros e homens de prol que merecessem tão grande mercê. E entre estes contemplou com cinquenta léguas por costa a fundo indeterminado Pero de Campo Tourinho, abastado homem de Viana de Lima, onde possuía bens e era muito considerado. Ele negociou esses bens e os de seus parentes e com estes e muita gente, a quem prometeu conceder terras, armou uma frota e, no começo de 1535, fez-se de vela para se apossar e se estabelecer nos seus domínios. Aportaram ao sítio onde Cabral estivera com suas naus, isto é, "ponto seguro desta vossa ilha de vera cruz" que, até então, não havia recebido nenhum nome oficialmente dado pelos reis e que, por isso mesmo, consuetudinariamente vinha sendo chamado "porto seguro".

Nele desembarcados, Tourinho e a sua gente, estabeleceram-se nas proximidades dos colonos que aí encontraram vivendo em harmonia com mamalucos e índios, donos da região, e que habitavam no alto do Mutarí, distante para o noroeste a uns seis quilômetros. E imediatamente os mais trabalhadores, ativos e devedores de quantias ao donatário, iniciaram as suas lavouras, o corte das madeiras, a salga do peixe, o fabrico da farinha de mandioca e outros pequenos misteres com o fim de se habilitarem a liquidar suas dívidas para depois guardarem os proventos para si.



Porto Seguro
 No ponto A tem-se a foz do rio de S. Paulo que se uniu ao Rio de S. Pedro e juntos se chama Rio de S. Paulo e S. Pedro. A paragem B tem-se a foz do Rio de S. Antonio que se uniu ao Rio de S. Joana e juntos se chama Rio de S. Antonio e S. Joana. A paragem C tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem D tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem E tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem F tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem G tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem H tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem I tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem J tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem K tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem L tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem M tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem N tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem O tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem P tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem Q tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem R tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem S tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem T tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem U tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem V tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem W tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem X tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio. A paragem Y tem-se a foz do Rio de S. Maria que se uniu ao Rio de S. Rita e juntos se chama Rio de S. Maria e S. Rita. A paragem Z tem-se a foz do Rio de S. Joana que se uniu ao Rio de S. Antonio e juntos se chama Rio de S. Joana e S. Antonio.

Mapa atribuído ao cartógrafo Luiz Teixeira entre os anos de 1570 a 1574 e no qual figuram Pôrto Seguro primitivo à margem do Mutari e Pôrto Seguro, de Tourinho, à margem do Serinhaem.

Mas a caça às mulheres para a mancebia e aos homens aborígenes para a escravização e o emprego de braços na lavoura e indústrias, cedo levantaram dissidências entre êstes e os recém chegados, que foram por eles, desde então considerados intrusos e inimigos. E em pouco tempo, elas haviam assumido o caráter de reciprocas hostilidades e quebravam a harmonia que antes reinava entre os habitantes da incipiente povoação.

Dentro de um ano tais hostilidades haviam se agravado e culminado em verdadeiras lutas de vis traições e carnificinas, em que os colonos eram frequentemente maltratados ou vencidos. Muitos deles, já desanimados, à procura de melhores condições de vida, iam abandonando a povoação e seus interesses e internando-se no sertão ou rumando para a Capitania contígua, ao norte; outros desciam para o sul em demanda do "rio do brasil", para as bandas do monte Pascoal, onde já havia o tráfico do "pau de tinta".

Essas frequentes defecções iam abalando os interesses materiais, pessoais e morais da gente da nova povoação já, em parte, dissidente com os primitivos colonos, e acarretava sucessivos prejuizos financeiros a todos e particularmente a Tourinho, há muito reduzido na sua pecunia e sujeito ao calote daqueles a quem emprestou quantias para virem para a Colônia e nela se estabelecerem.

Iam aumentando as devastações das lavouras, o furto de crianças e outras vinganças cometidas pelos tupiniquins e, em virtude disso e com o fim de congraçar a todos os colonos, antigos e novos, em tôrno do comum objetivo de defesa da povoação, resolveu Tourinho armá-los como pudesse e capitaneá-los num ataque clandestino contra os índios no seu próprio habitat, isto é, lá para as bandas do Alto Mutarí. Aceito o seu alvitre e tudo bem preparado, muitos colonos em canoas pelo rio Doce acima, até onde elas pudessem chegar, e outros a pé e embrenhados pela mata, lograram alcançar os índios e surpreendê-los. Entre o Alto e a margem do Comorojitibi, afluente do Sernambitibi que desagua na baía de Santa Cruz, travou-se tremenda e feroz luta, na qual houve muita audácia, bravura e carnificina, de lado a lado, mas que terminou com a derrota de Tourinho e sua gente.

Foram tão desastrosas as consequências dessa luta, principalmente em perda de vidas, que os remanescentes e alguns dos primitivos colonos que não tomaram parte nela, resolveram abandonar "porto seguro" e, com os seus bens materiais, se fazer ao sul à procura de outro sítio melhor, onde pudessem se estabelecer, fortificar e ficar livres dos ferozes índios.

E, sob a direção de Tourinho, assim o fizeram, uns, embarcados nos navios do donatário e em suas canoas ao longo da costa, e outros, a pé pelo litoral, todos se vendo, desceram para o sul. Quando à boca do Serinhaem, cuja existência já sabiam, depararam com uma colina que lhes pareceu apropriada para o estabelecimento de uma povoação, lá desembarcaram. Galgando a colina no seu topo, ficaram deslumbrados com o amplo horizonte que lhes permitia devassar o sertão e o mar e por isso nele permaneceram. Em seguida, o donatário aí fundou uma vila, a que deu, por honrosa tradição, o nome de "Porto Seguro".

Logo após a retirada de Tourinho e sua gente da nova povoação de "porto seguro", os tupiniquins desceram do Alto do Mutaí e auxiliados pelos tupinais, seus irmãos de raça e armas que habitavam por trás do Sernambitibi, aproximaram-se dessa povoação para atacá-los. Encontrando-a abandonada, enraivecidos arrasaram-na.

À vista disso os poucos habitantes que restavam na primitiva povoação de "porto seguro" à margem esquerda do rio Doce, uns, que eram antigos colonos aí encontrados por Tourinho entre os quais havia alguns amigos dos tupiniquins e outros, que eram reinois vindos com ele porém que divergiam da sua orientação, todos, receosos de que os índios também os viessem atacar, abandonaram imediatamente a povoação e se transferiram para um Alto junto à margem esquerda do Sernambitibi, por corrupção atualmente chamado João de Tiba e que desagua na baía de Santa Cruz. E aí fundaram uma povoação, que acabou sendo reconhecida por Tourinho, e nela permaneceram.

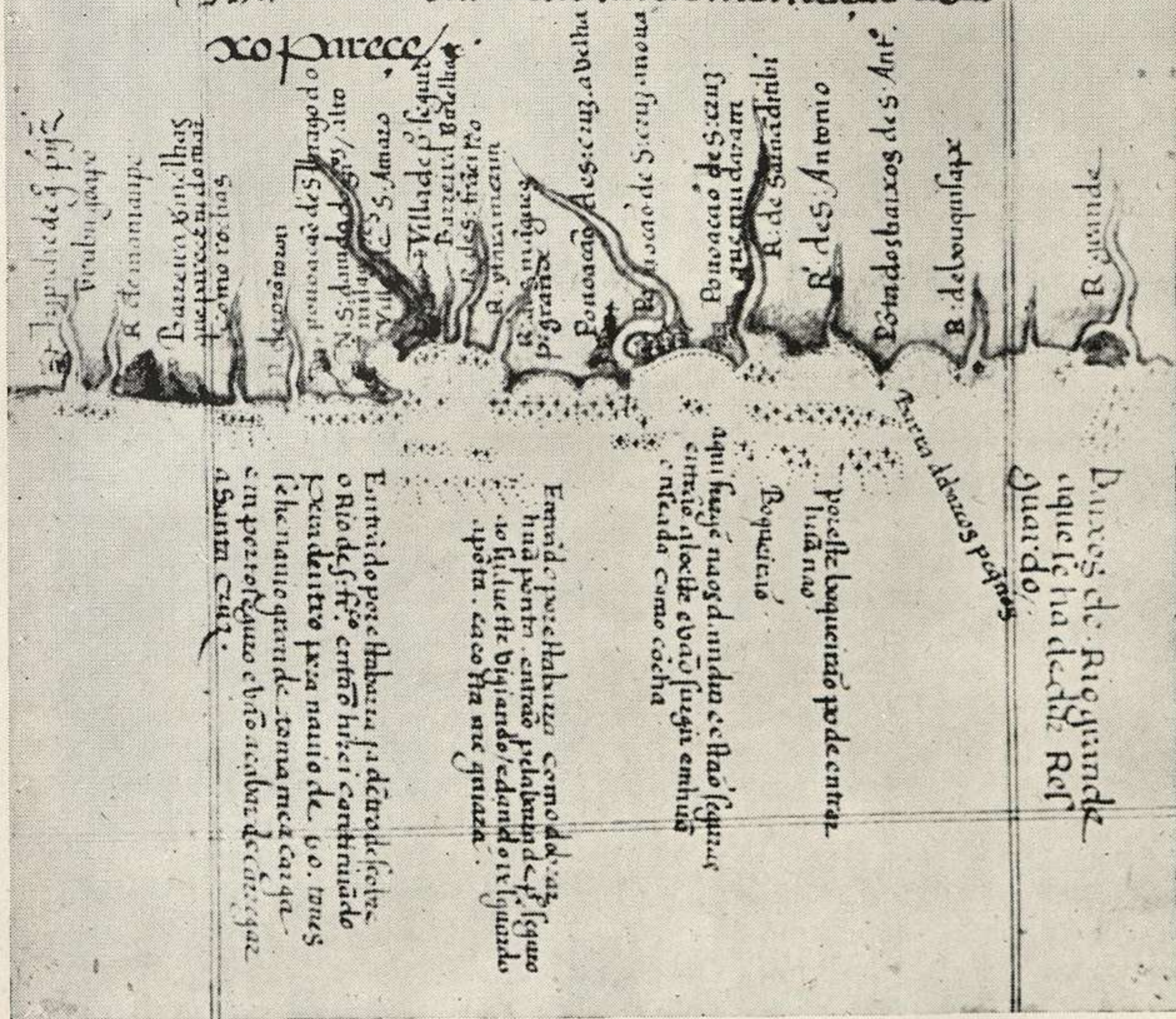
Denominaram-na Santa Cruz, nome que até hoje conserva com grande honra e que tem sido patrioticamente defendido por seus habitantes, visto haver tido origem no sítio onde Cabral fundeou a sua frota, travou relações com a nova terra e o seu povo, chantou a Cruz da Fé cristã e lançou, através dos quatro homens que nela ficaram, a semente de uma nova raça, que tanto honra os seus valorosos ancestrais.

Eis aí sumariamente referidas a existência e fundação das duas povoações, situadas em lugares diferentes e que, com um intervalo de 36 anos, foram conhecidas pelo mesmo nome "Porto Seguro", a primeira sem caráter oficial e a outra em virtude de uma concessão do foral de 23 de Setembro de 1534, que permitia aos donatários fundarem vilas e denominá-las.

Enquanto Porto Seguro, de Tourinho, se desenvolvia, prosperava e consolidava o seu nome, que bem cedo se estendeu a toda a Capitania, a primitiva "porto seguro" vivia em ruínas e

Uniformeey que partindo dos dnos yllhe
 os. para porto seguro. Como sair delle
 farmeci ao mar por amoz e resguardo de
 hús baixos que se chamaõ do Rio grãde
 Contia de dez doze legoas. e passando
 o Rio podermei chegar ha terra de ver
 Conhecimẽto della Como a tras digo.
 Assi como tambem na demonstração abaxi

xo parece.



Mapa do cartógrafo João Teixeira Albernaz, que faz parte da coleção do "Livro que dá razão do Estado do Brasil", provavelmente do quinto lustro do século XVII e fotocopiado do existente na mapoteca do Itamarati.

abandonada e essas e o seu nome foram pouco a pouco fene-
cendo até desaparecerem como as areias de sua alva praia,
que os ventos carregam e sepultam no mar.

Dizem a generalidade dos cronistas e a grande maioria
dos historiadores que foi Cabral quem deu o nome "porto se-
guro" ao sítio onde a sua frota esteve ancorada no seu último
fundeadoiro. Será isso uma verdade? Não há nenhuma prova
documental, nem afirmativa idônea.

Caminha, em sua famosa carta, diz tão sòmente que o
Capitão-Mor "ao monte pôs o nome Pascoal e à terra, Terra
de Vera Cruz". Ora, é lógico admitir que se ele também hou-
vesse denominado o sítio, isso teria sido declarado nela. Pa-
rece que a iniciativa foi de Caminha, não com a intenção de
denominar, pois não possuía autoridade para tanto, mas sim
de qualificar um sítio, que não possuía nenhum nome e que o
havia impressionado pela grande segurança e abrigo que havia
dado à frota, e do qual tinha que datar a sua carta dirigida
ao Rei.

Todavia, Cabral deve ter lido essa carta ou a ouvido ler
e se aquele nome nela se achava e não o substituiu por outro,
nem mandou suprimí-lo, pode-se aceitar que o houvesse homo-
logado. Mas se Caminha ainda não a havia encerrado e datado
quando Cabral a leu ou a ouviu ler, nenhuma autoria lhe pode
ser conferida.

D. Manuel e Mestre João em suas cartas, e o piloto anô-
nimo em sua relação da viagem, não fizeram referências àquele
sítio e não empregaram o nome que Caminha usou.

Naturalmente porque o sítio em que a frota realmente es-
teve fundeada não recebeu nenhum nome dado pelo Capitão-
-Mor, que era quem devia denominá-lo, o qualificativo empre-
gado por Caminha passou entre os navegantes da frota a ape-
lidá-lo para distinguí-lo. Na época dos descobrimentos era
fato comum, quando os Capitães ou os Pilotos não denomina-
vam os lugares ou acidentes geográficos que achavam, os tri-
pulantes o faziam, guiando-se geralmente pelo nome de um
dos santos registados no dia do achamento ou por algum de-
talhe que mais os houvesse impressionado.

E assim, aceito pelos mareantes da frota e transportado
para o Reino pelos tripulantes do navio de Gaspar de Lemos,
rapidamente o nome "porto seguro" foi aceito e usado e tão
rapidamente se consolidou que figura no mapa de Cantino de
1502, o primeiro que representa a costa oriental da Terra de
Santa Cruz já conhecida, no de Waldsemüller de 1507 e em
todos que o sucederam, inclusive o de Gaspar Viegas de 1534,
exatamente do ano em que D. João III fazia doação das Ca-

pitancias sem denominá-las. Em 1505 surge com 18° na tábua de ladezas do "Esmeraldo" de Duarte Pacheco e posteriormente no Anuário de Evora.

Depois dessas épocas nunca mais deixou de figurar em todos os mapas e cartas, até à hora presente, assinalando sempre, tão somente, o Porto Seguro de Tourinho. E assim, parodiando, podemos dizer que o "porto seguro" de Caminha, cuja existência foi apenas de trinta e seis anos, teve uma duração tão efêmera como as rosas do poeta Malherbe.

Mas como se poderá explicar a confusão que por quatro séculos reinou em tórno do nome "porto seguro"? Primeiramente porque nenhum cronista ou historiador conheceu o primitivo sítio, que ele apelidou, e muito poucos conheceram somente o "Porto Seguro", fundado em 1536. Os próprios jesuitas Manuel da Nóbrega, Anchieta, Cristóvão de Gouveia e outros que ainda no século XVI, em "viagem de visitaçào", estiveram nesse sítio e na vila de Santa Cruz, escreveram acêrca de ambos, com tantos equívocos e confusões que, à primeira vista, parece que eles constituíram uma única povoação que havia tido os dois nomes. Pero Gandavo e Gabriel Soares, também seiscentistas, que residiram e viajaram na Capitania de Porto Seguro e escreveram seus Tratados sobre a nova terra, não são claros quando se referem a esses sítios. Frei Antônio Jaboa-tão, em seu "Novo Orbe Serafico" de 1791, também revela-se confuso a seu respeito. E daí para cá os primeiros historiadores, das duas pátrias, que a eles se referiram, naturalmente devido às omissões e à impureza das fontes em que colheram os seus informes, tornaram-se inconcientes veículos de vários equívocos sobre os dois "porto seguro" os quais com foros de verdade vêm sendo repetidos e publicados, especialmente nos livros didáticos sobre História do Brasil.

Todavia, estou certo que uma severa correição nesses alfarrábios citados e em outros existentes nos arquivos e bibliotecas daqui e de Portugal, sem grandes labores, encontrará elementos suficientes e idôneos que permitam dissipar completamente todos os equívocos e dúvidas que ainda existam sobre o "porto seguro" de Caminha e o "Porto Seguro" de Tourinho, e a vila de "Santa Cruz".

São essas as poucas verdades, mais reais que históricas que, como um punhado de flores, trouxe para colaborar com este seletto auditório de alto valor intelectual, neste momento reunido nesta catedral das histórias Portuguesa e Brasileira, que é este sagrado Gabinete Português de Leitura, na homenagem elevada e patriótica prestada aos intrépidos navegantes portu-
gue-

ses de Cabral que, com a ciência e a arte náutica do infante D. Henrique e a audácia e bravura de Bartolomeu Dias e Vasco da Gama, descobriram o Brasil, filho dileto do valoroso Portugal de 1500.

RESUMO EN ESPERANTO

Fregatkapitano L. de Oliveira Belo, reprezentanto de la Societo de Geografio ĉe la komisiono nomita de la Brazila Registaro por enketi pri la ekzata loko, kie ankris la eskadro de la malkovrinto de Brazilo — Petro Álvares Cabral, raportas en tiu ĉi verko siajn observojn faritajn "in loco" kaj diskonigitajn en diversaj komunikaĵoj kaj paroladoj faritaj en la Societo, inkluzive en tiu ĉi, antaŭe farita en la Portugala Reĝa Legkabineto, kiu resumas siajn konkludojn. La parolinto priparolas pri la histori-geografia temo de la diskutado, nome ĉu la eskadro de Cabral ankris en Pôrto Seguro aŭ en Golfeto Cabrália. Finante sian verkon, kiu baziĝis sur navigaciaj, historiaj kaj geografiaj elementoj kaj atentante pri la aro da latitudoj, la influo de la ventoj kaj la letero de Caminha, krom antikvaj kaj modernaj mapoj kaj aliaj teknikaj, konsideroj, li asertas, ke estas Golfeto Cabrália la ekzata loko, kie ĵetis ankron la eskadro de Cabral, kaj opinias, ke tio devas esti konsiderata kiel la fina solvo de ĉi problemo.

O RIO PARAIBA-DO-NORTE FIXADOR HUMANO

Luiz Pinto (Da Academia Paraibana de Letras). Comunicação lida pelo autor no dia de sua posse como sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro em 8 de Julho de 1943.

A ação da água teve sua natural ascendência na conquista, no desenvolvimento e no progresso do Brasil. Teve-a e tê-la-á sempre, porque o caminho da água é, em toda a sua plenitude, o que maiores possibilidades de fixação oferece ao homem.

Esse fenômeno, pouco conhecido, ou melhor, pouco percebido nos primeiros tempos, antes do domínio da geografia humana, até mesmo pelos geógrafos, historiadores e sociólogos, somente mais tarde pôde ser observado com segurança e exatidão, entre nós, notadamente, pela visão de Capistrano de Abreu, quando nos apresenta o papel e a influência das águas nas entradas bandeirantes e na fixação dos nossos primeiros colonizadores.

É evidente que aquela pegada do boi na terra preta ou no alagadiço; o pé do escravo, atolando-se todinho no pântano, escorregando no barro vermelho, ou a nau do flibusteiro, escondendo-se por detrás das moitas, para fugir da ação dos combatentes e perseguidores portugueses e nativos, não tiveram a força bastante para despertar o papel da correnteza em todo esse másculo reboiço de conquista.

Mas o que se via era o boi descendo pelas águas para os campos de Sergipe e Pernambuco; o escravo acorrentado ou solto, transportando-se aos impulsos das ondas, os mosqueteiros paulistas derramando-se como bandeirantes pelas quebradas monótonas do nordeste aboletando-se nas terras indígenas.

Garcia D'Avila tomava o mundo inteiro, erguendo sua torre às margens do São Francisco.

A epopéia trágica de matar o índio, para sacio da volúpia conquistadora, teve seu marco na água, que tanto estimulou a evolução e o idealismo dos que catequisavam sem sangue, como

serviu para argamassar o simulacro colonizativo, filho da ganância e da ambição, quando a água era transformada em lama e lodo, tinta do sangue indômito do nosso caboclo, para pseudo vitórias, que são mais páginas de luto e de ludíbrio na formação do Brasil.

Mas ninguém queria pensar que tudo aquilo: a viagem de Anchieta, de Aspicuelta Navarro, de Vieira, de Gabriel Soares; o fortzinho de Palmares, a resistência do humilhado contra o humilhador, tudo tivesse a sua base na força da água, que, em épocas remotas, desde os tempos romanos, e idade média e os surtos peninsulares, já havia demonstrado a sua ação impulsivadora, não somente no acionar as máquinas, na aguagem e irrigação das terras, mas sobretudo no amanho de civilizações, no traço de fixação coletiva.

Ludwig, na biografia do Nilo, nos deixa a paisagem viva, emocionante, peregrina do poderio da água. Um rio formando um povo; um rio embalsamando de fé gerações inteiras; um rio capitaneando o destino econômico, social e político de uma nação.

E o mundo tem sido o seu lençol de águas, os seus grandes rios e até as suas pequenas fontes, as cacimbas de água doce, as lagoazinhas, as pequenas porções de água, onde o pobre bebe, onde a mulher rural lava a sua roupa, onde a vaca e a cabra magras saciam a sua sede. Tudo isto é um ritmo de ordem, uma harmonia de perspectivas, que emoldura, espelha e define a condensação da água na vida da humanidade.

É que a água, meus senhores, tem os contrastes do sol. E, como ele, ela possui os encantos que embelezam e as iras que destroem. Ameniza, refrigera, engrandece e avoluma; mas, nas horas de desespero, arrasa tudo, desapiedadamente. O sol é também assim: dá vida, enrijece, retempera, amasculina, e cria vibrações novas na alma, acelera e colore os glóbulos e as células do organismo; mas, às vezes, também degenera, e, em degenerando, resseca, escarna, emagrece e mata as populações sertanejas.

Dentro da história dos grandes rios brasileiros, do S. Francisco, do Amazonas, do Tocantins, desses monstros agressores das terras, cujas margens engolem e arremessam para o mar, numa raiva e ciumeira impressionantes, destacam-se os pequenos rios, os riozinhos que também ouviram o ribombo da guerra, que afogaram também o holandês invasor e o francês ambicioso. Eles completam, no anonimato em que permanecem, a glória do gigante da Plancie, que embasbacou Humboldt, que deu poesia à sociologia histórica de Martius e Agassiz, que as-

sombrou até a Euclides da Cunha, fazendo-a arregalar os olhos e gritar diante da selva: "É um capítulo do Gênesis a escrever"...

O chamado rio S. Domingos, aparecido nas cartas de *marear*, em 1501, certamente pela primeira vez, o rio Paraíba do Norte, da afluência francesa e dos carregamentos do pau brasil, o melhor da terra, na expressão de Frei Vicente do Salvador, é o protagonista mudo das cenas mais eloquentes, as mais vivas da conquista difícil da terra paraibana, que, embora o país descoberto desde 1500, só cedeu à civilização a 5 de Agosto de 1585.

E o rio Paraíba, cortando quase ao meio o território da capitania de Frutuoso Barbosa, nascendo em Lagoa do Monteiro e desembocando no Atlântico, foi o chamariz da colonização, pois ao seu redor, nas fortalezas e nos campos, na Restinga, Tibirí, Cabedelo, Marés e rio do Meio, se houveram de edificar núcleos e quistos humanos, que teriam de firmar a sua pujança, que os fatores econômicos do Rio proporcionaram, pois ele nos deu a cana de açúcar, que enverdou toda a sua várzea, para os engenhos aparecidos desde 1586, com o primeiro em Tibirí, fomentando mais tarde, rio acima, a caminhada da missão jesuítica, partida do Pilar para Boqueirão, e depois as seguidas viagens dos Ledo^a que iam varar os Cariris e os sertões, para cuja penetração foi o Paraíba poderoso agente.

Frei Vicente do Salvador, na sua *História do Brasil* (páginas 222, 223, 224 e 225), esteia a sua opinião acerca do rio Paraíba:

"O rio da Paraíba, que nas cartas de *marear* se chama S. Domingos, está em seis grãos e três quartos.

"A bôca da abra que o rio faz tem de largo uma légua e o canal que vai pelo meio, que é o que chamam barra, tem um quarto de légua e todo o mais de uma parte e outra é muito esparcelado. O fundo é de areia limpa, e assim é muito maior porto e capaz de maiores embarcações que o de Pernambuco, do qual dista vinte e duas léguas de costa para a banda do Norte.

"Pelo rio acima uma légua tem uma ilha formosa de arvoredo de uma légua de comprimento e um terço de longo, defronte da qual está o surgidouro das náus, capaz de grande quantidade delas e abrigado de todos os ventos, e chega ainda a maré pelo rio acima léguas, por onde podem navegar grandes caravelões. Tem uma varzea de mais de quatorze léguas de comprimento e de largo duas mil braças, toda retalhada de esteiros e rios caudales de água doce, que já hoje está toda povoada de canas de açúcar e engenhos, para os quais dão os mangues do salgado lenha para cozer o açúcar e pera cinza da decoada em que se limpa.

"Em este rio entravam mais de vinte náus francesas todos os anos a carregar de pau brasil, com ajuda que lhes davam os

gentios Potiguares, que senhoreavam toda aquela terra da Paraíba até Maranhão, algumas quatrocentas léguas. E assim ajudavam os portugueses vizinhos das capitâneas de Tamaracá e Pernambuco, depois que tiveram pazes, como fica dito no capítulo decimo segundo do livro segundo, mas tantas vexações e perrarias lhe fizeram que se tornaram a rebelar.

“Um só contarei, que foi como disposição ultima e ocasião propinqua desta rebelião. E foi que, entre outros mamelucos que andavam pelas aldêas suas resgalando peças ativas e outras cousas, e debaixo disto roubando-os com violencia e enganos, houve um natural de Pernambuco, o qual, posto que era filho de um homem honrado, tirou mais a ralé da mãe que do pai. Este, indo a uma aldeia da Copahoba com seus resgates, se agasalhou em um rancho de um principal grande chamado Iniguaçú, que quer dizer, “rede grande” e se namorou de uma filha sua, moça de quinze anos, dizendo que queria casar ou amancebar-se com ela pera ficar entre êles e não vir mais pera os brancos, no que êla consentiu e o pai tambem, entendendo que cumpriria o noivo a condição prometida. Porem, indo a uma caça que durou alguns dias, quando tornou não achou o genro nem a filha, porque se haviam ido pera Pernambuco.

“Sentiu-o muito e mandou logo dois filhos seus em busca da irmã, os quais, porque o mamaluco lha não quiz dar se foram queixar a Antonio Salema, que estava por correição em Pernambuco, posto que já de partida pera a Baía, e êle mandou logo notificar o pai do querelado que trouxesse a moça, como trouxe, e a entregou aos irmãos, passando-lhes uma provisão pera que ninguem lhes impedisse o caminho ou lhes fizesse algum agravo, antes lhes dessem os brancos por onde passassem todo o favor e ajuda pera o seguirem, avisando-os que não consentissem mamelucos em suas aldeias.

“E assim o avisou ao capitão-mór da ilha Afonso Rodrigues Bacelar que não consentisse em ir ao sertão semelhante gente.

“Foram os negros mui contentes com sua irmã e mais indios depois que viram o bom agasalho que pelo caminho lhes faziam os brancos, obedecendo á provisão que levavam, até que chegaram á casa de um Diogo Dias, que era o derradeiro que estava nas fronteiras da Capitania de Tamaracá, o qual os recebeu com muitas mostras de amor e muito mais á irmã, que mandou recolher com outras moças de camera, sem mais a querer dar aos portadores nem a outros que o pai mandou depois que soube, pedindo-lhe que lhe mandasse sua filha e, quando quizesse, a fossem pedir ao dito Capitão-mór da ilha, como foram, e nem uma cousa aproveitou, porque o Capitão era amigo de Diogo Dias e dissimulou com o caso.

“Espalhada essa nova pelos gentios das aldeias, quizeram logo tomar vingança em os regateões que nelas estavam e tomar-lhes os resgates; mas o principal agravado lhes foi á mão, dizendo que aqueles não tinham culpa e não era razão pagassem os justos pelos pecadores e somente os fez sair das aldeias e ir para suas casas, como o corregedor Antonio Salema havia mandado.

“Tão bem intencionado era êsse negro e afeto aos portugueses que nem ainda de seu ofensor tomara vingança, si não fora atiçado por outros potiguares, principalmente pelos da beiramar, com os quais comunicavam os franceses e pera seu comercio de pau brasil lhes importava muito ter liança com estoutros da serra.

“E como nesta conjunção estavam tres naus francesas á carga na Baía da Traição e o Capitão-mor da ilha de Tamaracá havia dado um assalto, que matou alguns franceses e lhes queimou muito pau que tinham feito, no qual assalto se havia tambem achado Diogo Dias, tantas cousas disseram ao bom Rede-Grande que veio a consentir que dessem em sua casa e fazenda, que era num engenho que havia começado no Rio Taracunhaen. E porque sabiam que o homem tinha muita gente e escravos e uma cerca mui grande feita com uma casa forte dentro, em que tinha algumas peças de artilharia, se concertaram que êle viria com todo o gentio da serra por uma parte e o Tujucopapo, que era o maior principal da ribeira, com os seus e com os franceses por outra, e assim como o disseram o fizeram. E com serem infinitos em número, ainnda usaram de uma grande astucia, que não remeteram todos á cerca nem se descobriram, sinão somente alguns e ainda estes começando os nossos e feri-los de dentro com flechas e pelouros, se foram retirando como que fugiam. O que visto por Diogo Dias se pôs a cavallo, e, saindo da cerca com seus escravos, foi em seguimento; mas, tanto que o viram fora, rebentaram os mais da cilada com um urro que atroava a terra e o cercaram de modo que, não podendo recolher-se á sua cerca, foi ali morto com todos os seus e a cerca entrada, onde não deixaram brancos nem negros, grande nem pequeno, macho nem femea que não matassem e esquartejassem”.

“Foi esta guerra dos Potiguares, governando o Brasil Luiz de Brito, em a era de 1574 e dela se seguiram tantas que duraram vinte e cinco anos”.

Alguns estudos notáveis já foram feitos sobre o rio que condeisou a conquista do longínquo Estado brasileiro e que fixou as suas primeiras populações, embora que o fizessem sem observações diretas porém somente em descrições históricas. Elias Herckman afirmou que o significado indígena de *Rio*

Paraíba é Rio mau, porto mau, ou mar corrompido Vernhagen quis apenas chamá-lo *Rio Mau*. Loreto Couto — rio *caudaloso*. Teodoro Sampaio — rio *impraticável* e outros — *braço de mar*.

Coriolando de Medeiros, que é a história humanizada da Paraíba, acha que *braço de mar* é a sua perfeita denominação. E conclue no seu “Dicionário Corográfico”:

“Corta o de Santa Rita, deixando à direita a vila do mesmo nome; vem marginando o povoado de Barreiras, passa distante da capital um quilômetro, e segue para o mar, servindo de limites entre os municípios de Santa Rita e Cabedelo, banhando as povoações de Jacaré e Cabedelo. Por um inexplicável erro, enraizou-se entre os geógrafos que a capital do Estado está à margem direita do Rio Paraíba, quando ela assenta à margem direita do Sanhauá, que, no seu extremo norte, depois de formar o surgidouro, avança para o norte e confunde quase às águas com o Paraíba.”

O Prof. José Coelho, na sua “Corografia da Paraíba”, síntese da geografia provinciana, anexando uma miniatura do mapa do Estado, onde se vê o caminho do Paraíba, das nascentes à foz, acrescenta:

“A serra da Borburema, com as suas principais ramificações, divide o território paraibano em duas bacias principais: a do Rio Paraíba do Norte, a sudeste e a do Rio das Piranhas, a oeste.

“O Rio Paraíba do Norte é o maior do Estado; tôda a sua bacia é em território paraibano.

“É formado da reunião dos rios Sucurú, do Meio e da Serra, havendo-se geralmente como principal desses três o do Meio”.

E essas afirmativas do Prof. Coelho vão encontrar apóio nas sentenças de Gabriel Soares, Frei Vicente do Salvador, Irineu Jofili e Coriolano de Medeiros, para não citar outras figuras que estudaram a geografia e a história da Paraíba, inclusive Maximiano Machado, o maior e o mais profundo dos nossos estudiosos daquele pedaço da terra brasileira.

É de “Notas sobre a Paraíba”, de Irineu Jofili, autor citado em “Os Sertões”, por Euclides da Cunha, a orientação que transcrevemos sobre o Rio Paraíba:

“Dos rios é incontestavelmente o Paraíba do Norte o mais importante, não somente pela extensão do seu curso como também por serem todas as suas águas do território do Estado. Nasce na serra de Jabitacó, na comarca de Monteiro, com o nome de Rio do Meio por correr entre dois de igual força, o da Serra, à direita e o Sucurú à esquerda. Depois de banhar a vila do Monteiro, recebe perto da povoação de Santa Ana do

Congo êsses dois rios e daí em diante é conhecido vulgarmente pelo seu verdadeiro nome”.

“Banha depois a povoação de Caraubas, passa a uma légua de distância da vila de Cabeceiras e quatro léguas mais abaixo corta a serra de Carnoió, na povoação de Boqueirão.

“E em seguida banha sucessivamente as seguintes vilas e povoações: Bodocongó, Natuba, Guapaba, Dous Riachos, Salgado, Guarita, Itabaiana, Pilar, Itaipú Espírito Santo, Batalha, Santa Rita, Paraíba (a capital) e Cabedelo, em sua foz.

“O seu curso é de cêrca de 80 léguas, e até à distância de 80 de sua embocadura no Oceano, artavessa terrenos pedregosos e áridos com forte declive para o mar”.

“Correndo muito aproximado dos limites com Pernambuco, a ponto de, na Freguezia de Natuba, em alguns lugares, banhar o pé da serra que divide os dois Estados, não tem o rio Paraíba pela margem direita nenhum afluente importante, a não ser o da Serra, já perto de suas cabeceiras, como fizemos vêr. Entretanto, mencionamos sempre o Riacho de Santo Antônio, na Comarca de Cabeceiras, de Natuba e Guapaba, perenes, na Comarca de Umbuzeiros, Una, perto da povoação de Itaipú, Tibiri e o Teperoá, que, vindo da serra do Teixeira, passa pela povoação de Desterro e vila de Batalhão e, depois de incorporar o Motinoré, o Mucuitú, o Santa Rosa e outros menores, banha as vilas de S. João do Cariri e Cabeceiras, reunindo-se com o Paraíba uma légua abaixo desta vila, depois de um curso de mais de 30 léguas. Depois seguem-se pela mesma margem Bodocongó, Paraibinha, Caiuararé e Ingá, todos três com as nascentes na comarca de Campina Grande; Gurinhen, Gargau, perto de sua foz, e diversos ribeiros”.

As teorias de La Blache iriam aplicar-se totalmente na formação paraibana, sendo que, por circunstâncias interessantes, Ratzel também atua com suas concepções sociais naquela colonização, onde tanto o homem marcou a sua ação o meio, como o meio debrou-se sobre o homem, e o vínculo do rio Paraíba, artesão popular de massas humanas, que se banharam em suas águas e nelas tiveram as suas entradas e saídas para o mar.

Gabriel Soares, no “Tratado Discritivo do Brasil em 1587”, mimudência, embora sem encadeiamento social e finalidades ecológicas, a vida desse pequeno rio brasileiro que, mesmo pequeno, criou uma civilização nas suas beiradas, engenhos que se transformaram em usinas, onde o negro sofreu o açoite e a morte, e onde o escravo moderno carpe as amarguras do sofrimento social, que ainda não passou, e aguarda na sua desdita uma clareira de sol para os seus destinos.

Diz-nos Gabriel Soares, fazendeiro que foi no Recôncavo Baiano, transfigurado mais tarde em historiador, nas páginas 21, 23, 24, 25 e 26, da sua obra:

“Na Baía de todos os Santos soube o General Diogo Flôres, vinha aí do Estreito de Magalhães com seis náos que lhe ficaram da armada, que levou, como os moradores de Pernambuco e Tamaracá pediam muito afincadamente ao Governador Manoel Teles Barreto, que então era do Estado do Brasil, que os fosse socorrer contra o gentio Potiguar que os ia destruindo, com o favor e ajuda dos franceses, os quais tinham neste rio da Paraíba quatro navios para carregar do pau da tinta; e, posto este negócio em conselho, se assentou que o Governador naquela confusão não era bem que saísse mais de seis meses que era à ela chegado, onde tinha por favor em grandes negócios convenientes ao serviço de Deus e do El-Rei e do bem comum, mas que, pois naquele porto estava o General Diogo Flores, com aquela armada e Diogo Vaz da Veiga com duas náus poreguesas da armada em que do reino fora o governador, das quais tinha por Capitão para o Reino, que um capitão e outro fossem fazer este socorro, indo por cabeça principal o capitão Diogo Flores de Balvez, o qual chegou a Pernambuco com a armada toda junta, com que veio o ouvidor geral Martim Leitão e o provedor mór Martim Carvalho para em Pernambuco a favorecerem com gente e mantimentos, como o fizeram, a qual gente foi por terra e o general por mar com esta armada, com a qual ancorou fóra da barra, e não entrou dentro com mais que com a sua gravata e com uma nau de Diogo Vaz da Veiga, de que era capitão Pedro Correa de Lacerda, em a qual o mesmo Diogo Vaz ia, e com todos os batéis das outras naus. Em os francezes vendo esta armada puzeram fogo às suas naus e lançaram-se com o gentio, com o qual fizeram mostras de quererem impedir a desembarcação, o que lhe não serviu de nada, que o general desembarcou a pé enxuto sem lho poderem impedir, e chegou a gente de Pernambuco e Itamaracá por terra com muitos escravos, e todos juntos ordenaram um forte de terra e faxina onde se recolheram, no qual Diogo Flores deixou cento e tantos homens dos seus soldados com um capitão para os caudilhar, que reclamava Francisco Castrejon que se amassou tão mal com Frutuoso Barbosa, não o querendo conhecer por governador, que foi forçado a deixá-lo neste forte só e ir-se para Pernambuco, de onde se queixou à sua Magestade para que provesse sobre o caso, como lhe parecesse mais seu serviço. E sendo ausente Frutuoso Barbosa, veio gentio por algumas vezes afrontar este forte e pô-lo em cerco, o qual sofreu mal o Capitão Francisco

Castrejon, e, apertado aos trabalhos, desamparou este forte e o largou aos contrários, passando-se por terra à capitania de Tamaracá que é daí dezoito léguas; e pelo caminho que lhe marcou o gentio alguma gente que lhe ficou atrás, com foram mulheres e outra gente fraca, mas sabendo os moradores de Pernambuco este detroço, se ajuntaram e tornaram a este rio da Paraíba, com Frutuoso Barbosa, e se tornaram a apoderar deste forte, o qual Sua Magestade tem agora socorrido com gente, munições e mantimentos necessários, a quem já juntou uma aldeia de gentio Tupinambá, que se apartou dos Potiguares, se veio viver à borda da água, para ajudar a favorecer este forte. Este rio da Paraíba é muito necessário fortificar-se, á uma por tirar esta ladroeira dos franceses dele, à outra por se povoar, pois é a terra capaz para isso, onde se podem fazer muitos engenhos de açúcar. E povoado este rio, como convem, ficam seguros os engenhos da capitania de Tamaracá e alguns da de Pernambuco, que não lavram com temor dos Potiguares, e outros se tornarão a reformar, que eles queimavam e destruíam. Dos quais Potiguares é bom que façamos este capítulo que se segue antes que saíamos do seu limite”.

“Do rio da Paraíba, que se diz também o Rio de S. Domingos, ao Rio de Jagoaripe são duas léguas, em o qual entram barcos. Do rio de Jagoaripe ao da Aramama são duas léguas, o qual está em altura de sete graus, onde entram caravelões dos que navegam entre a terra e o arrecife. Deste rio ao da Abionabijá são duas léguas, cuja terra é alagadiça quase toda, e entre um rio e o outro ancoravam os tempos passados naus francesas, e daqui entravam para dentro. Deste rio ao da Capivarimirim são seis léguas, o qual está em altura de seis graus e meio, cuja terra é toda chã. De Capivamirim a Tamaracá são seis léguas, e está em sete graus e um terço. Tamaracá é uma ilha de duas léguas onde está a cabeça desta capitania e a vila de Nossa Senhora da Conceição. Do redor desta ilha entram no salgado cinco ribeiras em três das quais estão três engenhos; onde se fizeram mais, se não foram os Potiguares que vem correndo a terra por cima e assolando tudo. Até aquí, como já fica dito tem o rio Tamaracá umas barreiras vermelhas da ponta da barra; e quem houver de entrar por ela dentro ponha-se nordeste sudeste com as barreiras, e entrará à barra à vontade e daí para dentro o rio ensinará por onde hão de ir. Por esta barra entram navios de cem toneis e mais a qual fica da banda do sul da ilha, e a outra barra da banda do norte se entra ao sueste, pela qual se servem os caravelões da costa. De Tamaracá ao rio de Igaracú são duas léguas, donde se extrema esta capitania da

de Pernambuco; desta capitania fez el-rei D. João III de Portugal mercê de Pero Lopes de Souza, que foi um fidalgo muito honrado, o qual, sendo mancebo, andou por esta costa com armada à sua custa, em pessoa foi povoar esta capitania com moradores que para isso levou do porto de Lisboa de onde partio; no que gastou alguns anos e muitos mil cruzados com muitos trabalhos e perigos, em que se viu, assim no mar pelejando com algumas náos francezas que encontrava (do que os franceses nunca saíram bem), como em terra em brigas que com eles teve de mistura com os Potiguares, de quem foi por vezes cercado e ofendido, até que os fez afastar desta ilha de Tamaracá e visinhança dela: e esta capitania não tem mais de vinte e cinco ou trinta leguas, por Pero Lopes de Souza, não tomar as cinqüenta léguas da costa que lhe fez mercê S. A. todas juntas, mas tomou aquí a metade e a outra demasia junto, à Capitania de S. Vicente, onde chamam Santo Amaro.

“Não é bem que passemos já do rio da Paraíba, onde se acha o limite por onde reside o gentio Potiguar, que tanto mal tem feito aos moradores das capitanias de Pernambuco e Itamaracá, e à gente dos navios que se perderam pela costa da Paraíba até ao rio do Maranhão. Este gentio senhoreia esta costa do Rio Grande até ao da Paraíba, onde se confinaram antigamente outro gentio, que chamam os Caytés, que são seu contrários, e se faziam cruelíssima guerra uns aos outros e se fazem ainda agora pela banda do sertão onde agora vivem os Caytés e pela banda do Rio Grande são fronteiros dos Tapuias, que é a gente mais doméstica, com quem estão às vezes de guerra e às vezes de paz, e se ajudam uns aos outros contra os Tabajaras, que visinham com eles pela parte do sertão. Costumam esses Potiguares não perdoarem a nenhum dos contrários que cativam, porque os matam e comem logo. Este gentio é de má estatura, braços de côr, como todo o outro gentio; não deixam crescer nenhum cabelos no corpo senão os da cabeça porque em êles nascendo os arrancam logo; falam a língua dos Tupinambás e Cayetés; teem os mesmos costumes e gentilidades, o que declaramos ao diante no título dos Tupinambás. Este gentio é muito belicoso, guerreiro e atraído, e amigo dos franceses, a quem faz sempre bôa companhia, e industriado deles inimigo dos portuguezes. São grandes lavradores dos seus mantimentos, de que estão sempre mui providos, e são caçadores e tais flecheiros, que não erram flechada que atirem. São grandes pescadores de linha, assim no mar como nos rios de água doce. Cantam, bailam, comem e bebem pela ordem dos Tupinambás, onde se declarará miudamente sua vida e costumes, que é quase o geral de todo o gentio da costa do Brasil”.

Foi pelo rio Paraíba que desceram Frutuoso Barbosa, Martim Leitão e João Tavares. Por êle é que chegaram, a 5 de Agosto de 1585, os promotores das pazes com selvagens, até aquele ponto fortificados pelo mameluco e pelo francês puro, nas suas traficâncias com o pau-brasil. Por êle é que os Potiguares tiveram de fugir batidos e derrotados pelos Tabajaras, sem o que as pazes com os colonizadores teriam demorado mais. Pelas suas águas, às vezes baldeadas e sujas, cheirando a pólvora, é que desembarcaram, a 4 de Novembro de 1585, as famílias, os operários, os artífices, os apetrechos de construção, para que, no dorso da colina, se pudesse construir a cidade de Nossa Senhora das Neves, mais tarde tão célebre nas lutas e nas revoluções de 1817, de 1824, de 1848 e de 1930.

Rio condensador humano e fixador de almas, êle deu também os seus grandes filhos, focalizados para longe, mas sempre a amá-lo e sempre a querê-lo. É de pertinho de sua faixa esbranquiçada que veio José Lins do Rego. Nasceu alí ao cheiro das enchentes, pescando piabas de anzol e armando esparrelas e e arapucas nas suas moitas vizinhas. E tanto bem ficou querendo ao seu criador, que é de "Menino de Engenho", a mais bonita descrição de sua enchente e talvez a descrição mais emotiva, mais real, mais precisa, fixa e firme da língua portuguesa, falada no Brasil. É uma página de antologia, real e brasileira porque, filho da água barrenta, Lins do Rego embebedou-se daquela realidade e pintou o que durante tóda a infância fôra a paisagem das suas vistas, o quadro nítido do seu coração.

Esta, meus senhores, é a minha visão, no momento, da geohistória do Rio Paraíba, do Norte, tortuoso e imenso, no seu silêncio, a contorcer-se de revolta, arrancando pontes e casas, matando homens, como a fera assanhada, por entre os pedregulhos das serras e dos chique-chiques paraibanos, como quem diz aos que o esqueceram: eu fui a tua vida, o teu motivo, a tua unidade, o teu criador; eu aguei as terras do teu pai, fiz crescer o capim para o seu boi comer, lavei os teus pés e a tua roupa, e por que me abandonas? por que me esqueces? por que te envergonhas de mim?

RESUMO EN ESPERANTO

Profesoro Luiz Pinto, membro de la Literatura Akademio el Stato Paraíba, okaze de sia ekposedo kiel ano de la Societo de Geografio, faris komunikaĵon titolitan "Rivero Norda Paraíba — Homa Fiksanto", en kiu li pripa-

rolis pri la morfologio de la regiono, pri la historio de la koloniigo de Ŝtato Paraíba kaj pri la influo, kiun havas tiu rivero sur la destinton de la loĝantaroj de tiu Nordorienta Ŝtato.

X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

O adiamento da sua realização para 1944.

O presidente da Comissão Organizadora Central do X Congresso Brasileiro de Geografia, cuja reunião deveria se realizar de 7 a 16 de Setembro do corrente ano, em Belém, capital do Estado do Pará, recebeu do Coronel Magalhães Barata, Interventor Federal naquele Estado, o seguinte telegrama:

“De Belém — Pará — OF. N.º 781 — Em 15-7-43 — De pleno acordo pensamento Comissão Regional X Congresso Geografia, que me foi transmitido pelo Dr. Avertano Rocha, atual presidente dessa entidade, que já telegrafou mesmo sentido, peço a Vossência considerar possibilidade adiamento mesmo Congresso para sete Setembro próximo ano, no interesse precípua seu melhor êxito maior eficiência. Motivos momento irremovíveis resultantes contingência estado guerra atravessa país, em defesa sua liberdade e honra, restringindo e dificultando navegações marítima e aérea, esta última sobretudo oneroso e irregular pelo acúmulo movimento; a superlotação dos hotéis nesta cidade, que impossibilita condigna hospedagem aos congressistas, além da circunstância relevante de estar o meu Governo, ainda há pouco iniciado, a fim corresponder confiança preclaro Chefe Nação, devotando todo seu tempo e sua atenção à solução imediata e completa vitais, prementes, complexos problemas Estado, sobressaindo os relacionados com ambiente internacional e compromissos guerra, entre quais avultam campanha produção borracha e questão abastecimento população, levam-me fazer Vossência este apêlo, o qual merecerá, estou certo, a indispensável e esclarecida atenção do espírito patriótico de sua personalidade. Solicito Vossência não veja nesta atitude Governo Estado Pará, concordando pensamento e solicitação Comissão Regional referido Congresso, sentido seu adia-

ment, o qualquer sinal ou demonstração desinteresse, desconsideração, seria incapaz ter, maximé se tratando louvável expressivo futuroso empreendimento, mas, mas, apenas, desejo sincero e decisivo prestar a essa iniciativa de tão largo alcance e significação em ocasião mais oportuna e em condições mais adequadas adequadas e propícias o apôio e a assistência que, no momento atual, o Estado lamenta não estar habilitado a dispensar, como de sua vontade e dever. Espero e confio que Vossência dar a devida consideração ao assunto, proporcionando, assim, uma solução razoável e acertada. Atenciosas saudações (ass.)
Magalhães Barata — Interventor Federal.

Tomando conhecimento dessa representação do Govêrno do Estado do Pará e dos termos do telegrama que, nesse mesmo sentido, foi passado pelo Dr. Raimundo Avertano Barreto da Rocha, vice-presidente em exercício da Comissão Organizadora Local que funciona em Belém, a Comissão Organizadora Central do referido certame, com sede nesta capital, tomou a deliberação de transferir a data da instalação do X Congresso Brasileiro de Geografia para 7 de Setembro de 1944, enviando ao Interventor Federal no Estado do Pará o telegrama abaixo transcrito:

“De Rio, D. F. — OF. — S/N — Em 22-7-43 —
Tenho a honra de acusar recebimento telegrama n.º 781, de 15 corrente mês, em que Vossência acordo pensamento Comissão Organizadora Local Décimo Congresso Brasileiro de Geografia e evidenciando dificuldades transporte e outras, decorrentes estado guerra em que se acha país, pede Comissão sob minha presidência considerar possibilidade adiamento reunião referido Congresso, que deveria realizar-se de 7 a 16 Setembro corrente ano, na capital desse Estado, sob Presidência Honra S. Ex. Sr. Dr. Getulio Vargas e alto patrocínio Ministério Educação e Instituto Brasileiro Geografia Estatística. Em resposta, cabe-me comunicar Vossência que, depois ouvir Sociedade Geografia do Rio de Janeiro, promotora referido certame, e tendo em vista aqueles relevantes motivos levaram Govêrno Estado Pará e Comissão Organizadora Local a sugerir transferência realização Congresso, tomamos deliberação fixar para sete Setembro ano próximo vindouro consoante indicação expressivo telegrama Vossência, a data para instalação nessa capital do Décimo Congresso Brasileiro Geografia. Apraz-me levar alto conhecimento Vossência que

Comissão Organizadora Central deu-me incumbência, que ora me desobriço com maior satisfação, de exprimir eminentemente Interventor Federal Estado Pará desvanecimento com que recebeu suas palavras estímulo e e com as quais se dignou Vossência emprestar decidido apôio esclarecido Governo paraense para realização Congresso em o ano próximo vindouro, ocasião mais propícia ao brilhantismo patriótico certame tão alto alcance cultural. Estamos mesmo convencidos de que adiamento reunião para 1944 virá favorecer empreendimento, proporcionando oportunidade para recebimento maior número adesões, aliás já vultoso, elaboração novas teses, estudos e indicações, bem assim facilitar incumbência a cargo Comissão Organizadora Local, cuja eficiente dedicada colaboração muito contribuirá para completo êxito certame geográfico a realizar-se, pela primeira vez, região Amazônica. Cumprindo ainda grato dever manifestar Vossência nosso reconhecimento pelas atenções dispensadas e agradecer bondosas referências feitas minha pessoa, aproveito ensejo para renovar Vossência protestos meu elevado apreço e viva admiração. Atenciosas saudações (ass.) F. A. Raja Gabaglia Presidente Comissão Organizadora Central Décimo Congresso Brasileiro Geografia.

A Comissão Organizadora Central tomou ainda a deliberação de comunicar pessoalmente ao Srs. Presidente da República e Ministro da Educação e telegrafar às demais altas autoridades administrativas, federais e estaduais, participando o adianmento da realização do Congresso.

Secretaria da Comissão Organizadora Central

Rio, D. F., em 22 de Julho de 1943.

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO-DE-JANEIRO NO ANO DE 1942

Consoante disposições legais, venho, como presidente da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, apresentar-vos o "RELATÓRIO" dos principais acontecimentos ocorridos durante o ano de 1942.

Antes de iniciar, quero primeiro frisar que o ano próximo findo foi sem dúvida um ano "heróico", sim, heróico porque, nas terríveis contingências da vida atual, a Sociedade pôde vencer mais um ano de vida enfrentando grandes dificuldades de ordem financeira. Não fôra a dedicação dos seus ilustres e abnegados sócios, dificilmente ela poderia ter mantido as suas atividades ininterruptas. Refiro-me à completa ausência de auxílio pecuniário, causada pelo atraso do recebimento da subvenção anual, atraso este que perdura até o momento.

ASSEMBLÉIS GERAIS

Durante o exercício findo, de acordo com a forma estatutária vigente, foram efetuadas três Assembleias Gerais. A de 25 de fevereiro foi convocada para aprovar o "Relatório" da Presidência sobre as atividades da Sociedade e da sua vida social em 1941. Como deveis estar recordados, a ela não compareci por estar internado num estabelecimento hospitalar afim de ser operado, sendo substituído pelo nosso operoso 1.º Vice-Presidente, ministro Bernardino José de Sousa, que presidiu a sessão que ao mesmo tempo era "Solene" comemorando-se naquela data o 59.º aniversário da fundação deste sodalício. Como de costume, o nosso estimado Orador Oficial, desembargador Carlos Xavier Pais Barreto, pronunciou o discurso alusivo à significação da efeméride comemorada. A Assembleia de 16 de Setembro, convocada para a realização da Sessão Magna comemorativa do 59.º aniversário da instalação da Sociedade

em igual data de 1883, transcorreu brilhantemente, tendo sido pronunciados vários discursos referentes à data festejada. A terceira Assembléia do ano realizada em 29 de Dezembro para, em cumprimento aos "Estatutos", eleger a Diretoria, Conselho Diretor e as Comissões Permanentes de Contas e da Revista, tinha sido convocada para 24 de Dezembro, mas, não havendo número legal de membros, foi efetuada naquela data em segunda convocação, isto é, com qualquer número. Nessa Assembléia foi eleita a nova Diretoria encarregada de dirigir a Sociedade no biênio 1943-1944.

SESSÕES DO CONSELHO DIRETOR

Em 1942 foram realizadas dez Sessões da Diretoria e do Conselho Diretor da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro. Todas Ordinárias. Na forma do costume, no transcurso dessas sessões, além dos assuntos de ordem administrativa que foram tratados, sempre as mesmas foram abrilhantadas por conferências, comunicações e efemérides, que atraíram à sede da Sociedade numerosa e seleta assistência. Em muitas sessões foram empossados sócios recipiendários, sendo os mesmos saudados pelo Orador Oficial.

CONGRESSOS

Após o êxito notável alcançado, em 1940, pelo Nono Congresso Brasileiro de Geografia, a Sociedade, graças ao apoio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na pessoa de seu egregio Presidente, Embaixador José Carlos de Macedo Soares, pôde desde logo organizar uma nova Comissão Organizadora encarregada de concretizar o Décimo Congresso Brasileiro de Geografia. Conforme vimos no Relatório do ano anterior, a Comissão Organizadora sofreu algumas modificações na sua constituição primitiva. Atualmente a Comissão Organizadora Central do Décimo Congresso Brasileiro de Geografia acha-se assim organizada: Presidente de Honra, Ministro João Severiano da Fonseca Hermes Júnior. Presidente, Professor Doutor Fernando Antônio Raja Gabaglia. Vice-Presidente, General Emílio Fernandes de Sousa Doca. Secretário-Geral, Cristovão Leite de Castro, 1.º Secretário, Murilo de Miranda Basto, 2.º Secretário, Geraldo Sampaio de Sousa, Tesoureiro, Carlos Augusto Guimarães Domingues. Vogais: Doutor Mário Augusto Teixeira de Freitas, Comandante Antônio Alves da Câmara Júnior, General Francisco de Paula Cidade e Comandante Anibal de Alves Bastos. Suplentes Comandante Arí dos San-

tos Rangel. Representantes de Instituições: Coronel Francisco Jaguaribe Gomes de Matos, Prof. Pierre Monbeig, Prof. Mário Campos Rodrigues de Sousa, Dr. José Gabriel Lemos Brito e Dr. Ruí de Almeida.

Foi também organizada definitivamente a Comissão Organizadora local do Décimo Congresso Brasileiro de Geografia sediada em Belem, Capital do Estado do Pará, na Avenida Nazaré 45. Esta Comissão está assim constituída: Presidente, Comandante Braz Dias de Aguiar. Vice-presidente, Doutor Avertano Rocha. Secretário-Geral, Doutor Miguel Pernambuco Filho. 1.º Secretário, Dr. Artur Cesar Ferreira Reis. 2.º Secretário, Dr. Luiz de Sousa Martins. Tesoureiro, Maria de Lourdes Jovita. Vogais: Jorge Hurley, José Coutinho de Oliveira, Carlos Estevão de Oliveira, Misael Seixas, Paulo Eleutério e Ernesto Cruz.

O Décimo Congresso Brasileiro de Geografia, promovido pela Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro^a realizar-se-á de 7 a 16 de Setembro de 1943 em Belem, sob a Presidência de Honra de Sua Excelência o Senhor Doutor Getúlio Vargas e alto patrocínio do Ministério da Educação e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tudo leva a crer que esse Congresso superará os anteriores, pois, antes mesmo de intensificar-se a sua propaganda, já apresentava resultados concretos deveras promissores. Assim verifica-se que, até Dezembro de 1942, já haviam aderido nada menos que 14 membros protetores, 70 cooperadores e 225 comuns. Todos os membros da Comissão Organizadora tem cooperado sem descanso na tarefa comum de materializar de forma triunfante a idéia de José Artur Boiteux o inesquecível idealizador dos Congressos Nacionais de Geografia.

VIDA SOCIAL

A Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, apesar das dificuldades apresentadas pelo momento internacional, tem procurado manter o mais intenso intercâmbio com as Sociedades congêneres nacionais e estrangeiras, mantendo correspondência, permutando revistas e trocando informações. É apreciável o número de cartas, ofícios, livros e brochuras de toda a espécie que tem chegado a esta Sociedade. Seguindo as tradições, temos empregado todo o esforço em manter as mais cordiais relações com as autoridades e com as agremiações congêneres. A Sociedade fez-se representar em várias solenidades cívicas e culturais. Solidarizou-se com os Poderes Pátrios na defesa da honra Nacional, pondo todo o seu patrimônio moral e ma-

terial à disposição das autoridades governamentais. A Sociedade compareceu a diversas sessões culturais promovidas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pelo Conselho Nacional de Geografia, pelo Instituto Brasileiro de Cultura, pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, pela Associação Baiana de Beneficência, pela Liga Esperantista Brasileira, pelo Centro de Oficiais Reformados do Exército e da Armada, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, pela Associação Brasileira de Imprensa, pelo Centro Carioca, pela Sociedade Brasileira de Filosofia, pelo Liceu Literário Português, pelo Gabinete Português de Leitura, pelo Clube de Engenharia e por outras instituições e ministérios.

BIBLIOTECA E MAPOTECA

Durante o ano de 1942, esses departamentos estieram sob a brilhante direção do dedicado Secretário-Geral, Dr. Carlos Domingues, que acumulou as funções de bibliotecário substituindo interiramente o Dr. Alexandre Emílio Sommier, que por motivo de saúde, teve de renunciar aquele cargo. A Biblioteca foi objeto de grandes cuidados, tendo-se providenciado a admissão de mais um funcionário a fim de zelar melhor pela sua conservação. As estantes passaram por uma arrumação e limpeza completa, fazendo-se um expurgo geral. Os trabalhos de catalogação continuam em curso. A Biblioteca foi enriquecida com várias obras, algumas por doação e outras por permuta, assim discriminadas: Por doação ou ofertas: 123 obras. Por permuta, 215 obras. Tanto a biblioteca como a mapoteca atenderam inúmeros consultantes, que examinaram as seguintes obras: Geografia — 227. Etnografia — 51. Filosofia — 37. Meteorologia — 11. Literatura — 28. Obras Gerais — 83. Ao todo 437 obras, além de revistas e outras publicações.

PUBLICAÇÕES

A distribuição da nossa tradicional "Revista da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro" prosseguiu, sendo feita a expedição do volume XLVIII, referente ao ano de 1941. O volume XLIX correspondente a este ano constará de 103 páginas com copioso material cultural. Cumprem-me agradecer aos ilustrados consócios Drs. Alberto Couto Fernandes, Alexandre Emílio Sommier, Carlos Domingues Leopoldo Feijó Bittencourt e Rodrigo Otávio Filho, membros da Comissão de Redação da

Revista, a dedicação e interesse que tem revelado na execução de sua árdua tarefa.

ADMISSÃO DE SÓCIOS

Prosseguindo na campanha de aumento do quadro social, tem sido infatigável o interesse dos nossos associados em proporem novos candidatos para integrarem o nosso quadro social. Assim, temos a satisfação de acusar um acréscimo de mais dez confrades, que vieram enriquecer o nosso Sodalício com o brilho de suas atividades. Trata-se de oito "Titulares" e de dois "Correspondentes".

SECRETARIA E TESOUREARIA

Os serviços desses importantes departamentos administrativos da Sociedade, brilhantemente dirigidos, respectivamente, pelos ilustrados consócios Dr. Carlos Domingues e João Ribeiro Mendes na Secretaria e Dr. Alberto Couto Fernandes na Tesouraria, tiveram a seu cargo a resolução de espinhosíssimas tarefas, como seja a de equilibrar o orçamento da Sociedade. Com efeito deve-se ao Secretário-Geral e ao Tesoureiro a Sociedade não ter fechado as suas portas. Graças à operosidade de ambos, a Sociedade conseguiu um empréstimo sem juros concedido magnanimamente pela Presidência do X Congresso Brasileiro de Geografia na importância de nove mil cruzeiros (Cr\$ 9.000,00). Esse empréstimo foi solicitado em 6 de Agosto e em 29 de Outubro de 1942. Quero assinalar aqui o nosso reconhecimento à Diretoria da Comissão Organizadora Central do X Congresso Brasileiro de Geografia, especialmente ao seu Presidente, Prof. Fernando Antônio Raja Gabaglia, e ao 1.º Secretário, Dr. Murilo de Miranda Basto.

CONFERÊNCIAS

O ano próximo findo foi fecundo em trabalhos de ordem cultural forma pela qual a Sociedade continuou o seu programa de difusão de conhecimentos sobre a Geografia do Brasil através de uma série de conferências promovidas pela Sociedade. Essas palestras estiveram a cargo de lídimas expressões dos nossos meios culturais, constituindo um estímulo para os estudiosos da Geografia Pátria, principalmente para a mocidade de nossas escolas, que sempre em número crescente assistiram as mesmas. Os principais trabalhos realizados nesse setor de nossas atividades foram os seguintes: Em 9 de Abril, a

Sociedade teve o prazer de ouvir a interessantíssima palestra do nosso confrade Prof. Dr. Mateus Augusto de Oliveira, intitulada "O Litoral Paraibano na Econômia do Estado". Em 7 de Maio, o Prof. Dr. Francisco José Rodrigues de Oliveira pronunciou magnífica conferência sobre o tema "A navegação do Paraíba no Norte Fluminense". Em 2 de Julho, a Sociedade teve o júbilo de apresentar aos seus associados duas conferências, ambas de grande valor instrutivo pronunciadas respectivamente pelos Srs. General José Vieira da Rosa, sobre o tema "Geografia de Santa Catarina" e do Coronel Luiz Mariano de B. Fournier, intitulada "Uma solução para o problema das Secas do Nordeste". Como deveis estar lembrados, essa sessão teve singular expressão com a oferta feita à Sociedade pela Exma Sra. Arací Tolentino de Sousa de um notavel mapa do Estado de Santa Catarina, trabalho gravado em madeira e de autoria de seu digno pai, o nosso dedicado consócio General Vieira da Rosa. Também, a conferência do Coronel Fournier em razão dos conceitos emitidos de uma forma técnica e prática insuperáveis, foi enviada em cópia ao Exmo. Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas, contribuindo dessa forma a Sociedade para a solução de problemas de ordem geográfica que mais afetam o nosso país. Em 12 de Outubro a nossa Sociedade comemorou de forma solene o 450.º aniversário da descoberta da América organizando uma Sessão Especial abrihantada sobremodo pela conferência do ilustre e veterano confrade Comandante Cesar Feliciano Xavier, intitulada "Colombo e o Descobrimento da América". Em 5 de Novembro, novamente, o General José Vieira da Rosa nos deu o prazer de ouvir mais uma interessante palestra, na qual explanou as dúvidas existentes entre a classificação de certas serras do Brasil Meridional em relação à Serra do Mar e à Serra Geral. Essa palestra foi ilustrada pela apresentação de mapas do autor sobre o assunto debatido com o nome de "Serras e Litorais dos quatro Estados do Sul". Em 12 de Novembro, a Sociedade abriu novamente as suas portas para ouvir a conferência do nosso ilustrado sócio Engenheiro Cristovão Leite de Castro e digno Secretário-Geral do Conselho Nacional de Geografia, sobre o tema atualíssimo "Atualidades da Geografia Brasileira". Essa conferência teve numerosíssima assistência que pôde assim avaliar a formidável obra executada pelo Conselho Nacional de Geografia no domínio da Cartografia e em diversos setores da Geografia Nacional através de uma exposição de cartas geográficas e cartogramas exibidos no salão de conferências da Sociedade. Nessa ocasião, o Dr. Cristovão Leite de Castro sugeriu a execução de um programa de colaboração en-

tre a Sociedade e o Conselho Nacional de Geografia, o qual foi tomado na devida conta e se encontra em estudos. Além dessas conferências, que foram todas públicas, durante as sessões do Conselho Diretor tivemos oportunidade de ouvir interessantes comunicações geográficas, como por exemplo a do Dr. Mário Rodrigues de Sousa que foi nosso representante no Batismo Cultural de Goiânia realizado em Julho de 1942. Houve ainda uma comunicação do General Salvador Barbalho Uchôa Cavalcanti acerca do trabalho do Prof. Francis Ruellan relativo aos métodos de ensino da Geografia, e do Dr. João Ribeiro Mendes, sobre a obra do geógrafo e naturalista brasileiro do século XVIII Alexandre Rodrigues Ferreira, e a bela preleção sobre os sistemas de Galileu e Copérnico feita pelo preclaro consócio Rev. Padre Francisco Xaxier Lana. Em suma, temos a certeza de que o ano foi profícuo em trabalhos que só podem orgulhar a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, que cumpre dessa forma seus alevantados fins.

MELHORIAS NA SEDE SOCIAL

Continuando o nosso programa de tornar na medida do possível a sede da Sociedade mais confortavel e condigna com as suas finalidades, a administração teve o cuidado de levar a cabo as melhorias já iniciadas no ano passado que, como deveis lembrar-vos, consistiram na remodelação do telhado, das clarabóias e na pintura geral do interior do prédio. Em 1942, também, apesar das dificuldades financeiras conseguimos, graças à colaboração do Décimo Congresso Brasileiro de Geografia, renovar as instalações elétricas da Sociedade, fazendo remodelar o antiquado sistema de comutadores elétricos, comprando lustres que muito molhoraram as dependências da Sociedade, especialmente do salão de conferências. Não fôra a ausência de numerário, maior teria sido a amplitude dessas modificações. Cumpre-me agradecer ao Dr. Alberto Couto Fernandes, nosso incansavel Tesoureiro, o zelo que tem demonstrado em providenciar de forma perfeita a execução das aludidas melhorias. Também assinalo os nossos agradecimentos ao operoso e distinto consócio Dr. Murilo de Miranda Basto, 1.º Secretário da Comissão Organizadora Central do Décimo Congresso de Geografia, pela cooperação e dedicação demonstradas para conosco, na concretização dessa tarefa.

NOVA DIRETORIA

Obedecendo aos estatutos a Diretoria da Sociedade convocou para o dia 24 de Dezembro de 1942 (1.ª Convocação) a

Assembléa Geral Ordinária afim de ser eleita a Diretoria, o Conselho Diretor e as Comissões Permanentes de Contas e da Revista que regerão os destinos da Sociedade no biênio 1943-1944. Por falta de número legal, foi novamente convocada a Assembléa Geral Ordinária para o dia 29 de Dezembro de 1942. De acordo com os estatutos essa Assembléa pôde ser realizada com qualquer número.

Nessa data, reuniu-se a Assembléa Geral Ordinária para eleger a Diretoria, o Conselho Diretor e as Comissões Permanentes que deverão dirigir a Sociedade de 25 de Fevereiro de 1943 a 23 de Fevereiro de 1945, ou seja para o período correspondente ao biênio 1943-1944. Compareceram a mesma 24 sócios, procedendo-se a eleição na forma legal. De acordo com o resultado do escrutínio é a seguinte a Diretoria Administrativa da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro para o biênio 1943-1944:

DIRETORIA PARA O BIÊNIO 1943-1944

- Presidente — Ministro Almirante Raul Tavares.
 1.º Vice-Presidente — Ministro Bernardino José de Souza.
 2.º Vice-Presidente — Doutor Taciano Accioli Monteiro.
 3.º Vice-Presidente — General Emílio Fernandes de Sousa Doca.
 Secretário-Geral — Doutor Carlos Augusto Guimarães Domingues.
 1.º Secretário — Doutor João Ribeiro Mendes.
 2.º Secretário — Epitácio Monteiro Pessoa.
 Tesoureiro — Doutor Alberto Couto Fernandes.
 Orador-Oficial — Desembargador Carlos Xavier Pais Barreto.

CONSELHO DIRETOR

- 1 — General Artur Pinheiro da Silva.
- 2 — " Heliodoro de Miranda.
- 3 — " José Vieira da Rosa.
- 4 — " Salvador Barbalho Uchoa Cavalcanti.
- 5 — Coronel Francisco Jaguaribe Gomes de Matos.
- 6 — Major Manuel Carlos de Sousa Ferreira.
- 7 — " Frederico Augusto Rondon.

- 8 — Comandante Cesar Feliciano Xavier.
- 9 — " Luiz Alves de Oliveira Belo.
- 10 — Engenheiro Cristóvão Leite de Castro.
- 11 — " Mário Rodrigues de Sousa.
- 12 — Doutor Francisco José Rodrigues de Oliveira.
- 13 — " Francisco de Sousa Brasil.
- 14 — " Herbert Canabarro Reichardt.
- 15 — " José Matoso Maia Forte.
- 16 — " José Wanderley de Araujo Pinho.
- 17 — " Murilo de Miranda Basto.
- 18 — " Paulo José Pires Brandão.

COMISSÃO DE REDADÇÃO DA REVISTA

- 1 — Doutor Alberto Couto Fernandes.
- 2 — " Alexandre Emílio Sommer.
- 3 — " Antônio Santos Oliveira Júnior.
- 5 — " Carlos Augusto Guimarães Domingues.
- 4 — " Fernando Antônio Raja Gabaglia.

COMISSÃO DE CONTAS

- 1 — Coronel Luiz Mariano de Barros Fournier.
- 2 — Doutor José Joaquim da Trindade Filho.
- 3 — " Leopoldo Feijó Bittencourt.
- 4 — " Randolpho Fernandes das Chagas.
- 5 — " Rodrigo Otávio Langaard Menezes Filho.

A seguir damos o balancete apresentado pelo Diretor-Tesoureiro, bem como o parecer da Comissão Permanente de Contas sôbre o mesmo, devidamente assinado na forma legal.

BALANCETE REFERENTE AO ANO DE 1942.

	Cr\$	Cr\$
Saldo de 1941	1.765,35	
Quotas de Sócios	9.565,00	
Donativos	273,30	
Juros	704,60	
Quotas do Instituto dos Comerciários ...	288,00	
Venda de exemplares da Revista	27,50	
Indenização	136,00	
Empréstimos	12.000,00	
Vencimentos do pessoal		13.200,00
Consertos no prédio		3.148,00
Percentagem ao cobrador		1.913,00
Quotas do Instituto dos Comerciários ...		633,00
Material de Expediente e despesas miudas.		703,30
Selos, estampilhas, telegramas e registados.		337,90
Seguro contra fogo		360,90
Consumo de Luz elétrica		512,30
Assinatura do telefone 42-4357		716,40
Catologação de Livros		2.112,00
Juros do empréstimo feito ao Banco Mer-		306,50
cantil		619,80
Conservação e asseio		196,65
Saldo para 1943		
	<u>24.759,75</u>	<u>24.759,75</u>

Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1943.

a) Alberto Couto Fernandes
Tesoureiro

PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS

Vistos e estudados os balancetes e respectivos comprovantes, elaborados pela Tesouraria da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, referentes ao exercício de mil novecentos e quarenta e dois, somos de parecer que sejam os mesmos aceitos, tendo em vista a exatidão dos lançamentos efetuados.

Propomos a egregia Assembléia Geral a provação das contas apresentadas, juntamente com um voto de louvor e agradecimento ao digno Diretor-tesoureiro, Dr. Alberto Couto Fernandes, bem como aos seus auxiliares de Tesouraria pelo desempenho cabal que souberam dar aos seus multiplos e espinhosos cargos.

A Comissão de Contas Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, 23 de Fevereiro de 1943. Dr. Francisco de Sousa Bra-

sil, relator — Almite. Francisco A. de Sousa e Melo — Cel. Luiz Mariano de Barros Fournier. — Dr. J. Paulo de Medeyros — Major Manoel Carlos de Sousa Ferreira.

No que acima foi exposto, se resumem os acontecimentos que assinalaram mais um ano de existência da Sociedade Geografia do Rio-de-Janeiro.

Tenho certeza de que, ao fazermos um retrospecto dos principais fatos ocorridos em 1942, estes só nos podem orgulhar. Pessoalmente, empreguei todo o meu esforço e entusiasmo, de modo que correspondesse à confiança com que me honraram elegendo-me mais uma vez, isto é, para o biênio 1943-1944.

Antes de terminar, não posso deixar de agradecer calorosamente a todos aqueles que pela sua preciosa e eficiente colaboração foram os esteios da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro num ano de lutas ingentes que serviu para galvanizar ainda mais a férrea vontade que nos anima, em desenvolver mais, sempre mais o patrimônio moral e material que nos legaram os seus fundadores.

Igualmente, agradeço aos demais membros da Diretoria, do Conselho Diretor e das Comissões Permanentes o trabalho, a dedicação e a atividade desenvolvida em prol da Sociedade, fator que extraordinariamente concorreu para o triunfo alcançado.

Aos ilustres consócios em geral, envio meus agradecimentos, pelo singular e esplêndido apoio dada à Sociedade, pelo seu comparecimento às sessões promovidas dando-lhes notável esplendor.

A todos sem distinção, concito a trabalhar pela prosperidade, prestígio e grandeza da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, concorrendo dessa forma para o alevantamento da cultura e engrandecimento do Brasil.

Rio de Janeiro, 25 de Fevereiro de 1943.

a) *Ministro Almirante Raul Tavares* — Presidente.

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

RETIFICAÇÃO

O trabalho inserto nas páginas 78 a 86 do Tomo XLIX de 1942, da Revista da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, de autoria do Sr. General Salvador Uchoa e intitulado "Considerações sôbre a Geografia" apresenta algumas falhas tipográficas que escaparam à revisão. Entre elas, damos a relação das que podem modificar o sentido do pensamento do autor, e quanto às demais deixamos a correção à benevolência do leitor inteligente:

ERRATA

	Onde se lê	Leia-se:
Pág. 79 linha 25	— Contista	Cientista
" 79 " 33	— suportado	despertado
" 80 " 38	— Política	Prática
" 82 " 28	— fragmentos	pregueamentos
" 82 " 28	— fôlhas	falhas
" 82 " 31	— galerias	geleiras
" 84 " 1	— teórica	técnica
" 85 " 40	— desenham-se	desenvolvem
" 86 " 13	— coordenada	ordenada
" 86 " 26	— das partes	dos pontos

FUNDAÇÃO, FIM E SEDE DA SOCIEDADÉ

A Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, fundada em 25 de fevereiro de 1883, instalada a 16 de setembro do mesmo ano e reconhecida de utilidade pública pelo Decreto n.º 3.440, de 27 de dezembro de 1917, tem sede na cidade do Rio-de-Janeiro, capital da República dos Estados Unidos do Brasil.

Promoverá, para os estudos geográficos, sessões, conferências, congressos científicos, nacionais e internacionais, exposições, viagens, investigações e publicações do gênero.

A Sociedade compõe-se das seguintes categorias de sócios:

- I) Sócios Beneméritos.
- II) Sócios Honorários.
- III) Sócios Remidos.
- IV) Sócios Efetivos.
- V) Sócios Titulares.
- VI) Sócios Correspondentes.

O ingresso na Sociedade pode ser feito pelas categorias de sócios "Titulares" e "Correspondentes".

Sócios Titulares, sem limite de número, são os que, residindo no Distrito Federal ou em localidades próximas, tenham revelado pendor para o estudo de geografia brasileira, ou realizado trabalhos sobre matérias com ela relacionadas.

Sócios Correspondentes são os que, satisfazendo as exigências da categoria anterior, não residam no Distrito Federal ou nas suas proximidades.

A admissão de sócio "Titular" ou "Correspondentes" será feita mediante proposta assinada por três ou mais sócios e devidamente fundamentada.

A proposta deverá ser acompanhada da aquiescência do candidato, por escrito, e receberá parecer da Diretoria para ser votada na sessão subsequente do Conselho Diretor.

A admissão do sócio só se efetiva após o pagamento da jóia e da contribuição regulamentar.

O sócio "Titular" pagará a jóia de Cr\$ 30,00, e Cr\$ 15,00 por trimestre adiantadamente.

O sócio "Correspondente" contribuirá com a quota anual de Cr\$ 20,00.

Toda correspondência deve ser remetida para:

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO-DE-JANEIRO
PRAÇA DA REPÚBLICA, 54, SOB.
Rio-de-Janeiro — D. F.
BRASIL

SOLICITA-SE PERMUTA
ONI PETAS INTERSANGON
ROGAMOS CANJE
ON DEMANDE ÉCHANGE
EXCHANGE IS SOLICITED

CIU KORESPONDAJO DEVAS ESTI ADRESATA AL:

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO
Praça da República, 54 — Sob.
RIO DE JANEIRO — D. F.
BRASIL.